

REVISTA DA SEMANA

N.º 48

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

29-11-47



PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo ALMANAQUE EU SEI TUDO, para 1948, que será posto a venda em todo o Brasil, na primeira quinzena de Dezembro do ano corrente. Por Cr \$ 15,00, - no país inteiro - os seus leitores conhecerão o que há de moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes e um calendário completo para 1948.



PEDIDOS À

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n°. 15,
RIO DE JANEIRO

Atende-se pelo Reembolso Postal
sem aumento de preço

Almanaque Eu Sei Tudo



O acontecimento de repercussão mundial desta semana foi o casamento, em Londres, da princesa real Elizabeth, herdeira do trono inglês, com o príncipe grego Philip Mountbatten, cidadão inglês por efeito de naturalização. O casal, que tomou o nome de duque e duquesa de Edimburgo, é constituído por dois tetra-netos de Victória, a Grande. Presentes do mundo inteiro e congratulações de todas as nações civilizadas foram recebidos em Londres pelos nubentes. Em suma: uma cerimônia magnífica, pela pompa como pela repercussão social do enlace. A cidade foi abalada por um caso passionai que despertou grande emoção. Um sargento do Exército, Mario Carneiro, casado e pai de vários filhos, apaixonou-se por Dora Eaton Ramos, esposa de um tenente do Exército e mãe de vários filhos. Os dois fizeram-se amantes, mas, como eram amigos dos esposos enganados e a situação era difícil de manter, chegaram à conclusão de que só havia uma saída para aquele amor culpado, — a morte. E se mataram, com veneno, no Real Hotel, na Avenida Niemeyer. Chegou ao Rio o novo embaixador argentino, sr. Juan Isaac Cook, substituto do general Nicolás Acame, tendo festiva recepção. Encerrou-se a "Semana da Asa", com uma série de brilhantes festejos. No domingo passado, o popularíssimo ator Procópio Ferreira (vide, nesta edição, a reportagem sobre a peça que ele mantém no cartaz do Serrador) foi acometido de súbita enfermidade, passando horas entre a vida e a morte. Felizmente, a hora em que encerrávamos esta edição, o grande ator já estava completamente fora de perigo. Como a tradição teatral manda, os espetáculos devem continuar, — e Bibi Ferreira deu uma prova do seu domínio sobre seus próprios nervos, representando o seu papel, domingo, enquanto ansiosamente aguardava notícias do estado de saúde de seu pai. O ator Rodolfo Mayer mais uma vez deu uma prova de seu amor ao teatro assim como do seu coleguismo, assumindo a responsabilidade do papel de Procópio em "Divórcio" com duas horas apenas de ensaio. Nesta semana, a grande atriz Dulcina de Moraes está encerrando sua brilhantíssima temporada no Teatro de Arte do Rio de Janeiro, no palco do Municipal, com a belíssima realização que é "Já é manhã no mar...", peça de Maria Jacintha, que vive magistralmente, com a colaboração de Odilon, Vanda Marchetti, Mara Rubia, Aurora Aboim, Jardel Jercolis Filho, Luis Delfino, Paulo Moreno e outros valores. O sr. Otávio Mangabeira, governador da Bahia, que aqui se encontra, participando dos entendimentos sobre o projetado acordo político, aproveitou a pausa havida nas conversações, em virtude da realização das eleições municipais em vários Estados, para submeter-se a uma delicada operação cirúrgica. O ilustre prócer udenista foi operado sábado pela manhã, com o maior êxito, sofrendo a extração do bôcio, e ora se encontra ainda em tratamento no Hospital dos Estrangeiros. Vem passando perfeitamente bem, não se sabendo ainda exatamente em que dia terá alta. Supõe-se, porém, que S. Excia. já estará plenamente restabelecido ao fim desta semana. A fim de facilitar o barateamento dos produtos de Natal, brinquedos, castanhas, passas, nozes, etc., o prefeito Mendes de Moraes autorizou a venda desses artigos nas feiras-livres. A ordem nesse sentido já foi transmitida à Secretaria de Agricultura. Um pequeno submarino que pode atingir a profundidade "record" de oitocentos metros, está em construção nos estaleiros de Lacco, nas proximidades de Milão. Esse submarino, que tem sete metros de comprimento, um metro de diâmetro, e peso de sete toneladas e a forma de torpedão, será lançado brevemente às águas do lago Como e será utilizado exclusivamente na recuperação de navios afundados durante a guerra. O novo submarino tem dois motores: um, de cinquenta cavalos para a navegação de superfície, e outro, de vinte cavalos, para a navegação de mergulho. Esses motores assegurarão uma autonomia de trinta e cinco horas. O submarino terá igualmente possantes faróis, que permitirão à sua tripulação de dois homens observar as profundezas submarinas. Um grande incêndio devorou a Farmácia Mundial, na rua São José. Talvez por efeito do "big" queima que costumam realizar durante o ano a fio certas casas comerciais daquele quarteirão... De Lisboa, anunciam que o almirante Gago Coutinho, que esteve passando mal, com uma pneumonia, mandou cancelar a passagem que lhe haviam reservado para o outro mundo e marcha para comemorar os seus 81 anos gloriosamente... Num desastre de avião, no Rio Grande do Sul, ficou ferido o sr. Moysés Lupton, governador do Estado do Paraná. Embora tivesse morrido um dos tripulantes do avião, os ferimentos do governador não foram de natureza grave. O sr. Novelli Junior, vice-governador eleito de São Paulo e médico há vários anos, foi surpreendido pela objetiva do "O Globo" quando prestava exames de Direito Público, na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Dentro em breve, o sr. Novelli Junior será também bacharel. E' pouco assíduo às aulas, dizem os mestres, mas passa nos exames com boas notas. Reassumiu o cargo de ministro da Fazenda o sr. Correia e Castro. E o PSD aprovou o esquema da UDN para o acordo partidário, restando agora saber-se como será feita a partilha das responsabilidades, ou seja, dos "cargos" e dos "encargos"... O cúmulo dos cumulos dos erros de revisão: um da seção de teatro do "Correio da Noite", anunciando, pelo Teatro de Câmara, a peça "Para o perú da roda"... Tratava-se, na verdade, da peça "Para além da vida"... E há também aquele tradutor da France Presse que traduziu um despacho publicado na primeira página do "Correio da Manhã" (ou pensa que traduziu...), no qual se lê, como tradução de "allocations familiares" (abonos familiares) a expressão "alocações familiares"... E por hoje, chega! Até sábado vindouro!



Pilsen-Extra Pilsen-Extra Pilsen-Extra Pilsen-Extra

Pilsen-Extra



UM PRODUTO DA
ANTARCTICA

Pilsen-Extra Pilsen-Extra

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, prever a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — O conto submetido a este concurso deve ter no mínimo três folhas datilografadas (sem efeito) em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, pitoresco humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias no estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade. Evitar o lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente assuntos em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e estas particularidades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM. AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Foalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES



Em cima: Dona Irene Costa, uma das senhoras que dedicam grande amor aos animais, fez esta confissão ao repórter: — "Se meu marido não gostasse de cães e esta divergência viesse a provocar o desquite, preferiria meus cachorrinhos a meu marido". Dona Irene dispende mais de mil cruzeiros mensais com os dois pequinês que aparecem na foto e com os cães abandonados que encontra na rua. Na página ao lado: detalhe de um rico mausoléu no cemitério de cães mantido pela Prefeitura. Calcula-se que mais de dez milhões de cruzeiros tenham sido gastos naquele cemitério pelos donos dos animais ali enterrados.

QUANTO CUSTA O SEU CACHORRO?

No combate ao imposto que o prefeito Angelo Mendes de Moraes quer fazer recair sobre os proprietários de cães muita demagogia se tem feito. Sobre a muitos milhares o número de pessoas que possuem cães em casa. E, por isso, aparecem cavaleiros que combatem sem mais aquela, o imposto, em si, porque pensam, com isso, agradar a esses milhares de proprietários de totós. O que o prefeito quer é bem claro. A taxa de duzentos cruzeiros anuais recairá somente sobre os cães de luxo, sobre esses cuja única finalidade é servir de adorno, quando suas donas saem a passear. Cães que têm dieta especial, que vão ao tosador todos os meses e que à menor cólica, têm à sua cabeceira o solícito veterinário. O prefeito achou que quem não pode pagar todos esses luxos, também poderá concorrer todos os anos com uma pequena taxa em benefício da coletividade. O que poderia ser discutido seria a aplicação desta verba. Centenas de pessoas, possivelmente, acham que quem possui um cão de luxo deveria de preferência sustentar uma criança abandonada ou orfã, tirando-a de um asilo. Outros opinam que o dinheiro deveria ser empregado em benefício dos próprios animais. Há ainda que pensar no perigo permanente da hidrofobia, transmitida pelos cães raivosos, geralmente sem dono.

No Instituto Pasteur, este ano, foram atendidas mais de quatro mil pessoas, ameaçadas de contrair o terrível mal. Como se vê, os cães abandonados dão

A VIDA FOLGADA DOS CÃES DE LUXO — CADELAS TAMBÉM FAZEM OPERAÇÕES CESARIANAS — CACHORROS QUE GASTAM OITO MIL CRUZEIROS NA POLICLÍNICA — VETERINÁRIO E TOSADOR TODOS OS MESES PARA OS TOTÓS GRANFINOS — DEZ MILHÕES DE CRUZEIROS ENTERRADOS NO CEMITÉRIO DE CÃES — "PREFERIRIA OS CACHORROS AO MEU MARIDO" — DESPESA MÍNIMA MENSAL DE UM CÃO DE LUXO.

Reportagem de Ney Machado ★ Fotos de Arnaldo Vieira

uma despesa considerável aos cofres da Prefeitura. Enquanto isso, os cães de luxo, têm um tratamento melhor que milhares de crianças nesta cidade. E pesam no abastecimento, agravando-o. Como isto é uma reportagem, vamos aos fatos.

CADELAS TAMBÉM FAZEM OPERAÇÕES CESARIANAS

Um dos mais antigos veterinários do Rio — e o único que vive apenas do seu consultório — é o doutor Emanuel Vasconcelos, com clínica de cães e gatos à rua Visconde de Pirajá. Esse veterinário atende de cento e vinte a cento e trinta cães por mês, cobrando a sessenta cruzeiros cada consulta. As doenças mais frequentes são as indigestões e os resfriados. O doutor Vasconcelos queixa-se da falta de veterinários existentes no Rio e no resto do país.

— Além de poucos, os veterinários da Prefeitura não têm responsabilidade profissional. Aparece um cão raivoso na zona da cidade que está sob o seu controle e o veterinário municipal não sofre nenhuma penalidade. Assim, é difícil terminar com a praga de animais raivosos no Rio!

— E a vacinação anti-rábica, doutor? — A vacina não adianta nada. É um verdadeiro "abacaxi". Nem a fabricada pela Prefeitura, nem a do Instituto Vital Brasil. Eu as aplico no meu consultório porque a isso sou obrigado por lei, mas nunca vi a prova de sua eficácia. Outro erro da Prefeitura; os caminhões apanhadores de cães, em vez de se dirigirem de preferência aos subúrbios e aos morros, onde existe uma infinidade de animais sem dono, à solta, estão sempre percorrendo a zona Sul. Naturalmente porque os cães apanhados aqui serão retirados mais tar-

de pelos proprietários e isso é lucro para o Hospital.

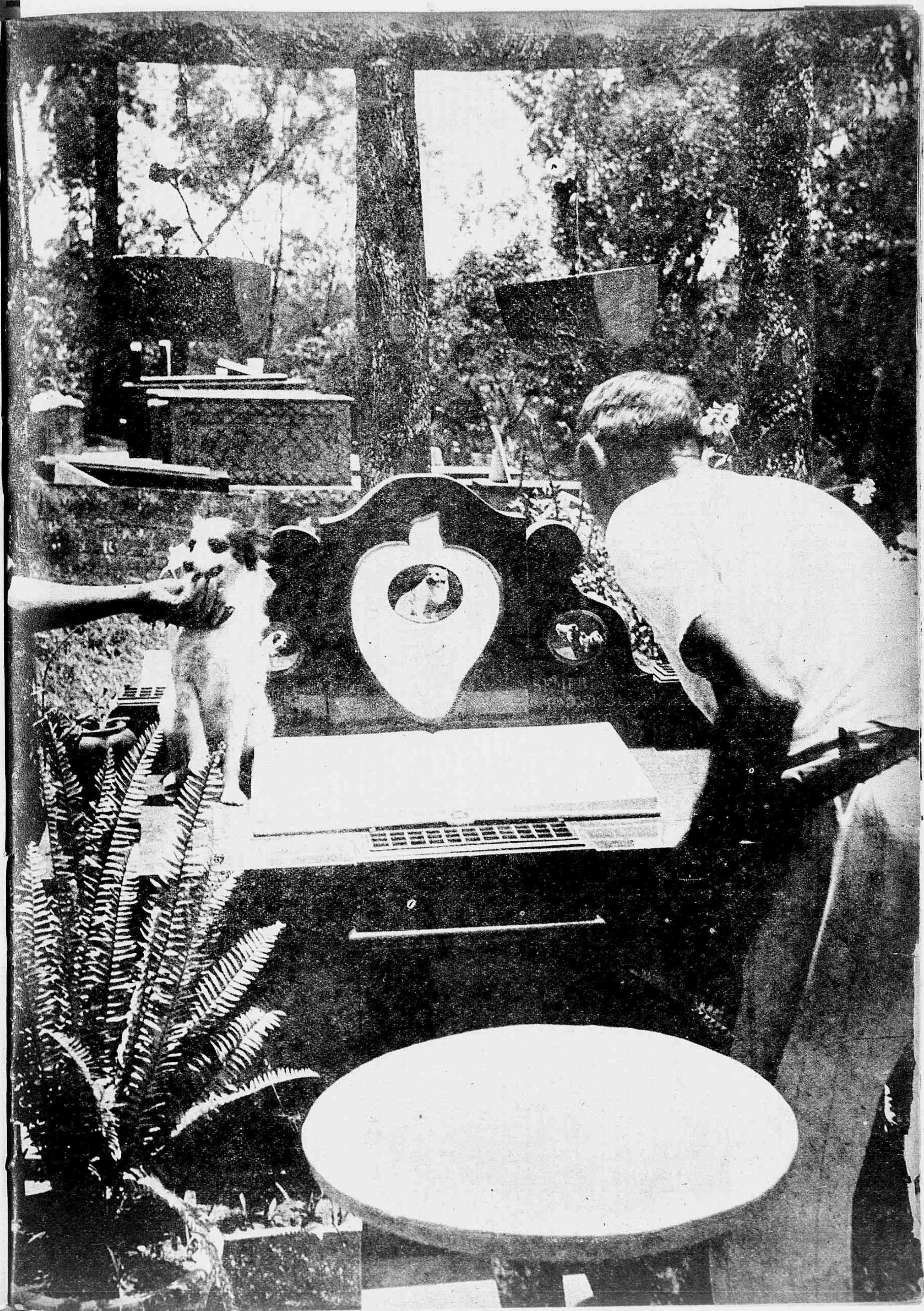
A conversa passa depois para assuntos da vida profissional do veterinário. Ele nos conta coisas curiosas. Por exemplo: é muito comum aparecerem cadelas cujos donos querem que sejam submetidas a operações cesarianas. O preço cobrado é de mil cruzeiros. A cadela-mãe, na maioria dos casos, não resiste ao choque operatório e falece setenta e duas horas depois da extração da ninhada. Disse-nos o médico veterinário que certas freguesas levam todos os meses seus animais ao consultório para exame. Recete ou não recete, a cliente sempre paga o preço da consulta. Mas o nosso entrevistado é intransigentemente contrário à criação do imposto sobre os cães.

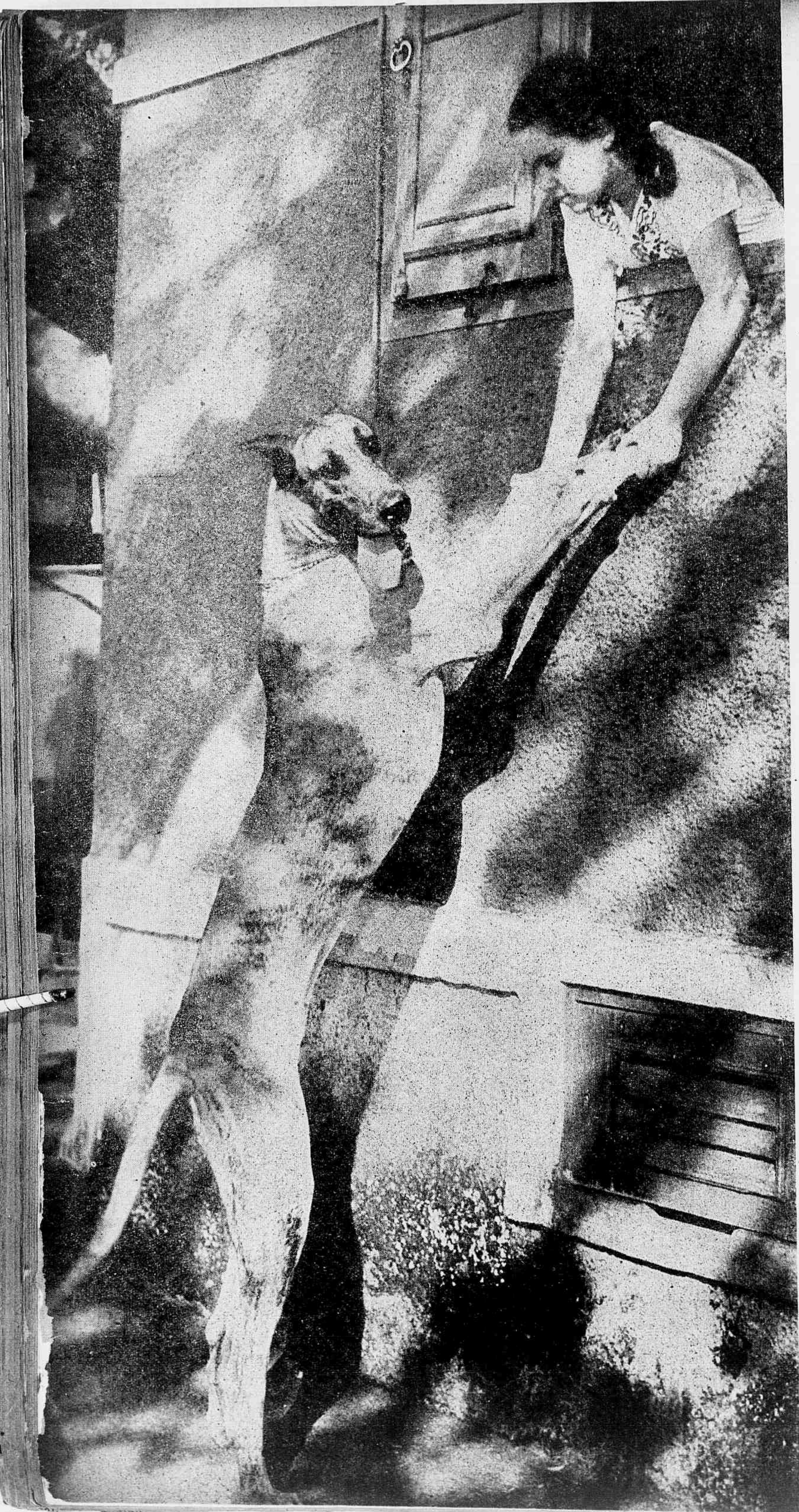
Antes de nos retirarmos, o doutor Vasconcelos repetiu:

— Eu sei que os meus colegas do Hospital Veterinário ficarão furiosos com as minhas declarações a respeito da vacina. Mas eu afirmo com experiência. O cão não tem raiva espontaneamente. Somente o contágio transmite o mal e a vacina não imuniza, se tiver havido contágio. Agora se você me pergunta como surgiu no cão a hidrofobia, bem, isso já é outra história...

UMA CENA DE TODOS OS DIAS

A limousine modelo 1946 parou silenciosamente à porta do hospital. O chofer, com uma farda generosa, abriu a porta para madame. Madame desceu afluente, com um lençinho de cam-





brala recebendo as lágrimas que lhe desciam pelo nariz. Apertava de encontro ao peito um pequeno volume, envolto em lãs caras. Um garoto maltrapilho, parado à porta do hospital, aproveitou a amargura e estendeu a mão: — "Uma esmolinha, senhora..." Madame soltou um grande soluço como resposta e embarafustou porta a dentro. O garoto não recebeu o níquel, mas se conformou. Parecia-lhe que havia tragédias maiores que a sua miséria. O estado angustioso da granfina chorosa parecia confirmar sua filosofia.

A tragédia era a seguinte: o cachorrinho bassê de madame comera demais e sofrera indigestão. Estava nesse momento sendo medicado, no ambiente confortável do hospital veterinário da rua Toneleros. Ali há de tudo: aparelhos de raios infra-vermelhos, ultra-violetas, choques elétricos e remédios caríssimos, como vitaminas B-1, injeções de cálcio, sulfas, penicilina, etc. Para a dieta ou super-alimentação dos cachorros, empilham-se nas prateleiras latas de leite condensado e fortificantes. O preço da consulta é de cinquenta cruzeiros. Quando o veterinário é chamado a domicílio, no próprio bairro, o preço é dobrado. Tratamentos especiais, internamentos e operações são cobrados à parte. Na porta do consultório há um cartaz avisando: "A estadia mínima é de dez dias. Preço de estadia: quatrocentos cruzeiros." Habitualmente ali existem dez cães internados. Alguns chegam a ficar de três a quatro meses, entregues aos mais variados cuidados veterinários. Há pouco tempo, um cão ficou vários meses em tratamento, com regimes, operações e outros cuidados especiais, recebendo o dono uma conta de oito mil cruzeiros, que pagou de bom grado, sem pestanejar. O hospital veterinário da rua Toneleros é completo. Além dos cães para internação, conta com sala de operações, consultório e tem anexo um tosador de cães. Atende, somente, para avilamento de receitas, a uma média de cento e cinquenta cachorros por mês.

OS MAIS CAROS FIGAROS DO RIO

Quando começa o verão, as granfinas de Copacabana fazem fila, com seus cães de luxo, diante da porta do tosador. Cada uma escolhe o corte de pêlo mais complicado possível. Quanto mais estranha se tornar a figura do animal, mais será notada no "footing" pela Avenida Atlântica. O corte pelo figarotador é dez vezes mais caro que o corte de cabelo dos homens. Cobra oitenta cruzeiros, podendo ficar ainda mais caro se madame exigir muita complicação depilatória. Os cachorros não se habituaram ainda com essa vaidade das donas. Quando a máquina zero corre por sobre o pêlo, os bichinhos tremem de fazer dó. Enquanto desenha clareiras no lombo de um cachorro o tosador vai nos contando:

— Não nos faltam fregueses. Certas pessoas, principalmente as estrangeiras, tosam os cães todos os meses. O preço varia de acordo com o tempo que levo para completar o trabalho. Às vezes passo mais de uma hora tosando e aparando, até que o pêlo fique de acordo com o desejo da dona.

Um dos diretores do hospital, doutor Celso de Carvalho, levou-nos a correr as instalações, enquanto nos dava informações. A respeito da vacina antirrábica, sobre a qual um seu colega tinha falado tão mal, o doutor Celso de Carvalho foi categórico. Garante que essa vacina, seja da Prefeitura ou do Instituto Vital Brasil, é excelente e eficaz. Declarou que as acusações do colega não procedem e que o seu emprego no hospital de cães nunca falhou nos resultados.

A menina Vera, filha do senhor José Engels, um dos maiores criadores de cães de raça do Brasil, ao lado de um "dinamarquês" que acabou de chegar dos Estados Unidos. Um exemplar semelhante a este já foi vendido pelo criador por vinte mil cruzeiros.



Declarou-nos o "figaro" que aparece na fotografia tosando um cão de luxo que, com a chegada do verão, as granfinas de Copacabana fazem fila com os seus totos, esperando a hora de tosquilá-los.

UMA GOTA D'ÁGUA NO OCEANO

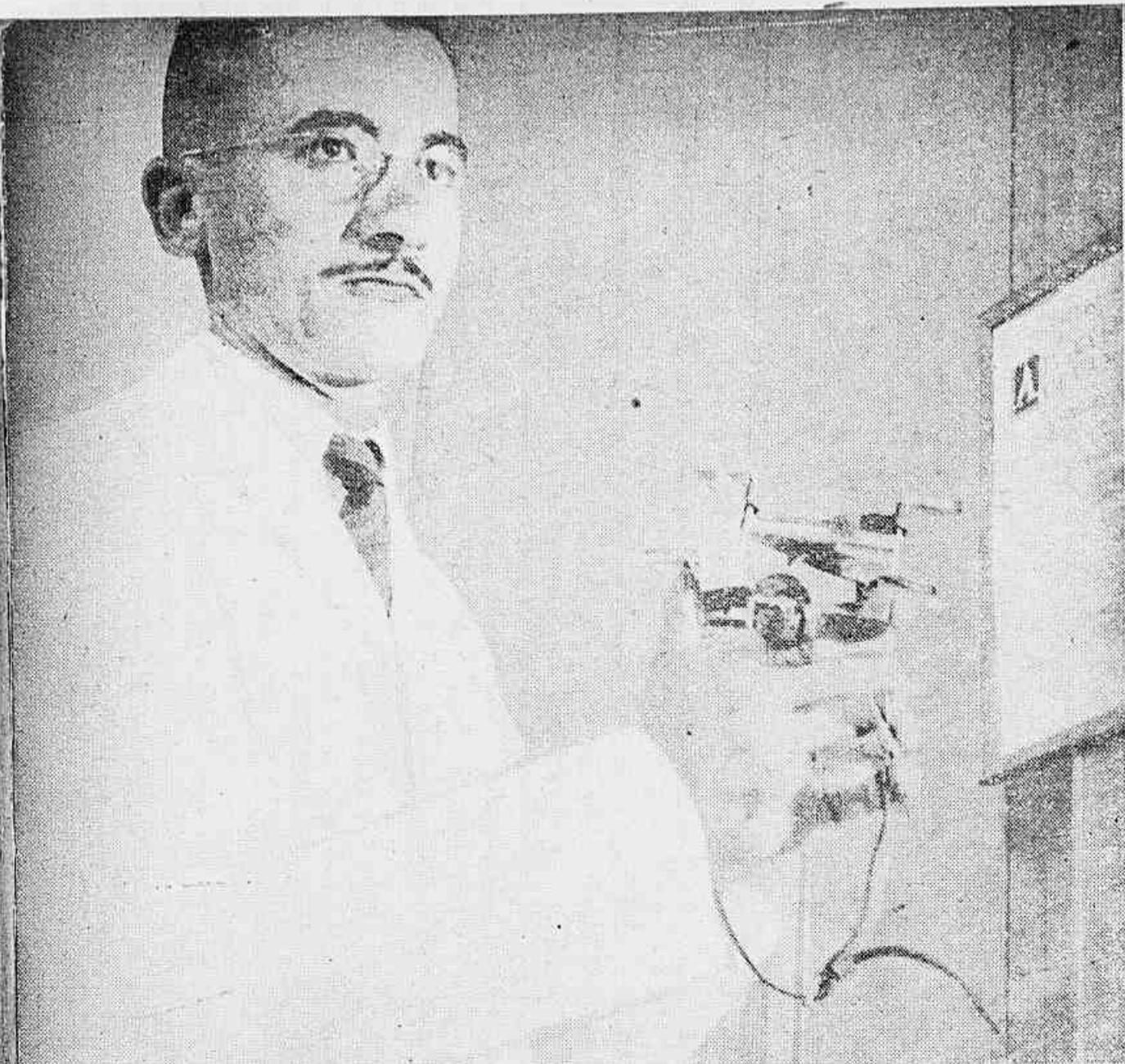
Há quase um ano estivemos no Hospital Veterinário da Prefeitura. O ambiente atual é o mesmo. Muita dedicação dos funcionários, mas completa ineficiência no combate ao cão vadio, transmissor da hidrofobia. Dentro de uma cidade com a vastidão do Rio, com bairros afastadíssimos do centro, subúrbios longínquos e morros distantes, o hospital conta apenas com dois caminhões para a apanha de cães. Dois carros estão parados há meses por falta de peças. E com essas duas "carrocinhas" o hospital finge que combate os cães sem dono. Apanha dia sim, dia não, cinquenta a sessenta cães. Isso no Rio, cidade que tem de cem mil (estimativa do prefeito Mendes de Moraes) a duzentos mil cães (estimativa do doutor Teixeira Godoy, médico do Hospital Veterinário), é uma gota d'água no oceano. Sabendo-se que uma cadela dá quatro ou cinco crias por ano, chegamos à conclusão que nascem mais cachorrinhos no Rio em meia hora do que o Hospital Veterinário recolhe em uma semana. Isto significa que a polícia sanitária daquele hospital, pouco ou quase nada adianta. Seriam necessários, no mínimo, vinte carros diariamente na rua, para que se extinguíssem os cães vadios dos morros, dos subúrbios e do próprio centro da cidade.

TRÊS MIL PESSOAS CHORAM PELOS CACHORROS DEFUNTOS

Atrás do Hospital Veterinário, na meia encosta de um morro barrento, está um dos cemitérios mais regados por lágrimas, na cidade. É o Cemitério de Cães da Prefeitura do Distrito Federal. Não há água para regar as flores da sepultura, segundo nos declarou um dos empregados, mas a terra está sempre humedecida de pranto. "Choram tanto pelos cachorros mortos — disse-nos o outro vigia — que outro dia uma dona desmaiou e tivemos que chamar a assistência". O cemitério é, em tudo, semelhante aos do homo sapiens. Tem a parte granfina, com mausoléus luxuosos, e a parte modesta, onde apenas um nome indica o falecido. São três mil cento e nove sepulturas em uso e todos os meses centenas de pessoas ali vão chorar a lembrança do tóto querido, levando bouquês de flores caras. O dia mais movimentado é o de Finados, participando o cemitério de cães das mesmas honrarias que os dos homens. Antigamente o enterro dos bichos era feito exatamente como o dos homens. Levavam o cadáver em pequenos caixões de madeira semelhantes aos usados no sepultamento humano. A Prefeitura proibiu essa pantomima. Agora, os cachorros vão embrulhados em grossos panos ou dentro de pequenas caixas.



Este cãozinho a esta hora já recebeu uma carga de quinhentos volts e seu corpo já virou uma massa vermelha e inchada. O cão tinha dono, mas ele não se lembra mais o nome do bichinho. "Bichinho" é o nome que se dá a eles, disse-nos ele.



A esquerda: o veterinário Emanuel de Vasconcelos que afirmou textualmente ao repórter: — "A vacina anti-rábica não adianta coisa alguma. É um verdadeiro "abacaxi". Digo isso baseado na minha experiência de mais de dez anos como veterinário". A direita: um cachorrinho de poucos meses que foi levado à Policlínica da rua Toneleros. Nessa Policlínica esteve um cão que após longo internamento e tratamentos especiais, deu ao seu proprietário uma despesa de oito mil cruzeiros.

PREÇOS CAROS E CARAS RECORDAÇÕES

Encontramos uma senhora enxugando as últimas lágrimas, ao lado do mausoléu de sua cadelinha, morta há três anos. Confessou-nos que o bonito jazigo lhe tinha custado cinco mil cruzeiros. A Prefeitura não cobra muito pelo direito ao jazigo perpétuo (apenas duzentos e sessenta cruzeiros). A despesa maior vem com o emprego do mármore e obras de alvenaria. Existem no cemitério diversos túmulos cuja construção ficou em dez, quinze e até vinte mil cruzeiros. E, se não fossem os retratos caninos existentes sobre as lousas, teríamos a impressão que nos encontrávamos diante de sepulturas de crianças, tão carinhosas e pessoais são algumas das expressões gravadas sobre as lápides. Por exemplo:

"Ao nosso saudoso King, sempre vivo no coração dos seus papás, 26-6-16." Em outro rico mausoléu lemos o seguinte:

"Katucha — 31-12-38.

A querida amiga, saudades de Mercedes e Geleão".

Mais atrás dos túmulos de luxo, encontram-se os dos cachorros que tiveram sepultamento modesto. Apenas uma cruz e um nome sobre o montículo de terra. Dois empregados pagos pela prefeitura tratam do cemitério e não querem mudar de emprego. Realizam-se de vinte a trinta enterros por mês, as gorgetas são boas e depois "esse negócio de enterrar cachorro não faz doer o coração da gente" — disse-nos um dos coveiros. "A gente joga o bicho dentro do buraco e acabou-se". O acompanhamento do féretro é pequeno, seis ou oito pessoas. Apesar de muito amados, o "bassê" ou o "dinamarquês" têm círculo de relações pequeno, restrito às pessoas da casa onde mora.

O cemitério foi inaugurado em 1932, quando Pedro Ernesto era prefeito. O primeiro cão a ser enterrado ali pertencia a Azurem Furtado, grande amigo dos animais.

Calcula-se que já foram gastos até

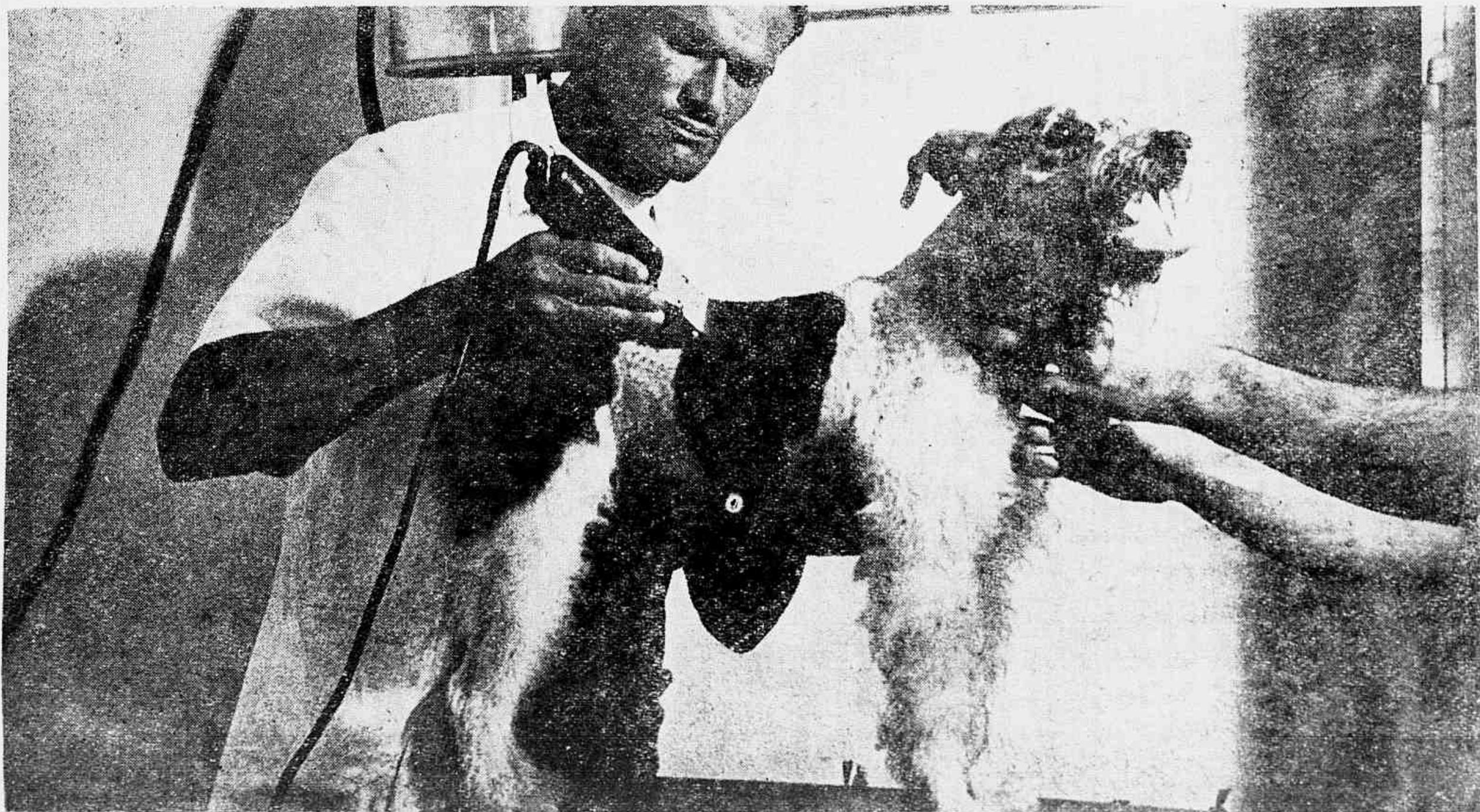
agora na necrópole canina, em mármore, flores e despesas correlatas, nada menos de dez milhões de cruzeiros. Será que os cachorros ficaram mais agradecidos aos homens por causa disso?

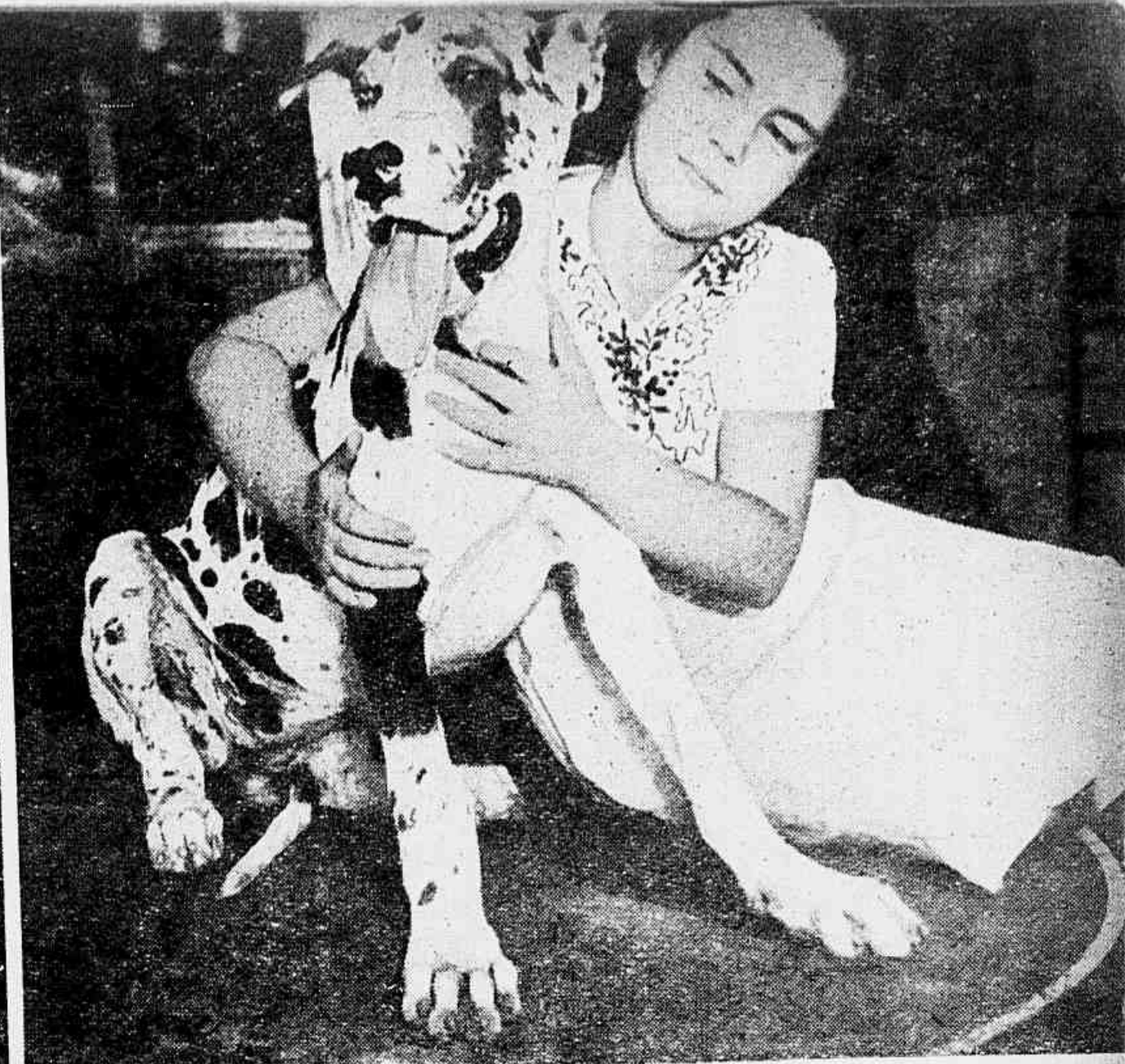
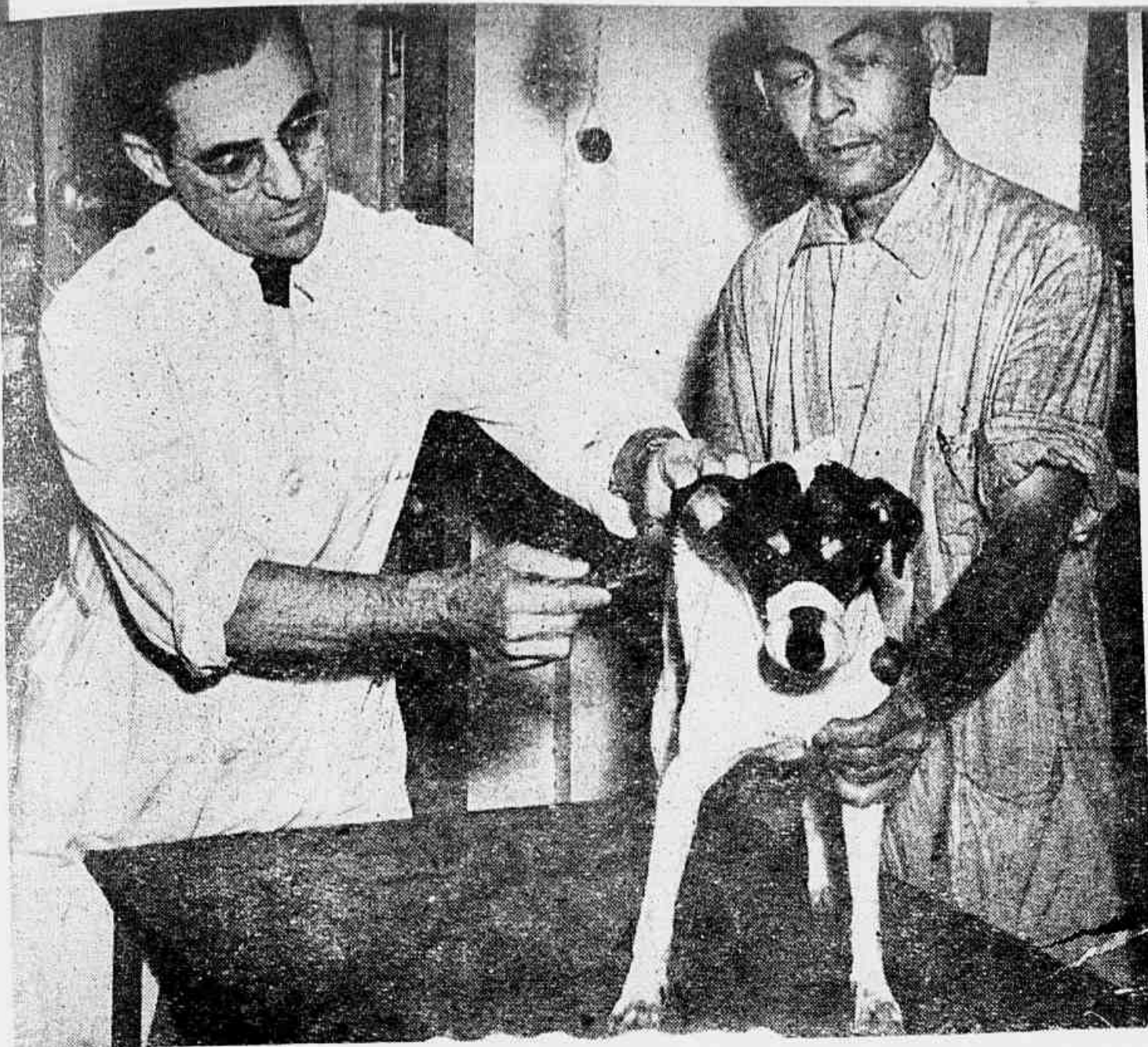
O COMÉRCIO DE CÃES

Apesar dos milhares de cães sem dono que perambulam pela cidade, há casas, cinco ao todo, que compram e vendem esses animais. Ali são negociados cães que possuam distinto pedigree. Pelos-de-aramé, dobermans, boxers, dinamarqueses, button-terries e muitos outros têm bastante procura. Os preços variam muito. Dinamarqueses de puro sangue alcançam vinte mil cruzeiros e, às vezes, mais. Há pessoas que colecionam cães de diversas variedades, como outros colecionam selos de diversos países. Soubemos que a milionária D. Gabriela Bezanzoni Lage possui vinte e cinco cachorros de raça em sua casa.

ENTRE MEU MARIDO E MEUS CACHORROS PREFERIRIA OS ÚLTIMOS

Em nossa peregrinação para saber como vivem e morrem cachorros aristocratas e vira-latas da cidade, não podíamos deixar de ouvir uma proprietária desses animais. Com aquela senhora que chorava sobre o túmulo de sua cadelinha, no cemitério de cães, marcamos uma entrevista, em sua casa, onde ela nos apresentaria os dois outros cachorrinhos que possui. Madame Napoleão Costa recebeu-nos amavelmente. No seu magnífico apartamento os dois pequeninos que possui têm vida de nababos. Dona Irene — é esse o seu nome de batismo — tem verdadeira adoração por animais e especialmente por cães. Basta dizer que não pode ver um cachorro abandonado na via pública sem que o leve para casa e dali para os canis da SUIPA — a sociedade protetora de animais — Mensalmente leva para essa sociedade nada menos de cem cães abandonados. Dona Irene mostrou-se com um amor tão extremado pelos cães, que não pudemos deixar de perguntar se o





A esquerda: a vacinação anti-rábica sendo aplicada pelo veterinário responsável pelo hospital de cães da rua da Lapa. Neste hospital e no da rua Toneleros ouvimos as melhores referências sobre a eficácia da vacina anti-rábica. Afinal, quem está com a razão? A direita: outro flagrante em que aparece a menina Vera ao lado de um belo exemplar de "dinamarquês". Vera, apesar da pouca idade, já conseguiu com seus cães, nas exposições do Kennel Club, levantar vários prêmios.

seu marido não se queixava da sua paixão pelos animais.

— Ele nunca se opôs — disse-nos, sorrindo, dona Irene.

— E se algum dia ele a proibisse de ter em casa os seus cães e essa oposição fosse inabalável?

Dona Irene pestaneja para responder:

— Se meu marido me proibisse de ter em casa meus cachorrinhos e dessa briga pudesse vir até o divórcio, eu preferiria ficar com meus cachorros a ficar com meu marido.

SUGESTÃO PARA O PREFEITO ESTUDAR

A conversa estava ficando perigosa e por isso mudamos de assunto. Perguntamos-lhe que achava do projeto do prefeito, cobrando uma taxa anual sobre os cães. Dona Irene deverá pagar quatrocentos cruzeiros anuais pelos dois pequineses. Ela nos respondeu:

— Acho que esse imposto seria justo se o dinheiro arrecadado fosse empregado em benefício dos próprios animais. Isso poderia ser feito, por exemplo, pela

SUIPA. Acho mesmo que essa sociedade deveria ficar encarregada da arrecadação e da aplicação da verba. Creio que só assim a cidade ficaria livre dos cães abandonados.

Dona Irene conta-nos depois a despesa que lhe dão os dois pequineses, incluindo a dos cães sem dono de que se compadece.

— Gasto mais de mil cruzeiros por mês com os meus cachorros. E dos cães abandonados que acolho já coloquei mais de cem em casa de pessoas amigas.

Mil cruzeiros mensais, pensamos nós, é quanto o abrigo da União das Operárias de Jesus consome por mês na educação de duas crianças. Crianças também abandonadas, tal qual os cachorros, que dona Irene apanha na via pública.

FALAM OS CRIADORES DE CAES

Um dos mais antigos criadores de cães do Brasil é o senhor José Engels, antigo funcionário das Linhas Aéreas

Um casal de pequeninos "dinamarqueses". A crise já chegou também no comércio de cães de raça. Exemplares como os da foto eram vendidos há dois anos a cinco e seis mil cruzeiros, cada um. Hoje, alcançam, no máximo, dois mil e quinhentos cruzeiros.

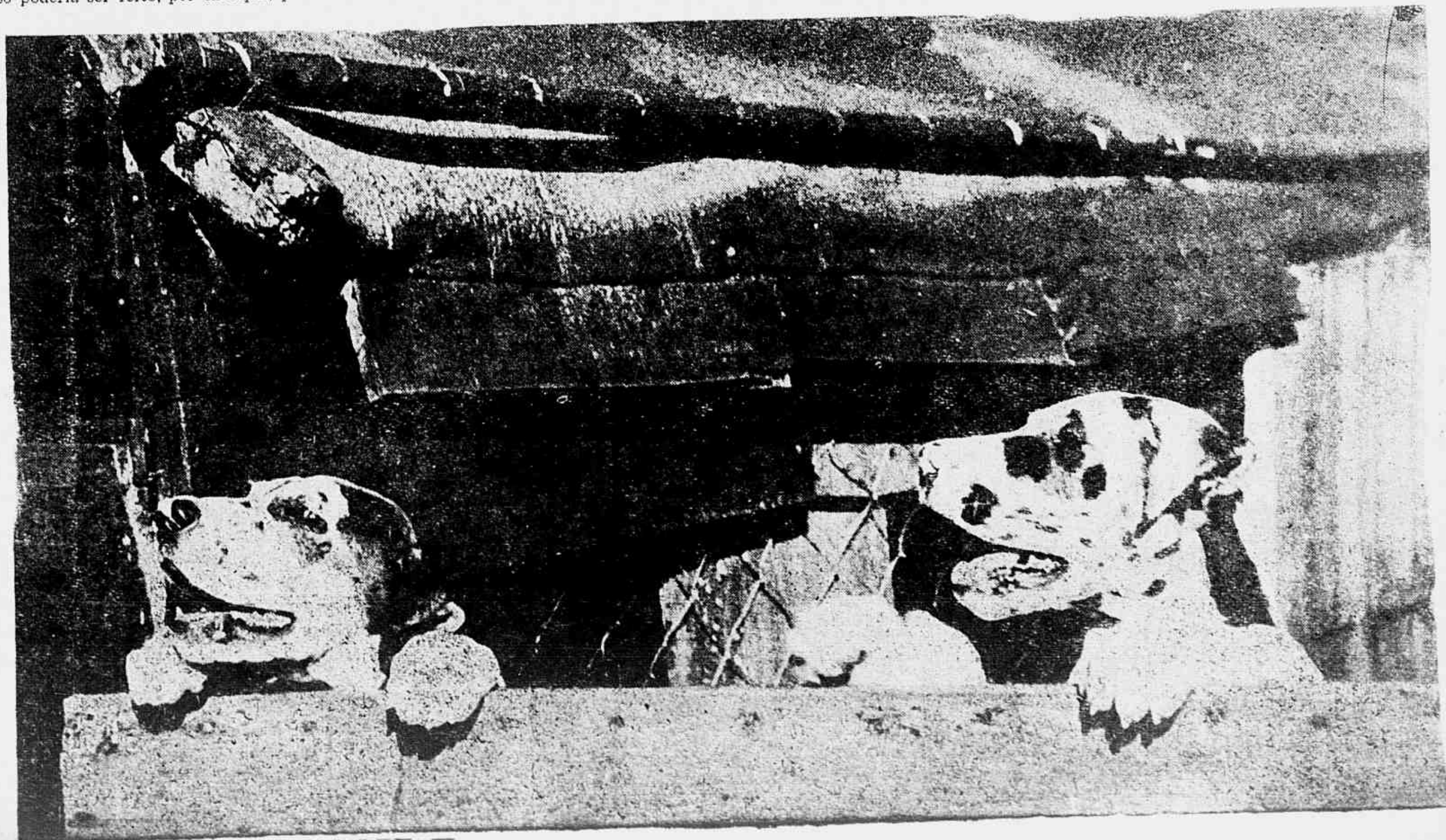
Cruzeiro do Sul e que há alguns anos se dedica exclusivamente aos seus canis. Sua especialidade são os cachorros dinamarqueses. O preço de venda varia de acordo com a idade do cachorro. Já vendeu um exemplar por vinte mil cruzeiros a uma das nossas gráficas. Sua esposa conta-nos que ultimamente a venda de cães de luxo caiu muito. Filhotes que eram vendidos com facilidade por cinco e seis mil cruzeiros são oferecidos agora por dois mil e não é fácil encontrar comprador.

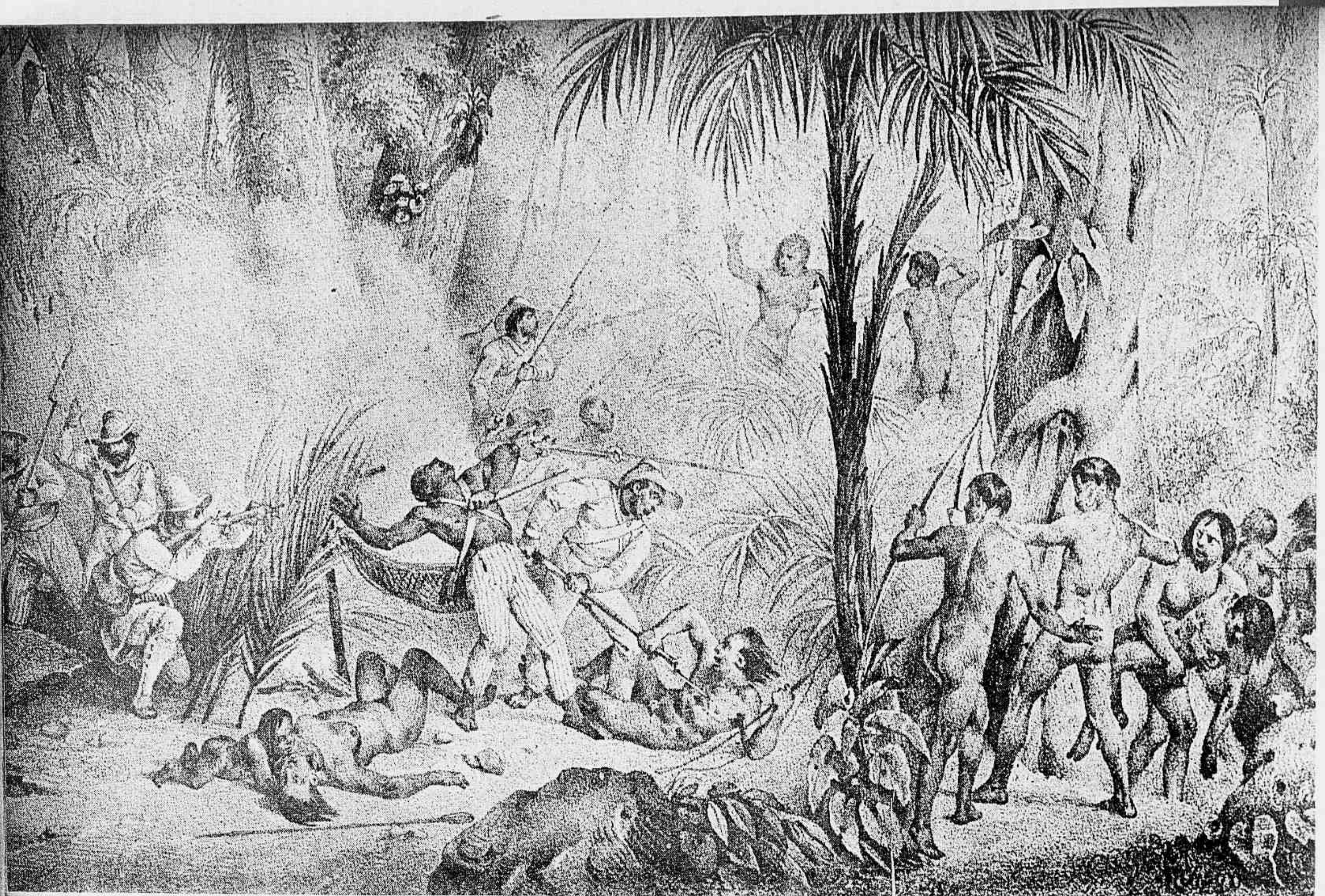
— Eu creio — diz-nos madame Engels — que isso se deve não só à crise, como também ao racionamento da carne e até ao falado imposto que o prefeito quer criar, de duzentos cruzeiros anuais, sobre cães de luxo.

Ficamos sabendo que um dinamarquês, quando novo, consome meio quilo de carne verde por dia. A outra parte da alimentação constitui-se de cenouras, verduras e frutas. Esse regime deve

afugentar, não há dúvida, pessoas de posses modestas. A profissão de criador de cães de raça, apesar de toda a crise, ainda compensa. Como prova, a senhora Engels conta-nos que uma cadela, vendida há pouco tempo, proporcionou-lhes durante os cinco anos em que esteve no canil a importância de noventa mil cruzeiros, tantos e tão belos foram os filhotes que pôs no mundo. Os casais de cães dinamarqueses criadores chegam para o senhor José Engels, da Alemanha, Canadá e Estados Unidos. O último casal, vindo por via aérea, desse último país, custou-lhe vinte mil cruzeiros. O macho foi vendido por doze mil cruzeiros, logo que chegou ao Rio. O preço foi relativamente baixo, mesmo levando-se em conta a crise que vem atravessando o comércio. E, apesar de todos os racionamentos, esse senhor vendeu nos últimos trinta dias nada menos de três "dinamarqueses", num total de mais de quinze mil cruzeiros, o que prova que ainda existe muita gente com dinheiro à farta para empregar nesse negócio.

(Cont. na pág. 54)





Os nossos índios vistos pelo desenhista Maurice Rugendas — "Guerrilhas entre índios e portugueses". Gravura da "Voyage Pittoresque dans le Brésil".

QUANDO O BRASIL AMANHECIA...

OS PRIMEIROS LEITOS DE AMOR — TODOS OS LARES QUE SE FORMARAM, APÓS A PASSAGEM DAS CARAVELAS DE CABRAL, COMEÇARAM ILEGÍTIMOS — MAS OS PADRES DA COMPANHIA DE JESÚS TIVERAM FORÇA MORAL PARA LEGALIZAR A FAMÍLIA.

Por VIRIATO CORREIA

(Da Academia Brasileira de Letras)

O português que chegava ao Brasil, naqueles primeiros dias da história nacional, vinha apenas em busca de riqueza. Não lhe passava pela cabeça organizar família tendo por esposa uma moça selvagem. Família formaria ele lá do outro lado do oceano em meio civilizado, com mulher civilizada.

No entanto, logo que lhe nasciam os primeiros filhos, chamava o padre e cuidava de legalizar a união ilícita que o ligava à companheira indígena.

E caso curioso: isso se dava com maior preferência nas regiões do sul do que nas regiões do norte. A observação é de Quatrefages, que

procurou explicar as razões do fenômeno. E a explicação é razoável. Os reinóis, que aqui chegavam queimados pela esperança de fortuna, não se casavam porque tivessem nobre senso de moral, casavam-se por forte influência da doutrinação jesuítica. E como, no alvorecer da história brasileira, a ação dos jesuitas foi maior no sul do que no norte, no sul, mais do que no norte, foram mais numerosas as uniões irregulares que se legitimaram.

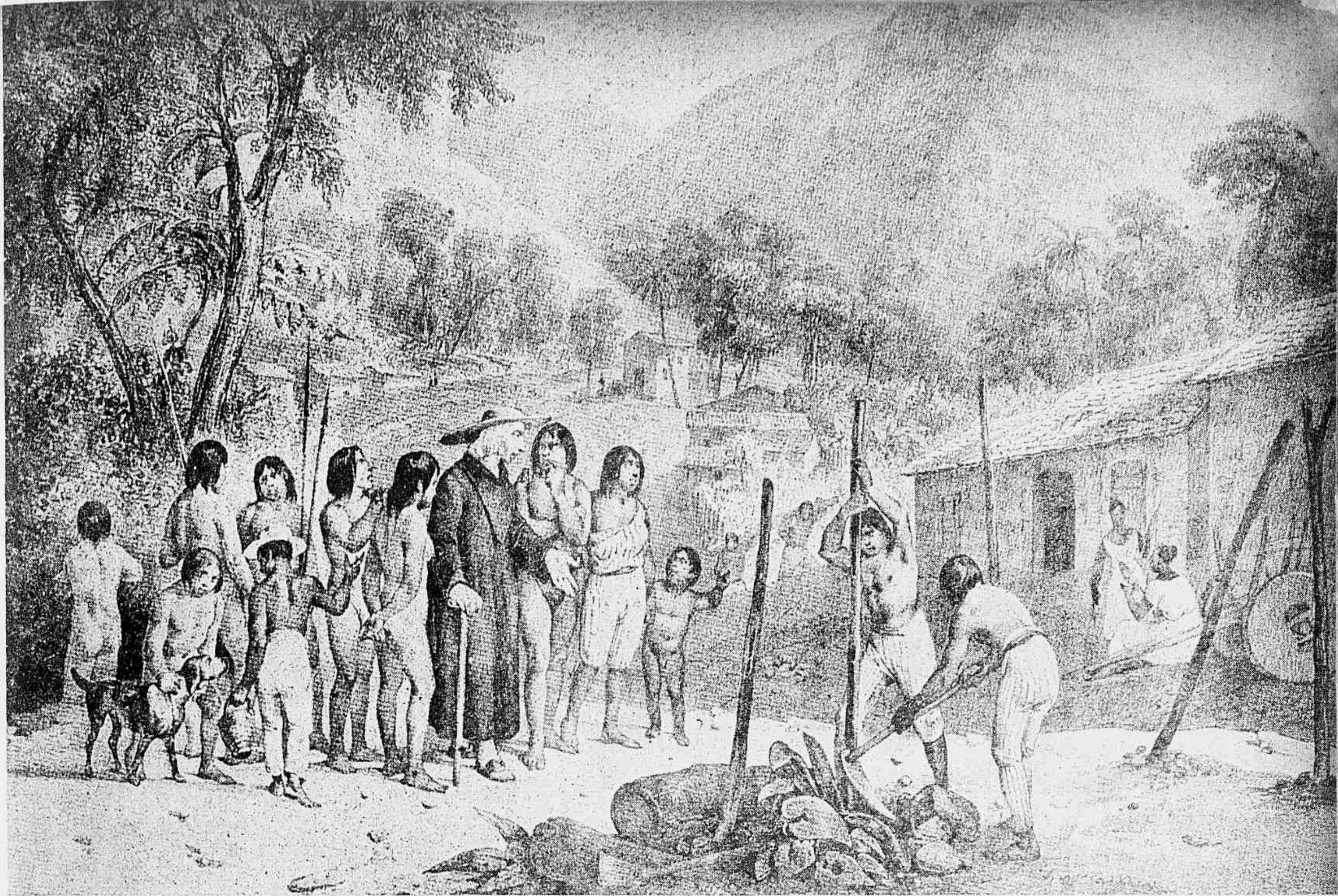
Todos os lares que se formaram no Brasil, após a passagem das caravelas de Cabral, começaram ilegítimos. Quais foram os primeiros? Deviam ter sido os de Afonso Ribeiro e João de Thomar, aqueles dois condenados que a frota de 1500 deixou, em degredo, nas aldeias dos tupiniquins da Bahia. Mas, sobre esses dois, a história é silenciosa: nada se sabe do que aconteceu aos dois degredados depois que as quilhas do descobrimento deixaram as águas brasileiras em rumo da Índia.

Os primeiros murubixabas que deram filhos para os leitos de amor dos aventureiros portugueses que aqui chegaram naquela época sem história foram: Taparica, na Bahia, Tibiriçá, Virapueiras e Carapicuiabas, em S. Paulo, e Arcoverde, em Pernambuco. Taparica é o pai de Paraguassú, a formosa cabocla que enfeitiça Caramurú; Tibiriçá é o pai de Bartira, a moça guaianá que deu filhos a João Ramalho, e Arcoverde, o progenitor de Maria do Espírito Santo — mãe dos primeiros filhos mestiços de Jerônimo de Albuquerque. Virapueiras é avô dos filhos de Braz Gonçalves, e Carapicuiabas — o sogro de Domingos Luiz Grou.

O que se passa, nesses primeiros lares his-

Os nossos índios vistos pelo desenhista Maurice Rugendas. "Caçadores de onças", — gravura da "Voyage Pittoresque dans le Brésil".





Os índios tapuias, recebendo os conselhos de um padre da Companhia de Jesus — Ilustração da "Voyage Pittoresque dans le Brésil", de Maurice Rugendas.

tóricos, vem em favor da opinião de Quatrefages.

As uniões do sul tôdas ou quase tôdas se legitimaram. João Ramalho, logo que os jesuitas chegam a Piratininga, elege em esposa legítima a sua amante Bartira. O mesmo faz Domingos Grou com a filha de Carapicuiabas, o mesmo faz Gonçalves com a filha de Virapueiras.

Dos chefes indígenas do sul é Tibiriçá o que mais concorre para a formação de tálamos legítimos. Além de Bartira tem mais duas filhas que também se casam. Uma é Terebê, que Pedro Dias desposa, e outra é Beatriz, que contrai matrimônio com Lopo Dias.

No norte, dos lares históricos, só um a Igreja conseguiu legalizar — o de Caramurú-Paraguassú. O de Maria do Espírito Santo e Jerônimo de Albuquerque viveu sempre irregular. No entanto, pelo tom romântico que o envolvia, era o que devia ter, com mais presteza, a consagração da lei.

O episódio amoroso da filha de Arcoverde e do cunhado de Duarte Coelho, é realmente uma bela página de novela. Todo o mundo o conhece. Jerônimo de Albuquerque, apanhado pelos tabajaras, ia ter a sorte de qualquer prisioneiro de guerra — a sua carne serviria de repasto aos vencedores na festa da vitória. Maria do Espírito Santo, encarregada de engordá-lo, por ele se apaixonou e, no momento em que o prisioneiro vai ser morto, ela pede ao pai que o poupe. E, como Arcoverde a isso se negue, a moça tenta suicidar-se, ali, em presença da tribo reunida para a festa fúnebre. Por que não se legalizou o lar da cabocla pernambucana? Teriam faltado a Jerônimo de Albuquerque os conselhos religiosos dos jesuitas? É possível que sim. Mas a causa fundamental da irregularidade foi inteiramente outra. Jerônimo de Albuquerque, apesar de incorrigivelmente mulhengo, talvez pensasse em legitimar a sua união com a moça tabajára. Dos muitos leitões de amor que ele tinha nas tabas pernambucanas, era o da filha de Arcoverde o preferido e o que tinha a aparência de legalidade. Mas, um fato ocorreu inesperadamente, impedindo que a união se regularizasse. Um dia chegou a Pernambuco dona Filipa de Melo, fidalga que os reis de Portugal enviaram a Jerônimo para que ele a desposasse. E ele a desposou para obedecer a ordem dos monarcas.



Caramurú-Paraguassú, João Ramalho-Bartira e Jerônimo de Albuquerque-Maria do Espírito Santo Arcoverde são os três lares mais famosos do período inicial da família brasileira.

E todos os três fecundos, ilustres e de imensa projeção social.

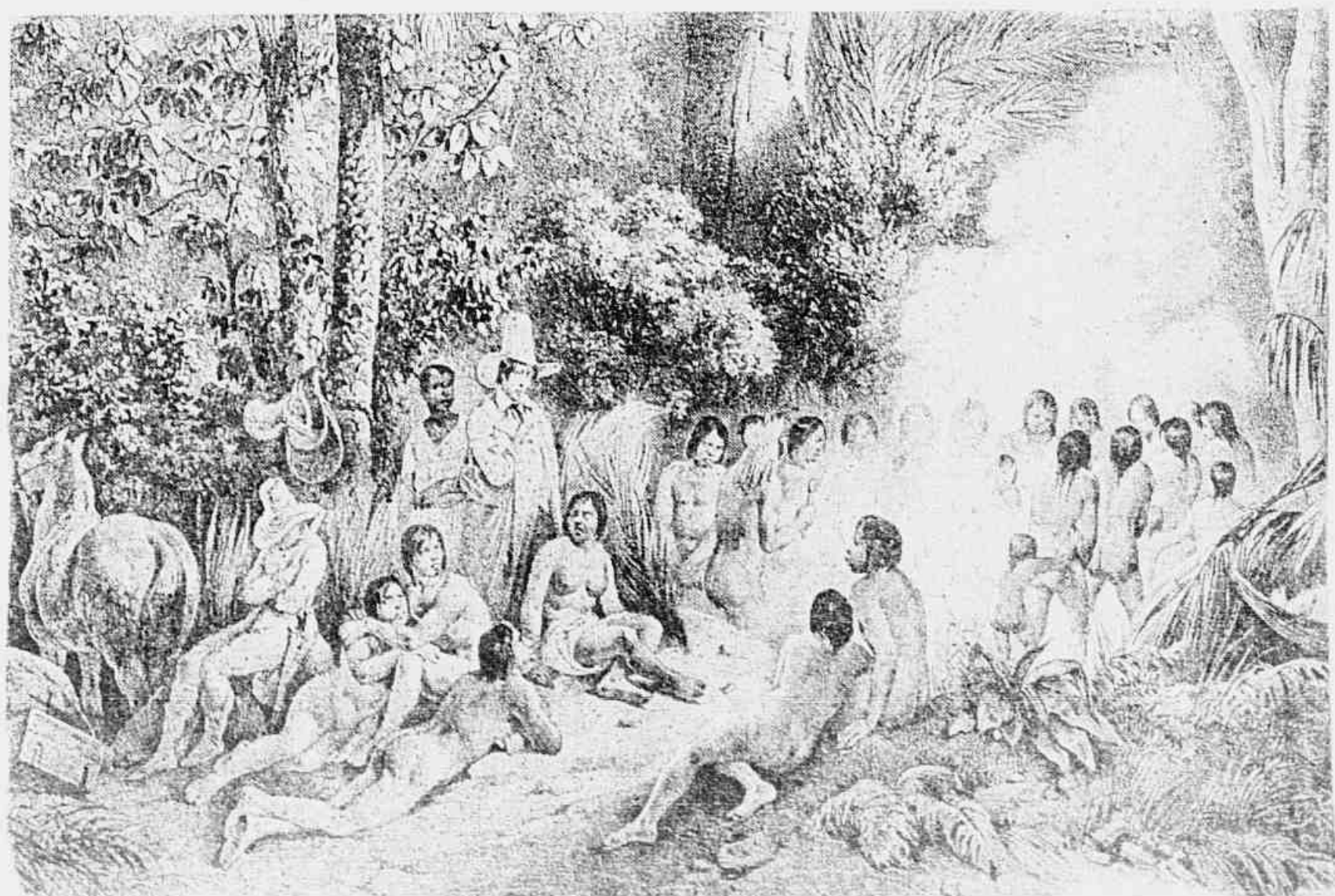
Do consórcio de Caramurú com a filha do murubixaba Taparica nasceram quatro filhas:

Ana, Genebra, Apolonia e Gracia. Tôdas elas se casaram com fidalgos portugueses, formando cronologicamente o primeiro núcleo da nobreza brasileira. Quase todo baiano que se diz de sangue nobre gaba-se de ter nas veias sangue da princesa selvagem.

Foram numerosos os filhos de João Ramalho com a filha de Tibiriçá. No alvorecer da história paulista lá estão eles a dominar turbulentamente o planalto, sempre em luta e, às vezes, até com os próprios padres da Companhia.

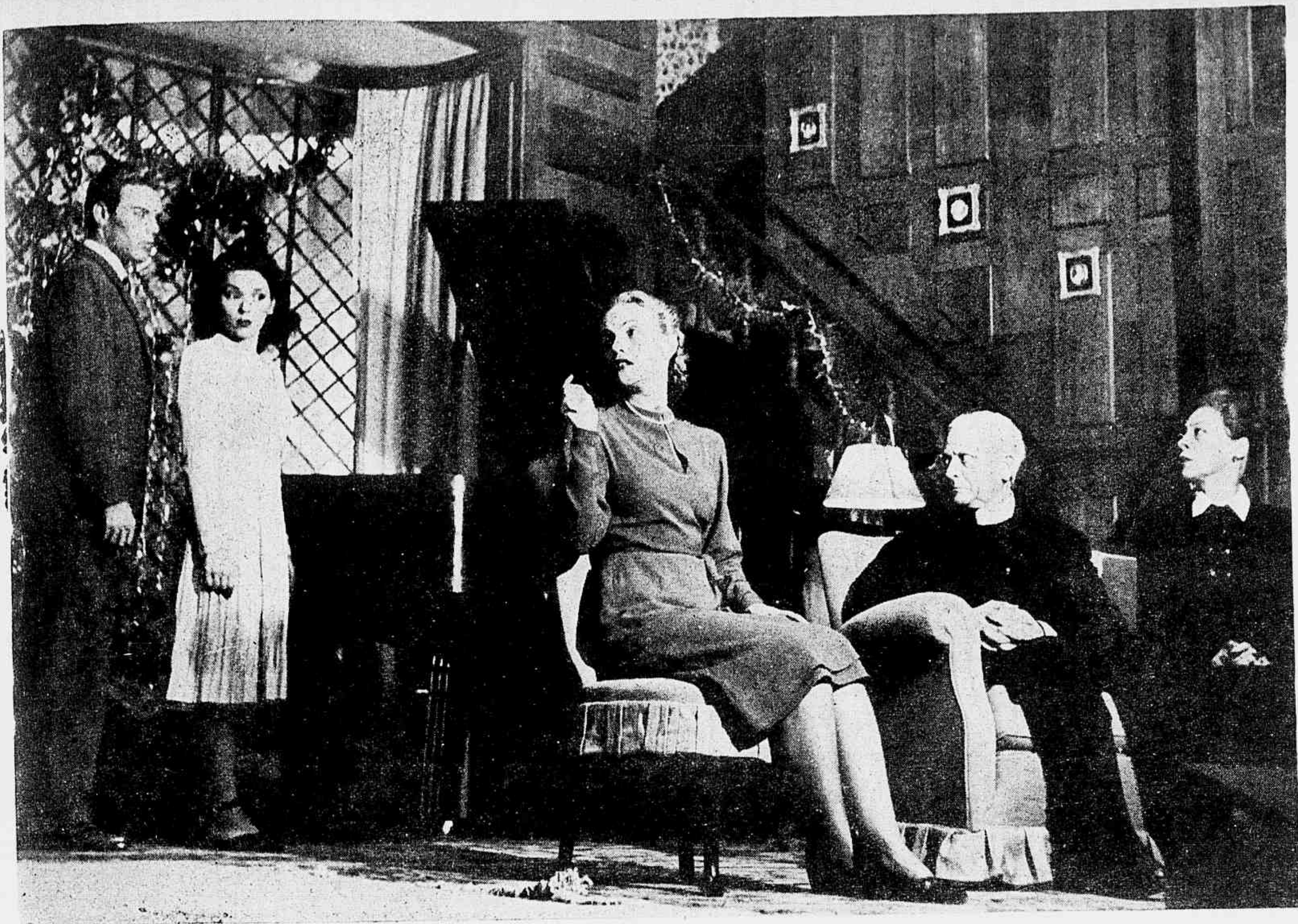
A mais ilustre das ligações amorosas do Brasil daquele tempo foi, justamente, aquela que se não legitimou — a de Jerônimo de Albuquerque com a filha de Arcoverde. Foi a que teve maior irradiação, a que firmou maior prestígio de norte a sul do país.

(Cont. na pág. 55)



Uma dança de índios, focalizada pelo lapis de Maurice Rugendas, na sua "Voyage Pittoresque dans le Brésil"





Na página à direita: uma cena de "Divórcio", a peça dramática de Clemence Dane, com Bibi Ferreira, Procópio Ferreira e Belmira de Almeida. Em cima: outro instante da peça, durante o segundo ato, com Alexandre Carlos, Bibi, Alma Flora, Jorge Diniz e Belmira de Almeida.

UM GRANDE EXITO TEATRAL

DE VOLTA DA INGLATERRA, BIBI FERREIRA REAPARECEU, NO TEATRO SERRADOR, EM "DIVÓRCIO", AO LADO DE PROCÓPIO FERREIRA E DE ALMA FLORA.

A apresentação de "Divórcio", no Serrador, foi uma das grandes noites do nosso teatro nos últimos tempos. A peça de Clemence Dane, conhecida no mundo inteiro, quer em várias traduções, quer em versões cinematográficas, uma destas vivida pela atriz Katharine Hepburn e o ator John Barrymore, foi traduzida por Bibi Ferreira, que nela se apresentou, no papel central, o de Sydney Fairfield. Bibi Ferreira demonstrou, nesse papel, haver atingido a maturidade artística, revelando compreensão perfeita da personagem, talento e sensibilidade. A seu lado, representando o casal Fairfield, muito se distinguiram o ator Procópio Ferreira e a atriz Alma Flora, que partilham, como Bibi, o êxito marcante de "Divórcio". Esses artistas constituíram um trio afinadíssimo, tirando os melhores resultados das fortes passagens dramáticas da obra de Clemence Dane, em que as emoções se sucedem num crescendo de vibração e intensidade. Nos papéis subsidiários, Belmira de Almeida, excelente atriz central; Palmeirim Silva, um elemento de real valor; Alexandre Carlos, o galã que a senhora

Henriette Risner Morineau revelou em "O Pecado Original", de Jean Cocteau; Renato Pestier, que foi o "Sargento O'Hara", em "Chuva", ao lado de Dulcina de Moraes; Jorge Diniz, um ator de grande mérito, no papel do reverendo, e ainda Valery Martins, que se distinguira em "Sexto Andar", no papel de bisbilhoteira. Bem distribuída, bem montada, — o cenário, excelente, é um dos melhores trabalhos de Oswaldo Sampaio, — e bem interpretada, a peça de Clemence Dane, que é um grito em favor de uma interpretação mais humana e mais razoável da legislação sobre a família, mereceu os maiores aplausos do público e da crítica. No dia de sua estréia, no Teatro Serrador, em benefício da campanha financeira da Casa do Estudante do Brasil, o público teve logo a sensação de que estava diante de um êxito perdurável. — e, com efeito, "Divórcio" vem quebrando todos os "recursos" de bilheteria daquela casa de espetáculos desde a data de sua inauguração, há oito anos, com "Maria Cachucha", de Joracy Camargo, por Procópio e seu elenco.

Conhecida no cinema pelo nome de "Vítimas do divórcio" (título que virava pelo avesso a concepção da autora), a peça de Clemence Dane, "A Bill of Divorcement" no original inglês, está sendo apresentada com êxito significativo no Serrador. Nesta cena aparecem Procópio, Alma Flora e Bibi.





Em cima, à esquerda, — Alma Flora, no papel de senhora Fairfield, e Procópio, como o marido louco, ao piano; a direita: Bibi Ferreira, como Sydney Fairfield, num dos momentos mais dramáticos da peça. Em baixo: Gray (Renato Restier) e a senhora Fairfield partem, sacrificando-se Sydney por eles; e Sydney ao lado do pai louco, por quem trocou conscientemente o seu amor juvenil. Na página, à direita: a forte cena em que Sydney convence ao namorado, o jovem Dick, que já está contagiada pela loucura dos Fairfield, afim de obrigá-lo a afastar-se dela.





DE BUENOS AIRES A URUGUAIANA

ESC R A G N O L L E D O R I A

EM Agosto de 1865 estava a sair de Buenos Aires vapor nosso, pela vitória de Riachuelo sagrado com o nome de "Onze de Junho". Destinava-se a Uruguaiana então em poder de paraguaios invasores do Brasil.

No "Onze de Junho" achava-se um já distinto oficial da armada, jovem, inteligente e bravo, ao qual, no fim da vida, a Fortuna propiciaria bordados de almirante e até a pasta da Marinha.

Estamos com ele em 1865 para que nos faça o relato da viagem do "Onze de Junho", ao mesmo tempo subsidiando História e reforçando imediatamente a que se encontre em obras de tomo.

Vai fazê-lo o tenente embarcado no "Onze de Junho", por meio de pormenorizada carta dirigida a três pessoas de sua ilustre família.

"Uruguaiana, 6 de Outubro de 1865.

Hoje mais descansado de fadigas e trabalhos em que nos faziam andar os paraguaios no alto Uruguay, vou mal ou bem dizer-lhes alguma coisa do que sei e tenho visto e ouvido.

Será fastidiosa, sem brilho, sem nexos a minha carta: tenham paciência, contentem-se porém, com a veracidade d'ella.

No dia 25 de Agosto, pelas 2 horas da noite, (depois de termos por muitos dias os jornaes de Buenos Aires anunciado a partida do Almirante (Tamandaré) sempre para o dia seguinte) sahio finalmente a 11 de Junho de Buenos Aires carregado de munições e mantimentos até os gornes.

Foi uma noite horrorosa de chuva e trovada, o rio açoitado pela furia do S. E. que roncava furioso e levantava grossas vagas que não sei como não desmancharão o pobre vapor que de certo não foi construido para sustentar semelhantes lutas. Ninguém poudo dormir a bordo. Nada de extraordinario houve durante a viagem.

No dia 18 chegamos a Concordia, e tendo o Almirante estado com Flores, Mitre e Ozorio, continuamos a navegar até que transpuzemos o Salto Chico e chegamos ao Salto Grande. São duas caxoeiras: a 1.^a de pouca importancia e a 2.^a de uma velocidade espantosa e de muito perigo.

Nesta, em toda a extensão do rio (1/4 de legua pouco mais ou menos) as agoas correm com uma velocidade de 8 milhas. Que magnifico e imponente espetáculo! um passo estreitissimo semeado de arbustos (salgueiros) e de pedras pontegudas, umas vizíveis, outras encobertas, segundo o estado do rio, onde as agoas precipitando-se com violencia assemelham-se a uma imensa caldeira de assucar fervendo, pois tomam essa cor, e indicam o canal.

Transpuzemo-lo com muita dificuldade e perigos ora agarrando-se a guarnição aos galhos dos salgueiros e alando o vapor a força de braços, e de machina, ora com espías amarradas nas areias da costa, trabalho este feito pelos Práticos, homens muito entendidos nesta espécie de navegação, e que não nos atreveríamos mandar executar pelo nosso mais habil marinheiro.

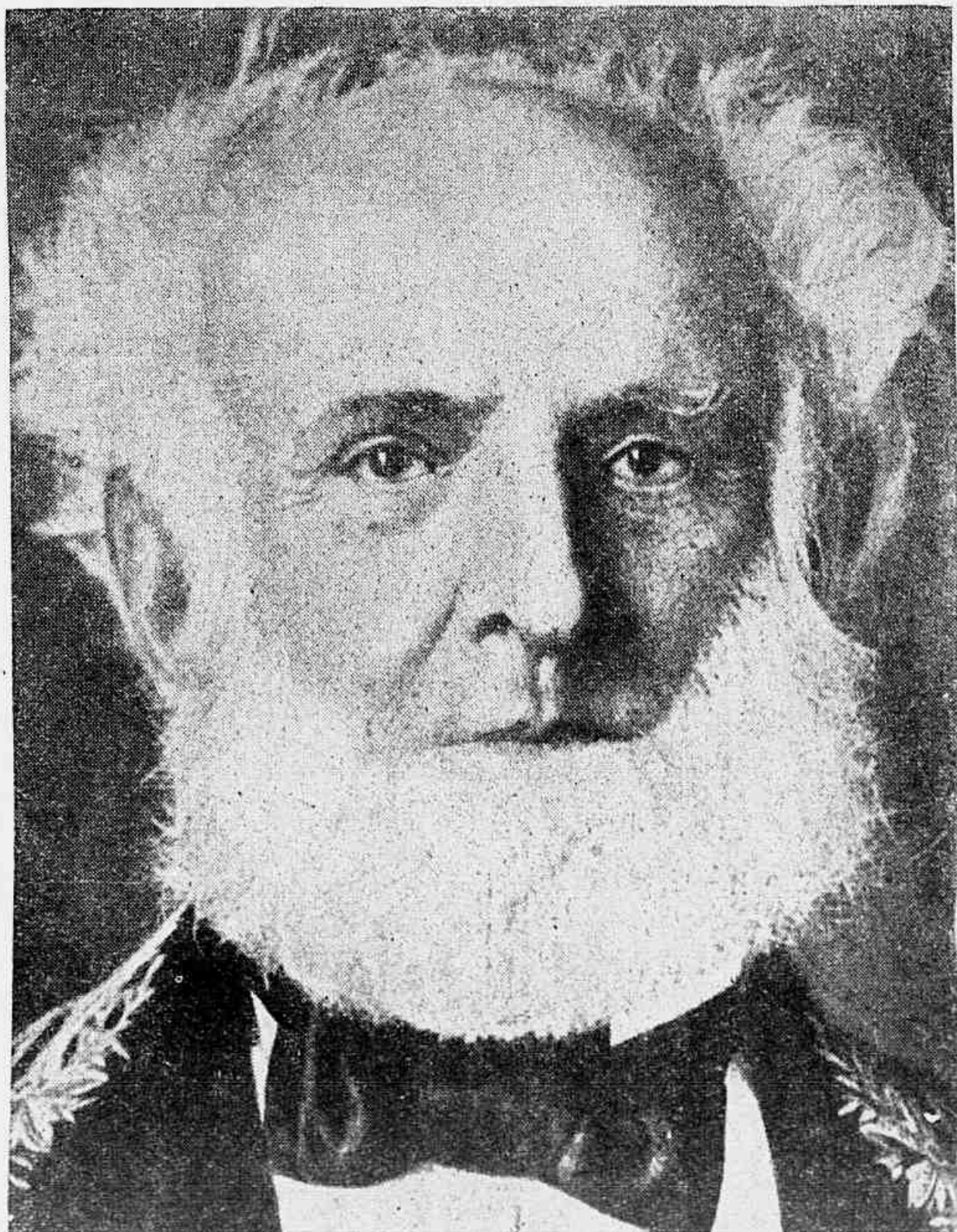
Mas maior dificuldade estava ainda para vencer — era a ilha dos Ferreiros. Por causa da impaciencia e atrapalhão do Almirante deixou-se de tornar a ilha como querião os Práticos, e o resultado foi ficarmos 6 horas e meia no mesmo lugar sem adiantar nem retrogradar uma linha. Outro qualquer tinha desesperado e desistido de tão ariscada empresa. A noite se aproximava, os machinistas diziam que as caldeiras não podião supportar tão grande pressão (85) os Práticos juravão e blasfemavão, pedras por toda a parte, onde o ferro não vinha e ali perde-se, era o espectáculo que tínhamos ante os olhos, e cujas consequencias estavam no espirito de todos, porém o que mais nos espantava era a tenacidade do nosso Almirante, essa qualidade tão necessaria em um chefe.

Sem uma base, sem ouvir ninguém, com uma luta de 6 horas, e contando talvez com sua boa estrella, não dava sinais de querer retroceder.

Com effeito só a boa fortuna do Almirante nos poderia fazer transpor este Rubicon.

Ou por effeito de uma guinada do homem do leme ou por maior rapidez da corrente o vapor foi levado para a ponta da ilha para onde nos deveríamos ter dirigido em principio se não fosse a atrapalhão do Almirante.

Tamandaré, o patrono da Marinha Brasileira, mencionado na carta do então tenente Francisco José Coelho Neto como "o Almirante".



Ahi fazem um remanso e bem encostado ás arvores, a correnteza era maior ao estar quasi ao nivel da cachoeira. Seguiu o vapor mar de espaço que apenas se notava o avanço, até que chegados á outra ponta da ilha em um salto nos achamos fóra da corrente — era o dia 30 de Agosto. Fação Vs. idêa da alegria de todos nós, livres de perigo e seguros de chegarmos a Uruguaiana occupada pelas forças paraguayas de que se contavam os actos mais atrozes e barbaros.

Navegamos toda a noite e todo dia passamos por diversas povoações e villas Argentinas e Orientais até que no dia 31 (de Agosto) pelas 5 e 43, saudava a musica do "11 de Junho" com o hymno nacional, o território da pátria em frente ao marco que divide o Brasil do Estado Oriental.

E' um monumento modesto, uma columna de granito, de fôrma quadrangular, de 60 a 80 metros de altura sobre uma base de 10 ou 12 de largura e 6 de altura pouco mais ou menos.

No dia 1 de Setembro chegamos a Uruguaiana. Vimos toda a villa que é muito melhor do que muita cidade nossa, cercada de trincheiras e fossos, mas não nos fizeram um só tiro os Paraguayos ao passar o "11 de Junho" com a sua gente a postos. O Exército sitiador composto de 15 a 20.000 homens entre Brasileiros, Orientais e Argenti-

nos commandado pelo Barão de Porto Alegre e Flores se achava a 3 ou 4 leguas circulando a cidade.

Demos fundo; largou o Almirante para a terra e da conferencia que teve no acampamento resultou sahirmos no dia 3 rio abaixo até Federação (povo argentino) onde chegamos ás 6 da tarde. O Almirante foi dali por terra até a cidade de Salto.

Velo mais infantil e também muita pólvora, medicamentos, lonas para pedicolas, sacos para trincheiras, taboado para pontos, pois nenhum desses objectos existia no exercito de Uruguaiana, mas é preciso notar que com as providencias conseguidas desenvolvem-se uma mania de pedir, principalmente nos Orientais e nos Argentinos que sempre se encontram com a esquadra há motivo para exigir qualquer coisa.

No dia 5 chegarão ao acampamento 4.^o de voluntarios, o 11.^o de linha commandado pelo tenente coronel Silva Lopes e um batalhão argentino de guardas nacionais.

No dia 6 chegou o Almirante com o Mitre e seu estado maior e deu-se logo principio ao embarque da tropa. O 11.^o veio connosco, os Argentinos embarcaram no vapor "União" e o 4.^o de voluntarios seguiu por terra com o commandante da brigada, tenente-coronel Freigstein.

Tínhamos a bordo 622 praças e a nossa tripulação e além disso trazíamos a reboque duas escunas com 100 pessoas entre soldados e mulheres. Imaginem como estava o vapor carregado e atravancado.

As noites então eram cruéis porque não se pisava em parte alguma que não fosse cabeça ou perna de soldado e d'ahi gemidos e maldições, mas que remediava-se era preciso atender á manobra do navio.

Nesse mesmo dia á tarde seguimos para os logares onde a correnteza era forte eramos obrigados a desembarcar a tropa, que seguia por terra, a fim de que o vapor pudesse romper a corrente e embarcar-a de novo, o que succedeu por diversas vezes, até que no dia 14 partamos por Uruguaiana e puzemos a tropa em terra."

Estava finda a viagem de Buenos Aires a Uruguaiana, descrita epistolarmente pelo tenente da armada embarcado no "11 de Junho" e demonstrando o valor de comandantes e comandados a seu bordo.

Quanto deixamos transcrito é apenas pequena parte da missiva do tenente do "11 de Junho" aos seus queridos parentes da Bahia.

A carta é verdadeiro e longo relatório rico de informações inéditas e de episódios curiosos. Detivemo-nos na véspera da chegada do Imperador a Uruguaiana como 1.^o voluntário da pátria. Assim o exigiu espaço de seção. Restam, porém, algumas linhas para dizer que o tenente de 1865, após honrosa carreira naval, era em 1904 ministro da Marinha, o Sr. Almirante Francisco José Coelho Netto, tipo perfeito de honra e valor militar.

PARIS — novembro — (Do 3. F. I. para "REVISTA DA SEMANA", por via aérea) — Foi conferido ao escritor francês André Gide, o Prêmio Nobel de Literatura 1947.

Autor de uma obra literária considerável, raras vezes igualada na forma e refletindo uma constante preocupação da verdade, André Gide é hoje um dos mestres da literatura contemporânea. Seu nome e obras são conhecidas do mundo inteiro, tanto pelo seu valor como pelas polêmicas suscitadas em torno de certas de suas atitudes.

Nascido em Paris a 22 de novembro de 1869, pertence a uma família de protestantes. Por sua mãe, descende uma família de industriais protestantes de Rouen. Pelo lado paterno, provém de magistrados huguenotes das Cevennes (seu avô tinha-se fixado em Uzès). Perdeu o pai em 1880. Educado pela mãe, negociou-se a voltar à Escola Alsaciana, donde fôra expulso por indisciplina, também porque o ensino religioso que ali se ministrava lhe parecia bastante afastado do que ele considerava como o verdadeiro ideal cristão. Dotado de vivíssimo espírito crítico, de que tão bem se sabe servir em benefício de suas idéias, nenhuma doutrina conseguiu satisfazê-lo. Conservando-se cristão, apesar de tudo, de formação burguesa, sua vocação de intelectual refinado e sua generosidade natural sempre lhe inspiraram profundo respeito pela verdade e igual horror pela miséria humana. Isso parece explicar a variação de suas posições que são, na realidade, mais aparentes que reais. Seu pai, que era professor, destinava-o à carreira diplomática.

Com 19 anos de idade, André Gide publica sua primeira obra, "Les Cahiers d'André Walter", seguida, em 1892, das "Poésies d'André Walter". Notadas por Maeterlinck, Henri de Regnier e Mallarmé, mas não pelo grande público, essas primeiras obras constituem uma espécie



André Gide, o detentor do Prêmio Nobel de Literatura de 1947.

O PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA DE 1947

de diário dialogado, analisando os primeiros tormentos e as inquietudes da adolescência.

Em 1893, André Gide parte para a África do Norte e reside dois anos na Tunísia, onde conhece Oscar Wilde e escreve "Las Nourritures Terrestres", que prossegue e completa muito mais tarde com as "Nouvelles Nourritures Terrestres" (1935). Em 1895, regressa à França e casa com uma de suas primas que deverá exercer profunda influência em sua vida e obra. Publica "Saul" e "L'Immoraliste" em 1902, este último como reação contra as tendências manifestadas em sua primeira formação, que era protestante. Mas antes já tinha dado "Le Prométhée mal Enchaîné", "Feuille de route", "Philoctète", "El Hadj", "Voyage d'Orléans", "La tentative amoureuse" e "Le Traité du Narcisse", narrativas e impressões pessoais apresentadas sob forma breve e com o mais perfeito domínio do estilo.

Passou depois vários anos visitando a Europa Central, consagrando-se unicamente à crítica literária que escreveu para o "Mercure de France". Dessa época datam "Pretextes", "Amyntas", "Le Roi Candaule", e, no seu regresso à França, "Le Retour de l'Enfant Prodigue" e uma coletânea de poemas em prosa e em verso, "Bethsabée". Em 1909, publicou "La Porte Etroite", de inspiração espiritualista, onde aparece a volta à sua formação cristã, e "Isabelle". Escreveu igualmente "Oscar Wilde", "Les Nouveaux Pretextes", "Charles Louis Philippe" e "Destoiewski d'après sa correspondance" (1911). Esta última obra contribui grandemente para dar a conhecer na França o famoso escritor russo.

De julgamento muito firme, André Gide revelou muitos escritores france-

DADOS BIOGRÁFICOS DE ANDRÉ GIDE — SUAS RELAÇÕES COM O TEATRO E O CINEMA

ses e estrangeiros sem nunca se ter enganado sobre seu valor. Colaborou nessa época na "Nouvelle Revue Française" com Jacques Copeau, Schlumberger e a Ruyter. Publicou "Les Caves du Vatican" e "Souvenir de Cour d'Assises", sempre sob a forma de contos, ou, segundo sua expressão, de "soties".

Michele Morgan, a grande atriz que interpretou recentemente, no cinema, o filme "Simfonia Pastoral", adaptado do romance de André Gide.

Depois da guerra de 1914-1918, voltou à África, visitando o Congo em companhia de Marc Allegret, depois de ter publicado "La Symphonie Pastorale", inspirada por frequentes regressos à natureza; "In Memoriam" e "Morceaux Choisis". Na África, publicou "Inciden-



tes", "Les Faux Monnayeurs" e "Corydon".

Esta última obra suscitou uma indignação quase geral, apesar dos conselhos de seus amigos e dos ataques de numerosos de seus adversários, especialmente de Henri Béraud e Massis, expôs seus pontos de vista tendentes a refutar o que ele chama "os preconceitos sexuais da nossa época", justificando ao mesmo tempo seus próprios sentimentos a tal respeito. Citamos igualmente pela mesma época, "Si le grain ne meurt" (1926), "Voyage au Congo", "Retour du Tchad".

Apesar do escândalo que tinha provocado, André Gide foi eleito por essa época para a Academia Real de Literatura de Londres, sucedendo a Anatole France. Ao mesmo tempo, a imprensa americana e alemã celebrava seu 60º aniversário. Publicou então "Essai sur Montaigne", "L'Esprit non prévenu", "L'Affaire Redureau", "Oedipe", "Divers", enquanto que, em 1932, "La Nouvelle Revue Française" empreendia a publicação de suas obras completas — poemas, artigos, contos e romances, embora ele não tenha nunca considerado como verdadeiramente romances senão "Les Faux Monnayeurs". Seu "Journal" (1929-1932) foi publicado em 1934.

Alguns anos antes da guerra, André Gide perdeu a esposa, tendo com isso profundo desgosto. Durante um longo período deixou de trabalhar completamente. Unido à desaparecida por uma profunda afinidade espiritual, só dois anos mais tarde é que conseguiu vencer o choque que sua morte lhe havia causado. Publicou a seguir "Nouvelles pages de Journal".

Em 1939, 1940 e 1941, colabora na N. R. F. e no "Figaro Littéraire".

Apresentou certo número de entrevistas imaginárias, nas quais procurou expor seus pontos de vista, o que lhe valeu a hostilidade do "Governo de fato" que imperava na época bem como

do inimigo. Quis um dia realizar em Vichy uma conferência sobre um jovem ator e escritor, Jean Louis Barrault, mas não lhe permitiram. Esquivou a dificuldade, mandando imprimir o texto. Nos fins de 1942, embarcou para a Tunísia, onde assistiu ao desembarque dos americanos, depois de ter tido seus atritos com as autoridades inimigas, e colaborou num jornal gaullista, "L'Arche". Publicou uma tradução de "Hamlet", que lhe exigiu vários anos de trabalho, e que hoje é o modelo das traduções em francês da famosa obra de Shakespeare. Regressou à França depois da Libertação.

Em 1946-1947, lançou um autor de origem balcânica, Franz Kafka, com o qual parece não ter a menor afinidade literária. Escreveu igualmente "Thésée", que é o último de seus livros publicados.

Condiscípulo e amigo da juventude de Paul Valéry e Pierre Louys, formava com eles um "trio" inseparável.

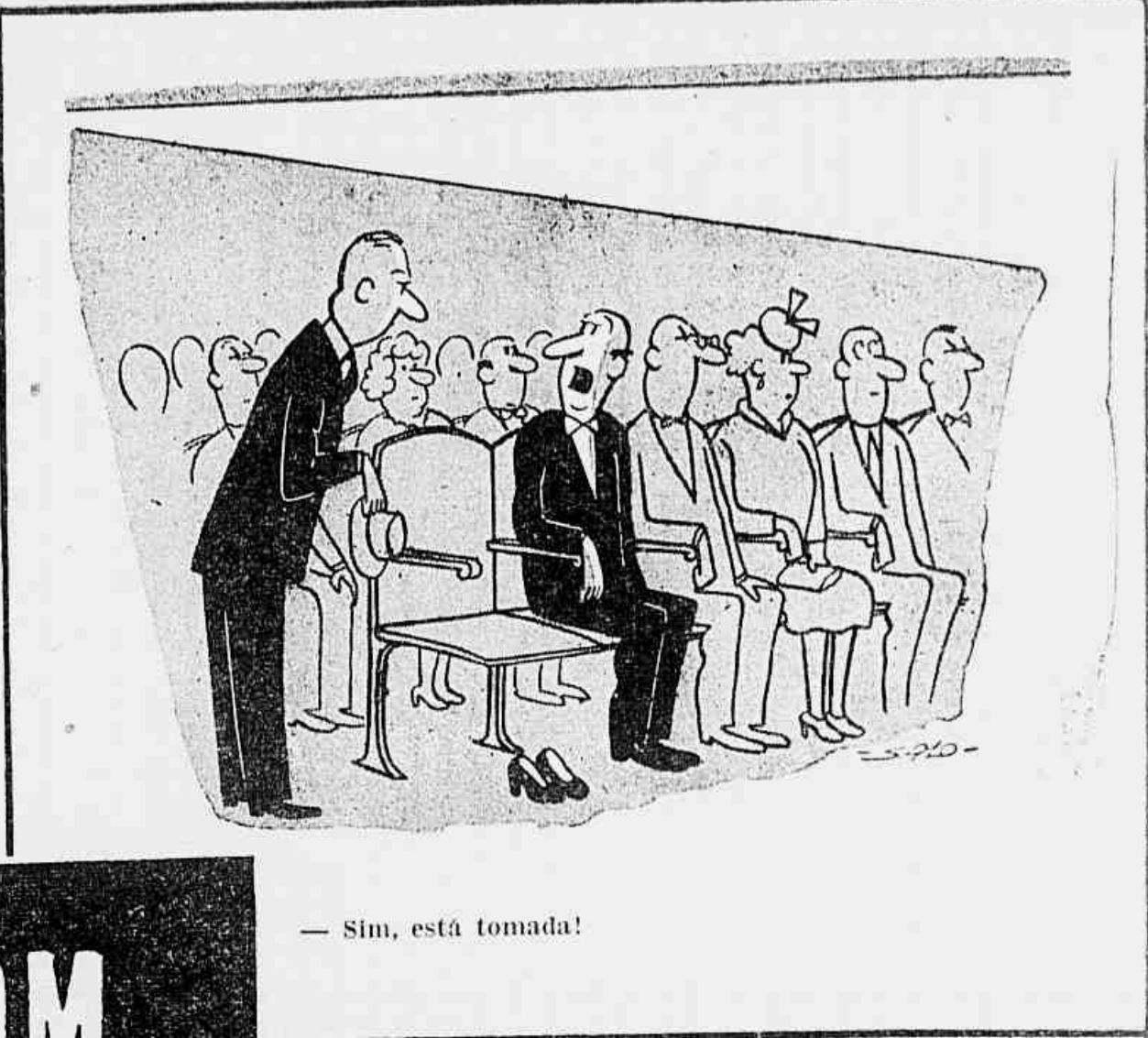
Gide teve numerosos admiradores, que podem ser considerados como discípulos seus. Sua influência literária, devida à pureza da forma, à extraordinária. Sua própria vida, sua evolução, os debates de suas consciências, sua procura da verdade e sua sinceridade deram, em certa época, um grande brilho à "moral gidiennne".

Traduziu "Typhon", de Conrad; "Antoine et Cléopâtre", de Shakespeare; "L'Offrande Lyrique", de Rabindranath Tagore; "Amal et la Lettre du Roi", do mesmo autor; "Morceaux Choisis" de Whitman; "Récits", de Pushkin.

André Gide traduziu há pouco a famosa novela de Franz Kafka, "O Processo" e adaptou-a para o teatro, sendo essa adaptação atualmente representada com grande êxito em Paris.



— Adoro esses pequenos sapatos!

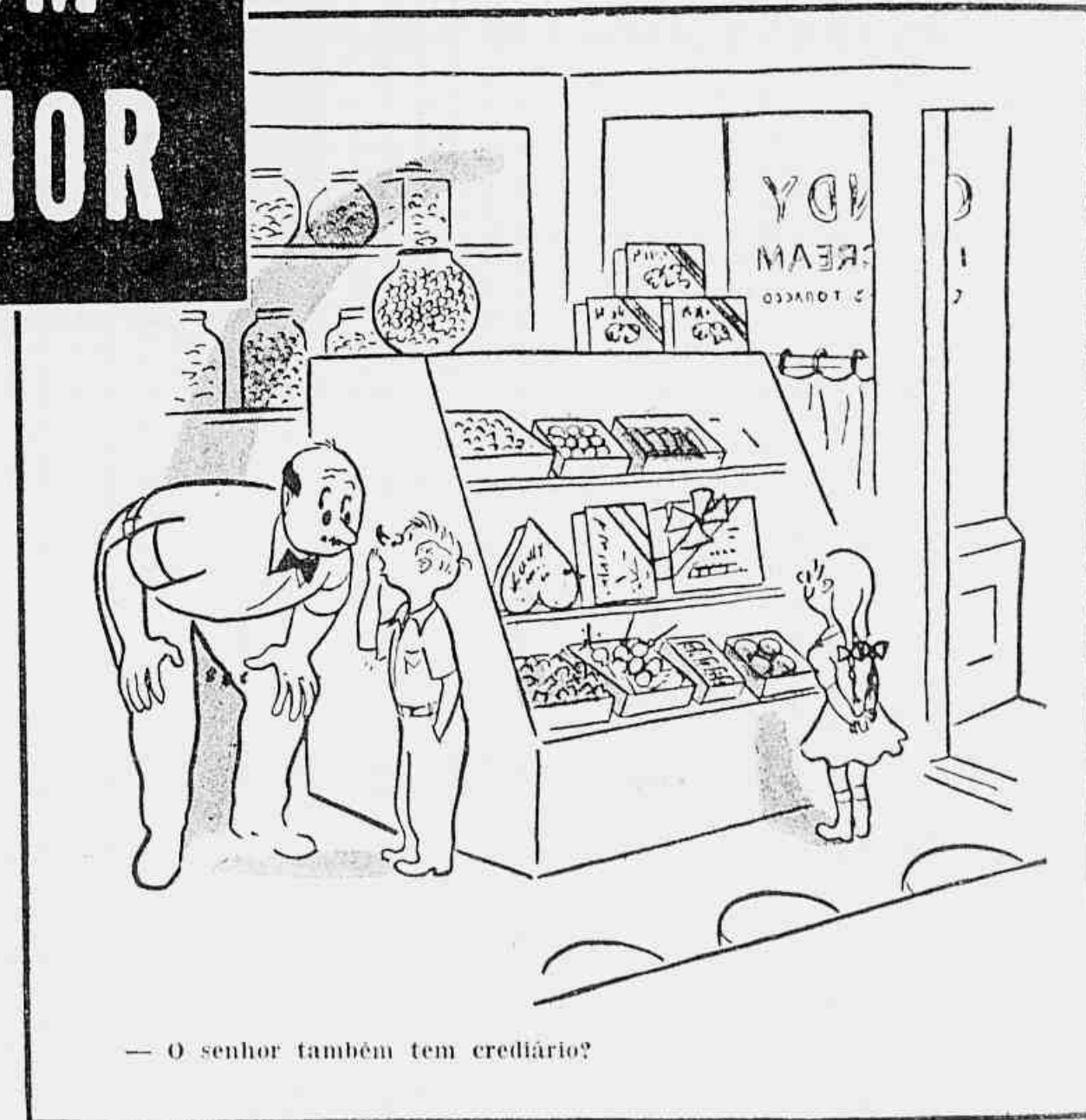


— Sim, está tomada!

BOM HUMOR



— Queira desculpar, mas não podia ter a bondade de pôr seu rádio um pouco mais baixo?



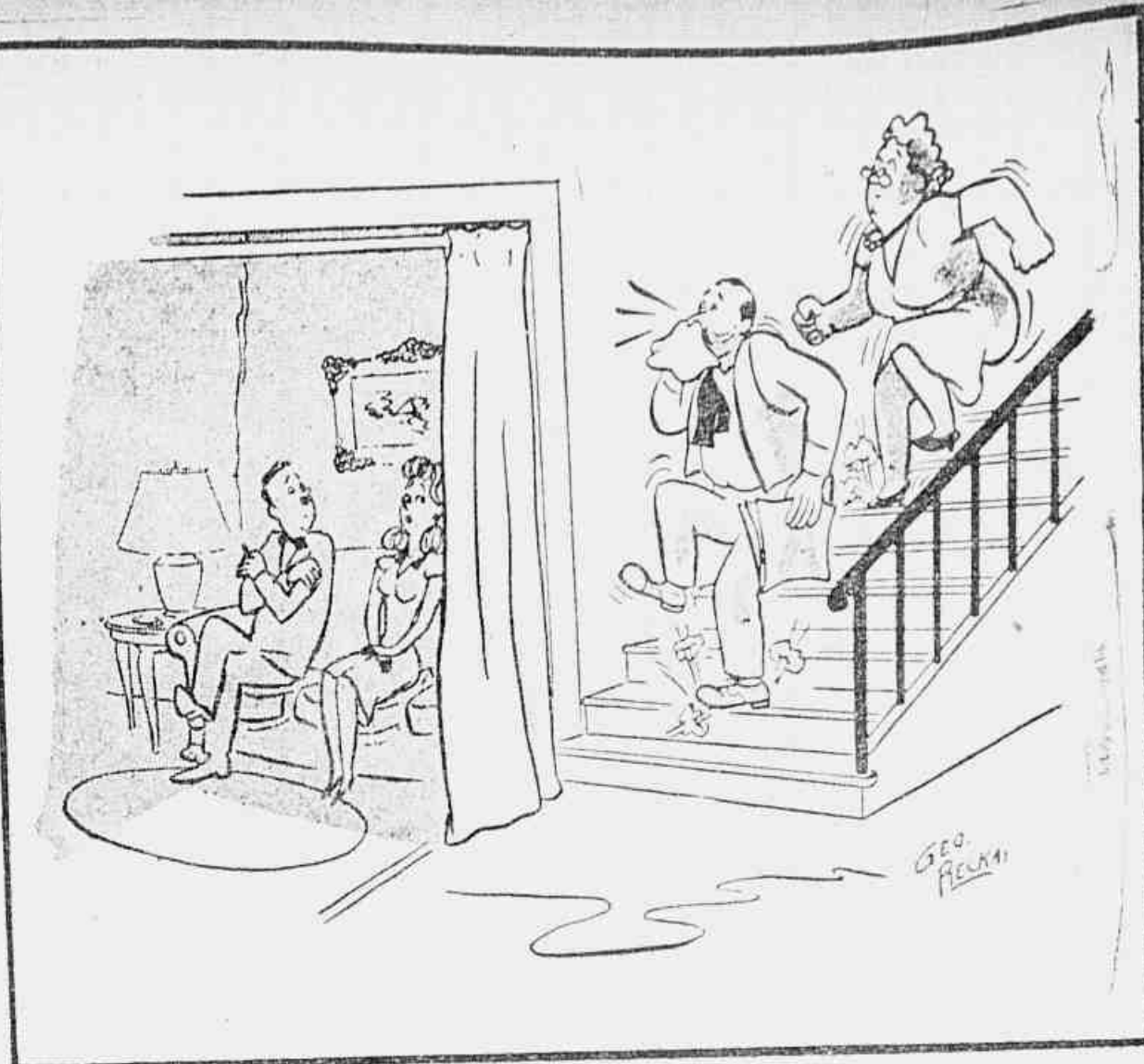
— O senhor também tem crediário?



— Você está linda! E, agora, pode me pa-sar um espelho?



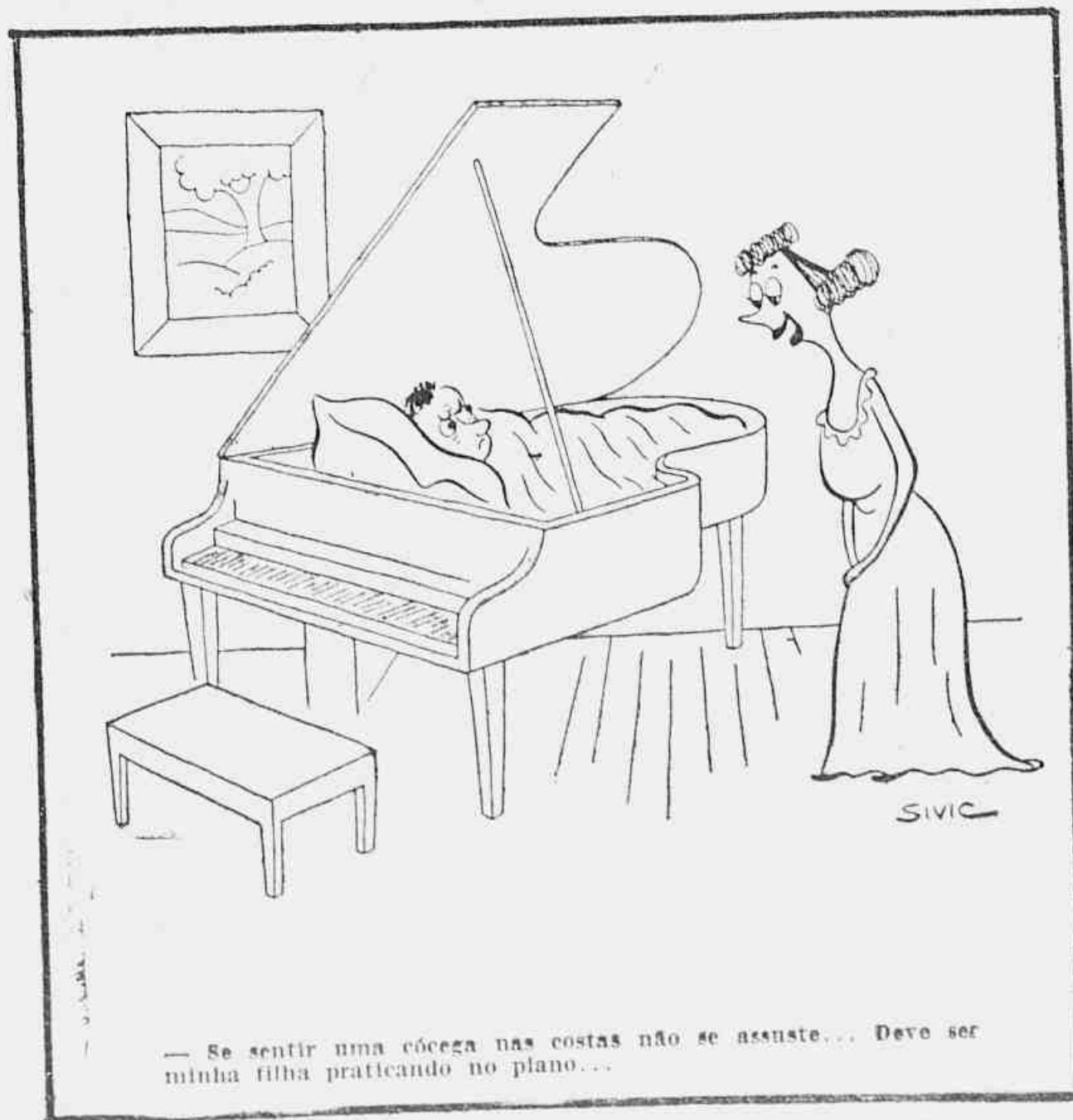
— Você não terá posto o vestido ao contrário, querida?



— Não pude ler direito o bilhete. Querem litro e meio de leite ou é doze litros?



— Em todo caso, boa noite e... recomendações aos seus pais!



— Se sentir uma córega nas costas não se assuste... Devo ser minha filha praticando no piano...



— Mãe, tenho o prazer de apresentar-lhe uma amigulhinha minha...



Shirley Temple, adulta e casada, continua a ser a mesma criaturinha adorável que foi em criança. Entrevistada por Luis Serrano, correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e "A CENA", em Hollywood, que com ela aparece na foto acima, em companhia da sra. Serrano, Shirley preferiu falar antes de sua vida conjugal que da artística, revelando que antes da carreira pensa no esposo... Na página ao lado, uma foto que diz bem do que seja a senhora John Agar!

A SENHORA SHIRLEY TEMPLE

HOLLYWOOD — novembro — Custa-nos crêr, a nós que a conhecemos de outros tempos, que a pequenina Shirley Temple esteja mulher feita, casada já há ano e meio. Mas é um fato a que temos de nos conformar. Quem se lembra da Shirley pequenina, cantando e sapateando em tantos filmes de sucesso, custa a se convencer da sua atual condição. E nem mesmo vale a pena falar da vida de Shirley, de seus feitos de criança, de sua educação, tudo já conhecido do mundo, de todo esmiuçado, nada restando a ser dito. Todos conhecem a vida daquela menina que encantou o mundo com o seu talento, com a sua doçura, com o seu riso e com as suas lágrimas. Todos já chorámos e rimos com ela, naqueles velhos filmes

COMO A GAROTA DAS COVINHAS SE CONVERTEU NA ENCANTADORA ESPOSA DO EX-SARGENTO JOHN AGAR — UMA BREVE ENTREVISTA, NO ESTÚDIO DA WARNER BROTHERS.

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "A CENA" e "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood).

com James Dunn, Sally Eilers, Bill Robinson e tantos outros ex-companheiros de Shirley.

Shirley hoje está casada. Casada e feliz. Continua no cinema, fazendo papéis de meninota, e deixando o estúdio para o lar, onde a espera John Agar, seu jovem esposo. Sua vida desliza, suavemente, sem contratempos. O marido não se envolve com o seu trabalho cinematográfico, sendo mesmo um entusiasta da adorável mulherzinha, como estrela. Como mulher, dizer-se que John Agar é apenas um entusiasta de Shirley seria um absurdo. Ele deve ter razões para ser muito mais que entusiasta... Quem duvidar, é só passar os olhos nas

(Cont. na pág. 53)

No lar, Shirley faz questão de ser antes de tudo a companheira. Nada de representações! Mas quando "ele" não está, ela tem tempo para se dedicar à leitura, ao "tricot" (pelo tamanho do pé a meia deve ser para o John), e outras ocupações próprias da dona de casa folgada, que tem a sua boa cozinheira... Shirley Temple atualmente está fazendo "That Hagen Girl", na Warner Bros., com Ronald Reagan.





A Derrota

Eu era o único solteiro na pensão de d. Zezé. Era o único solteiro, era o único feliz. Vivia sozinho em minha sótã, no segundo andar, com os meus livros, minhas cravinas, minha vitrola. Excetuando as obrigações funcionais, que eram suaves, a nada mais eu tinha de obedecer. Havia dias que eu dormia até as doze horas. Às vezes me dava na veneta fazer esporte; acordava cedo, ia gozar um banho-de-mar em Copacabana — ficava a um pulo da pensão. Deliciava-me com aquele tumulto de espumas acariciando meu corpo e com a variedade de corpos femininos semi-nús acariciando-me a gula — tinha a alma de poeta, podia florescer minha vida com sentimentos bonitos e adjetivos amenos. Quando não gostava da comida de d. Zezé, almoçava no restaurante do Chico, que não é grãfino mas, em matéria de moqueca, é mesmo que balano. Eu trabalhava à tarde, folgado, com prazer, deixando brasileiroamente de fazer hoje o que poderia fazer amanhã; o dinheiro público entrava com a mesma regularidade, para que então esfalhar-me, se era sozinho, não precisava ganhar mais, se meu ordenado me bastava e até sobrava, se não tinha mãe velha para sustentar, irmã solteira para casar, família a que me escravizar? Depois da tarde agradável passada na repartição, entre bate-papos sobre mulher, política e futebol, entre cafezinhos e um ou outro despacho já de bolór, eu saía às cinco, e às vezes mais cedo, se me desse vontade, ia fazer o seu sagrado fútingue na Cinelândia. Se algum amigo alvitrava um jantar, prontamente eu concordava, sem a mais leve preocupação de ter a quem prevenir em casa. Depois iam para um cinema ou dávamos a volta por qualquer dancing ou simplesmente ficávamos a conversar. Se era sábado, escolhíamos uma festa, esbaldava-me em cerveja e uísque, sempre havia uma mulherzinha nova e bonita para coroar a noite. Se me apetececesse, dormia fora de casa. Se não, voltava, entrava na pensão; tinha de subir três puxadíssimas escadas, era verdade, mas no fim delas eu sabia que nenhuma esposa ranzinza me esperava com lamentações, que não haveria brigas nem xingamento, que nenhuma intrometida, protegida por lei, haveria de chamar-me à responsabilidade. Lá em cima, estava unicamente à minha espera uma cama macia, de alvos lençóis, de colchão confortável, uma cama principalmente estreita, de solteiro, onde eu me atirava mesmo vestido e ressonava até saciar o sono. Eu era o único solteiro da pensão familiar de d. Zezé, era o único feliz. Os meus companheiros de moradia, todos casados, tinham-me surda inveja, ao passo que suas mulheres me odiavam pela minha ventura — só na adversidade se encontram almas-irmãs, já reparei. E sempre estavam elas, sem exceção, a tentar-me, lançando-me iscas, puxando-me para a desgraça. Era de regalar — e eu me regalava, com tanta gentileza, com tanta solicitude com que elas se empenhavam em fazer o meu casamento. E todas tinham sempre a visitá-las uma prima ou sobrinha muito prendada,

muito trabalhadora, muito meiga, que não era noiva, não tinha sequer namorado — algumas mesmo já mais haviam flertado. Com tantos atributos admiráveis, tão raros hoje em dia — assim elas me eram apresentadas. Finalmente educado como eu era, não as evitava. Pacientemente, com o meu sorriso mais cortês, eu fingia acreditar nos ditirambos cantados aos meus ouvidos, enleando-me, em aparência, nas intrigas femininas. Se a semi-írmã senhora que se fazia queijo agradava-me, eu agia como os velhos e sábios ratos que comem a isca sem cair na ratoeira; provava-a, saboreava-a, deixando o resto para outro menos hábil e mais doméstico. E assim eu passava a vida, livre, alegre, saudável, meu flgado era uma maravilha, sempre moço, enquanto os dos meus companheiros envelheciam pelo excesso de trabalho, ou pela perseguição das consortes, andava sempre com dinheiro no bolso enquanto eles nunca possuíam o suficiente para as despesas embora cavassem muito e pedissem aumento com frequência.

E justamente foi o meu folgado estado financeiro... mas não precipitemos os acontecimentos; como todo o ser humano sou também masoquista, gosto de me magoar, de repisar sofrimentos e humilhações, de contar pausadamente a minha derrota.

Eu não era rico, meu pai não me deixara herança. Tão pouco ganhava como um governador de Estado. Mas tivera um ótimo pistolão, um ilustre deputado federal, em quem eu não tivera coragem de votar, casado com a prima duma amiga íntima, dum tio político de minha mãe, arranjara-me sem concurso um lugar muito bom, federal, onde não se trabalhava demais, que me elevava a uma posição distinta e que, principalmente, remunerava decentemente — sem contar certas porcentagens de algumas comédilhas oficiais, cujos despachos passavam por minha carteira. Sendo sozinho o dinheiro me bastava e sobrava, apesar das farras hebdomadárias que eu me presenteava, dos duques de linho (mesmo tendo terminado a guerra, comprados no câmbio-negro) dos perfumes franceses, adquiridos clandestinamente, que eu me dava ao luxo de usar. E esta facilidade financeira aliada à fina educação que naquele tempo eu podia ostentar, causaram o meu fracasso de hoje. Todos os moradores da pensão de d. Zezé, d. Zezé inclusive, aproveitavam-se de minha fraqueza. Sempre que eu estava no meu quarto passava por acaso uma senhora que, por outro acaso, vindo a porta aberta, entrava para ver minhas belas cravinas ou ouvir o último disco comprado. Menos aptas para admirarem Stravinsky ou Bach, pasmavam ante os meus lindos vasos de cravinas, umas ao ar livre, outras acondicionadas em estufas, todas de tonalidades fascinantes e de opulência rara, já que, floricultor apaixonado eu as cultivava com sapiência, fazendo as mais curiosas experiências e enxertos. Depois de embebedarem-se com o seu perfume e formosura, perguntavam se me podiam ser úteis em alguma coisa — coitado, lamentavam-me, sozinho na pensão, sem uma

esposa que cuidasse de mim. Já envaldecido pelos elogios às minhas queridas flores eu acabava sensibilizadíssimo com esta outra prova de afeto. Então aparecia um frasco vazio trazido por terceiro acaso e eu caía em mim sobre a verdadeira causa da visita. Não podia negar, é claro, eu era um cavalheiro. E lá se iam para as toaletes das madames algumas preciosas gramas do meu perfume "made in Paris". As mulheres geralmente contentavam-se em se aposar do meu perfume, em pedir emprestado a minha vitrola. Uma ou outra, quando eu facilitava, exigia um colar ou uma pulseira... isto porém, tinha sua razão de ser. Os homens é que eram sórdidos, não usavam a maneira artística de tocarem o coração dum esteta como o faziam suas esposas. Abusavam de forma diferente, diferente e tórpe. Dois deles não eram demasiados exigentes nem usavam argumentos chocantes. O dr. Evaristo Rocha, professor contratado, grande cabeça, diziam, capacidade em Latim, só fazia questão de minhas camisas quando tinha de fazer discurso e sua cuidadosa esposa lhe lembrava a improficiência dos seus colarinhos poidos. O segundo, Mario T. Oliveira, comerciante, empregado numa papelaria há dez anos, só me exigia o "smoking" uma ou duas vezes por mês, pois sua digna consorte adorava festas à rigor. Sempre me devolvia escovado, passado à ferro, o que não deixava de ser uma compensação. Ambos correspondiam de algum modo à minha gentileza. Os outros, todavia, eram duma rudeza agreste, não pediam transitóriamente meus lenços ou meus sapatos, minha brilhantina ou meu enfeite de gravata. Agrediam-me bestialmente com prosaicas exigências de dinheiro emprestado, mesmo que boxeurs dando socos num saco de areia. Se pedissem cem cruzeiros, daí para cima, eu teria razões para negá-los. Mas neste ponto eram finórios, sabiam que eu teria vergonha de, por questão de sensibilidade, recusar-lhes quantias pequenas, todo o dia lançavam-me vales de vinte, trinta cruzeiros. A exploração chegou a tal extremo que, como homem que gosta de tudo que é seu em ordem, tive de organizar um livro de conta corrente. Contudo, já mais era reembolsado integralmente; eles saldavam o débito pela metade. Duas ou três vezes, forçando minha natural educação tentei reagir. Mas não conseguia levar adiante o meu protesto. Ativamente sensível, temperamento delicado e bondoso, eu não podia presenciar cenas de humilhação, era incapaz de permanecer surdo aos lamentos dum ser qualquer, mesmo animal humano — pago para não o ver e ouvir escabujar em súplicas. E sabendo disso, eles fingiam ou realmente sentiam-se desgraçados, diziam-se desamparados e infelizes:

— Tenha paciência, Carvalho, mas sou casado, sustento família, tenho mulher para vestir, filhos que precisam de escola, você é só, não é casado, não precisa de tanto dinheiro — Deus lhe conserve solteiro.

Como não ceder ante tais réplicas? E se assim era quando eu apenas contava com o meu ordenado e pequenas por-

centagens nas comédilhas, imagine o que sucedeu quando fui sorteado na Loteria Federal. Sim, fui contemplado, o Azar não é como a Sorte, esta leve e trêfega criatura que premia quem lhe dá no coração, rico e pobre, feliz ou desgraçado. O Azar é sujo e negro, persegue os seres ditosos e alegres, só se contenta quando os leva à perdição. Não ganhei uma fortuna colossais porque não tinha o costume de comprar bilhetes inteiros. Só havia adquirido um décimo e me couberam cem mil cruzeiros. Quando conferi o número, o primeiro pensamento que me acudiu foi esconder o fato de todos, já que mudar de pensão ou mesmo de cidade não me imunizaria; noutra rua ou noutro bairro eu encontraria os mesmos sujeitos casados e necessitados, a diferença seria apenas de rostos. Planejei transferir o dinheiro para o banco, deixá-lo lá intocado, rendendo para o futuro, pois eu era muito providente. Assim procedi. Mas que desgraça nós, pobres mortais, conseguimos esconder aos olhos dos nossos semelhantes? Não sei como souberam de tudo lá na pensão de d. Zezé, o certo é que souberam. Uma tarde eu voltava do trabalho, quando, reunidos na sala-de-jantar, todos se precipitaram ao meu encontro:

— Escondendo dos amigos! Escondendo, ein, sabidão!

— Que número foi, Carvalho?

— Sim, senhor, já vi bicho de sorte, mas como você...

— Vejam como são as coisas! — ouvi dum invejoso; — nós que somos casados, que rezamos por um maná desses néca!

Súbito, a mulher de Mario T. Oliveira espoucou:

— Vamos comemorar!



Conto de VASCONCELOS MAIA



Ilustração de A. PACHECO

SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"

O marido correu a vestir o meu "smoking". O sr. Fulgêncio Bernardes, bedel da Faculdade de Medicina, cabeça de festas do bairro, alvitrou que a homenagem seria dada unicamente por eles, desta vez não consentiriam na mínima despesa de minha parte.

— Vamos fazer uma vaquinha. Cada pessoa dará vinte cruzeiros para a cerveja.

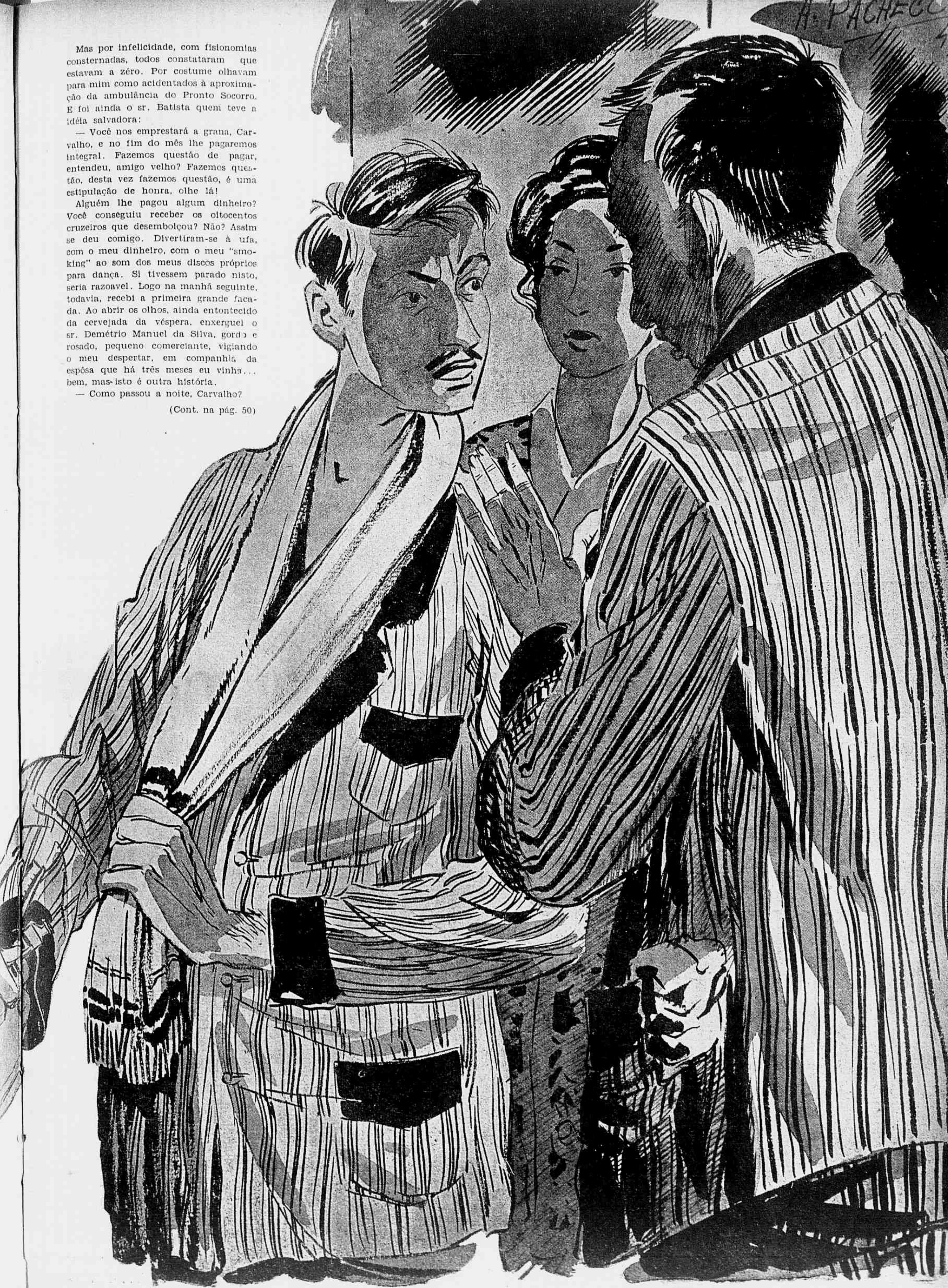
Mas por infelicidade, com fisionomias consternadas, todos constataram que estavam a zero. Por costume olhavam para mim como acidentados à aproximação da ambulância do Pronto Socorro. E foi ainda o sr. Batista quem teve a idéia salvadora:

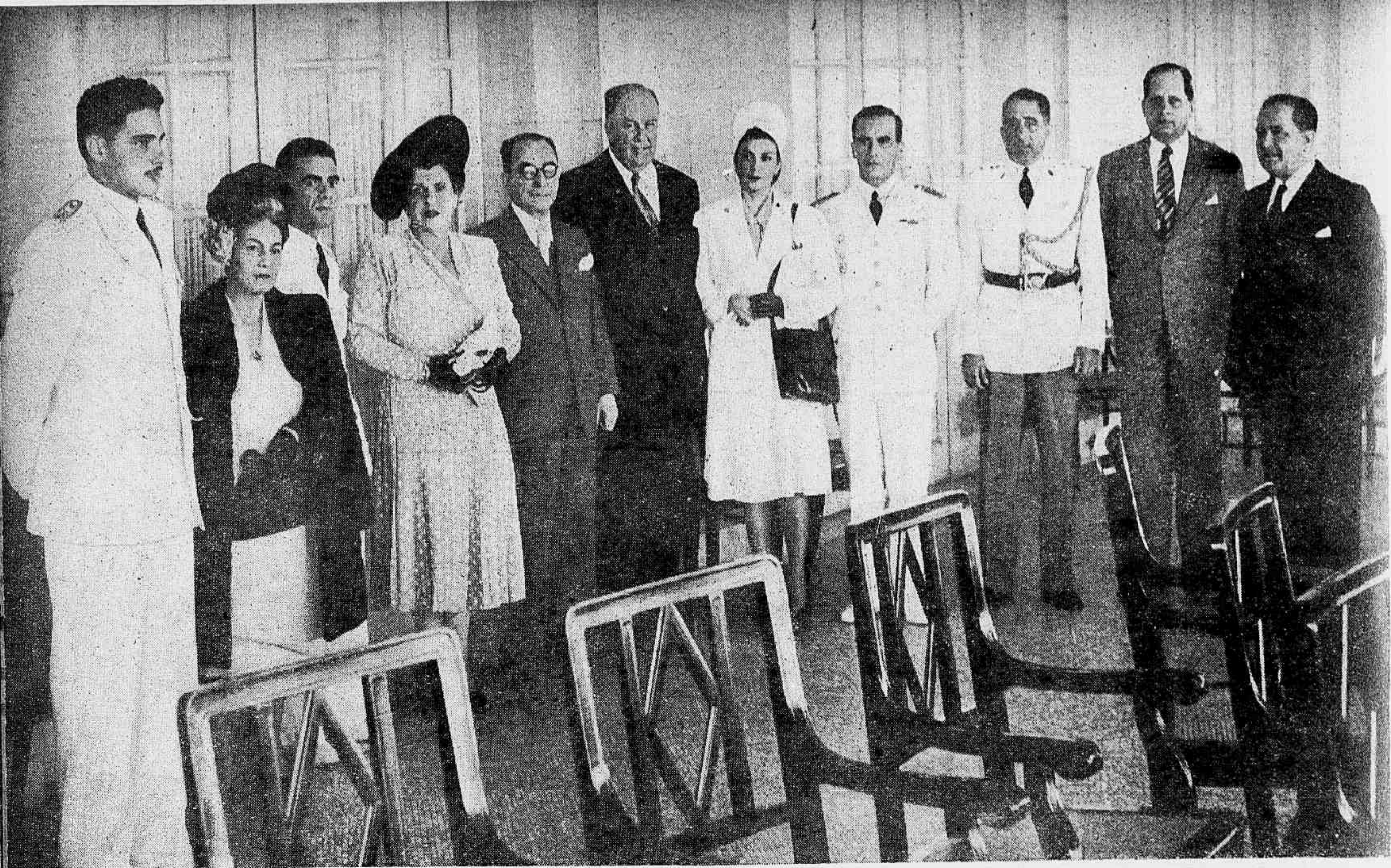
— Você nos emprestará a grana, Carvalho, e no fim do mês lhe pagaremos integral. Fazemos questão de pagar, entendeu, amigo velho? Fazemos questão, desta vez fazemos questão, é uma estipulação de honra, olhe lá!

Alguém lhe pagou algum dinheiro? Você conseguiu receber os oitocentos cruzeiros que desembolçou? Não? Assim se deu comigo. Divertiram-se à ufa, com o meu dinheiro, com o meu "smoking" ao som dos meus discos próprios para dança. Si tivessem parado nisto, seria razoável. Logo na manhã seguinte, todavia, recebi a primeira grande sacada. Ao abrir os olhos, ainda entontecido da cervejada da véspera, enxerguei o sr. Demétrio Manuel da Silva, gordo e rosado, pequeno comerciante, viglando o meu despertar, em companhia da esposa que há três meses eu vinha... bem, mas isto é outra história.

— Como passou a noite, Carvalho?

(Cont. na pág. 50)





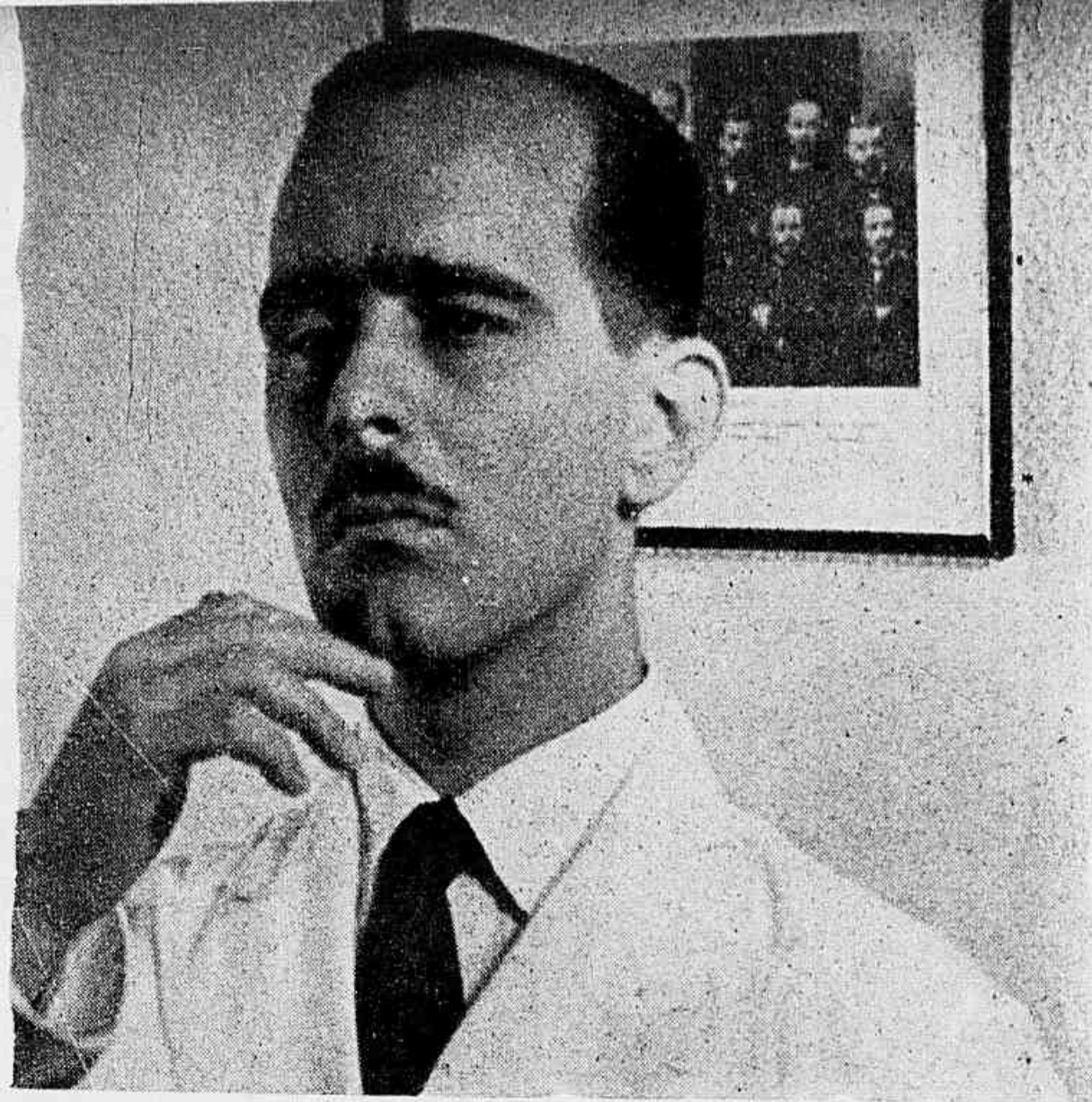
O JOCKEY CLUB NA TARDE DO CLÁSSICO IMPREENSA

Em cima: o Jockey Club brasileiro recebe a visita do Tte. Coronel Carlos Montanaro, Comte. da Escola Militar do Paraguai, acompanhado de sua Exma. esposa e dos Srs. Capitão Albernaz e Tte. Sarubbi, oficiais paraguaios que vieram ao Brasil a convite do Estado Maior do Exército. No cliché acima, vêem-se também o Major Moacir Faião, o Cel. Renato Bittencourt Brigido, o Ministro da Aeronáutica, Tte. Brigadeiro Armando Trompowsky, e o Sr. Rubens Antunes Maciel, secretário do Jockey Club. No centro: Grupo feito por ocasião da corrida no Clássico Imprensa, de altos funcionários da Embaixada Americana entre os quais se vê da esquerda para a direita: Cap. Cook, adido naval, Mrs. Leslie, Sra. Cook, cunhada e irmão da Sra. Leslie, e Sr. Carlos Costa. Em baixo: Grupo de gentis senhoritas da alta sociedade carioca presentes às corridas levadas a efeito na tarde encantadora de 16 de Novembro.



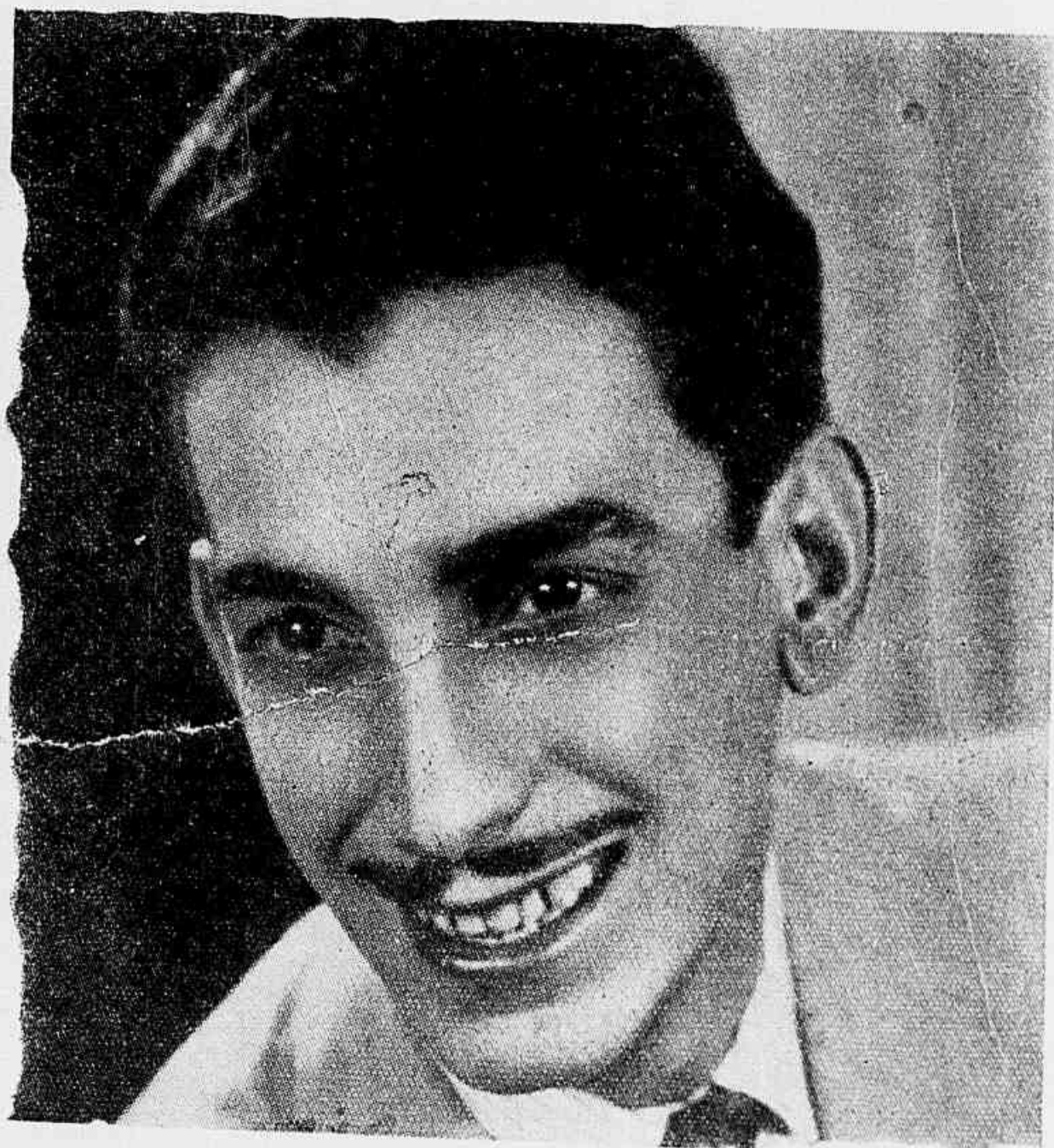
A esquerda, de cima para baixo: O sr. Francisco Eduardo Paula Machado, oferecendo aos jornalistas uma taça de champagne durante o banquete promovido pelo Jockey Club Brasileiro, ao ensejo da corrida do Classico Imprensa, no domingo 16 de Novembro. O jornalista Brício Filho agradecendo em nome da Imprensa a homenagem do Jockey Club. Outro aspecto do banquete oferecido pelo Jockey Club à Imprensa carioca. A direita, na mesma ordem, alguns flagrantes colhidos na "pelouse" na memorável tarde do classico Imprensa.





LÊA Coutinho surgiu através de um programa de calouros. Era um pingão de gente a procura de cartaz. Foi necessário o Juiz de Menores dar permissão para que seu nome figurasse na lista dos calouros. Propôs-se a menina a interpretar um samba, fato vulgar nos programas desse gênero. Porém, terminada sua apresentação, o auditório reclamou "bis", obrigando-a a cantar três números diferentes. LÊA Coutinho, além de abiscoltar o prêmio de cem cruzeiros, recebeu um contrato. Começou, então, sua carreira artística. Pertenceu ao "cast" da Transmissora, animando as atrações carnavalescas. Cantou no programa da "Hora do almoço", irradiado pela Mayrink Veiga. Tomou parte no "Picolino", quando este passou-se para a Rádio Nacional. Esteve no elenco da Guanabara, interpretando sambas e marchas de sucesso. Integrou a turma do "Programa Manoel Barcelos", no período em que este se manteve ao microfone brasileira. Fora do rádio trabalhou em diversas "boites", animou espetáculos teatrais e emprestou o concurso de sua voz a festivais diversos. Tem excursionado pelo interior do país, sendo que, no momento, está afivelando malas para uma viagem à Bahia, a fim de cumprir vantajoso contrato com a emissora local. LÊA Coutinho possui diversas gravações. É casada, gosta de cinema, desconhece o que sejam superstições, coleciona fotos de artistas de cinema, é fan de Carmen Miranda.

FLAVIO Cordeiro, locutor "doublé" de galã cinematográfico, nasceu no Distrito Federal. Começou sua carreira radiofônica na qualidade de locutor da Rádio Jornal do Brasil, vindo mais tarde a integrar o quadro de "speakers" da Roquete Pinto. Sua atuação no "broadcasting" carioca é das mais eficientes, uma vez que lhe sobram as qualidades precisas a um bom "announcer". Na PRE-4, não só comanda os programas de estúdio, como colabora na redação de alguns, além de auxiliar no que diz respeito à correção. No cinema, seu trabalho mereceu referências elogiosas, ao aparecer como figura central de "Uma aventura aos quarenta", vivendo papel de grande responsabilidade. Aliás, sua interpretação animou os produtores à filmagem de outra história, em que aparecerá, ainda, como galã. Flavio Cordeiro é um apaixonado da mágica, distraíndo seus companheiros de rádio, com interessantes números de ilusionismo. Na Roquete Pinto, já teve oportunidade de aparecer como rádio-ator, trabalhando nas peças de cunho histórico irradiadas pela PRD-5. É o narrador de "Rádio-concerto", transmitido às segundas-feiras, às 20 horas, "Música e poesia", irradiado às terças-feiras, às 20,15 horas. Na vida privada, dedica-se à medicina, frequentando, para isso, as aulas do Instituto Hannemaniano. Além do rádio e do cinema, o jovem radialista dedica-se ao jornalismo, assinando a seção cinematográfica de um matutino. Sua distração preferida é a natação.



ALI na onda da Rádio Club do Brasil, onde todos os dias, às 18.30 horas, vocês ouvem "Curiosidades cinematográficas", trabalha Eunice de Araujo, que se esconde sob o pseudônimo de Suzy. Carioca de nascimento, seu ingresso no "broadcasting" ocorreu por intermédio de "Papel carbono". Ela propôs-se imitar "Maniúca", Charles Bouer e outras famosas figuras, saindo-se a contento dessa verdadeira prova de fogo. Tamanho foi seu sucesso que Renato Murce, então diretor da PRA-3, contratou-a para tomar parte nos diversos espetáculos rádio-teatrais. Tivemo-la, assim, desempenhando papel de importância em "Mulher sem coração", novela de Edgar I. Carvalho. Participou ainda, de outras histórias seriadas, além de trabalhar em "sketchs", cortinas e peças completas. No programa "Café cantante", Suzy cantou sambas com sotaque francês e interpretou várias personagens em "Rádio-trailer". No decorrer de 1946, dando expansão a seu espírito de aventuras, visitou os Estados Unidos como correspondente de alguns jornais e revistas cariocas. Integrou diversos conjuntos de amadores, animando espetáculos teatrais, sem contudo fazer profissionalismo do palco. Eunice de Araujo, no momento, é a locutora responsável pela apresentação de "Curiosidades cinematográficas", cartaz que opstul boa aceitação entre os aficionados da sétima arte. Para todos tratando com amabilidade, ela é uma dessas exceções do rádio, tendo um número de fãs.

RUY Rey figura com destaque no quadro de cantores da Rádio Nacional. É ele um dos mais apreciáveis intérpretes do cancionário americano, razão do "elogio" que lhe deram: "O trovador das Américas". Aliás, nos seus recitais de canto, o jovem artista paulista procura não o desmerecer, interpretando todo o gênero de composições, com bastante originalidade. Ainda agora, entrando no repertório carnavalesco, está apresentando números de sucesso, todos eles capazes de abafarem no reinado de Momo. Natural de São Paulo, onde foi registrado com o nome de Domingos Zemi-Tupi bandeirante, no decorrer de 1940. Estreou cantando sambas e marchas, gênero que abandonou pelas rumbas e guarachas. Mais tarde, levado por interesses financeiros, passou para a Difusora, onde o foi buscar um empresário do Cassino Copacabana. Logo seu nome passou a interessar às emissoras cariocas, levando a melhor a Nacional. Nessa estação, Ruy Rey vem lançando seus maiores sucessos, inclusive "Baliando la Guaracha", número típico do Paraguai e já gravado em disco Continental, pelo festeiras "tournée", muitas das quais em companhia de Janeiro de Oliveira. Levará a aparecer num filme carnavalesco da Cinédia a integrar o elenco de uma companhia de revistas.

DE RADIO

DE QUATRO EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

Uma história Simples

Conto de FERNANDO JUAREZ PITANGA TÁVORA

N OIVO! Sim, eu estava noivo! A aliança em meu anular era a prova evidente de que atravessava finalmente o período pré-nupcial. E no entanto, não encontrava muita emoção naqueles dias.

Minha noiva, Idinha, era bela realmente encantadora. — Que mais poderia desejar? Bonita, bem educada, instruída e, acima de tudo, mulher!

Mais eu sentia que poderia amá-la muito mais, se ela quisesse. Se sorrisse mais sinceramente para mim, talvez. Em todo caso, procurava banir qualquer dúvida a respeito do sentimento mútuo que deveria haver entre nós. Quando casasse, tudo se esclareceria e certamente viveria feliz.

O interesse pelas conversas de minha noiva sobre miudezas do enxoval era um tanto frio de minha parte, como se achasse tudo aquilo de somenos importância. Talvez porque Idinha falasse mais nas dúzias de ironias ou no aparelho de chá, do que era nós, do que em nosso futuro.

Quando passeávamos de mãos dadas à noite, as conversas giravam sempre sobre assuntos diversos: o lugar de nossa lua de mel, o local do casamento, a festa, a nossa casa, etc... E eu, já enfadado de tudo aquilo, atemorizava-me em levar minhas palavras para um lado mais íntimo, menos rotineiro, para um lado que permitisse, a nós dois,

arroubos de sinceridade em relação ao nosso amor... Poderia, por exemplo, perguntar: — "Mas você gosta mesmo de mim?" Ao que ela responderia com suave mofa, em tom de repreensão por pergunta tão tola ante a evidência de nossa situação...

— Mas você gosta mesmo de mim?" — "Tolices, "seu" Nando, tolices... Pois Idinha não era minha noiva? Em todo caso, sentia que deveria obter uma resposta verdadeiramente sincera a essa pergunta, antes de casar. Mas o tempo passava, e eu sempre enleado em esperanças de que, após o compromisso perante o altar, todas as dúvidas ficariam desfeitas...

Idinha não era bela, amável e também minha noiva? Então que mais poderia desejar? O amor era aquilo mesmo!

★

— Dá licença?

Estava em casa sozinho, lendo. Como ninguém atendesse, fui até a porta dos fundos ver o que se tratava. Era uma menina de uns treze anos. Uma linda menina, apesar de mal arrumada, suja e descalça. Trazia uma pequena trouxa.

— Eu sou a filha da lavadeira e vim entregar a roupa, pois mamãe está doente.

(Cont. na pág. 50)

Selecionado no Concurso Permanente da "REVISTA DA SEMANA" ★ Ilustração de ORLANDO MATTOS



VISITA AO MUSEU DO

ONDE SE SENTE A AUSÊNCIA DO BRASIL — E ETNÓGRAFOS BRASILEIROS — UM MUNDO NOS OLHOS

Reportagem de NELSON VAINER

PARIS, julho (Pelo Pandeirante da Panair do Brasil) — Num dos mais lindos recantos deste mundo maravilhoso que é Paris, no Trocadéro, nas vizinhanças da famosa Torre de Eiffel, funciona, desde 1878, o Museu do Homem, cuja finalidade consiste em difundir os mais altos estudos relacionados com o homem de todos os quadrantes do globo. A arqueologia e a etnografia constituem as preocupações básicas da jovem e importante instituição.

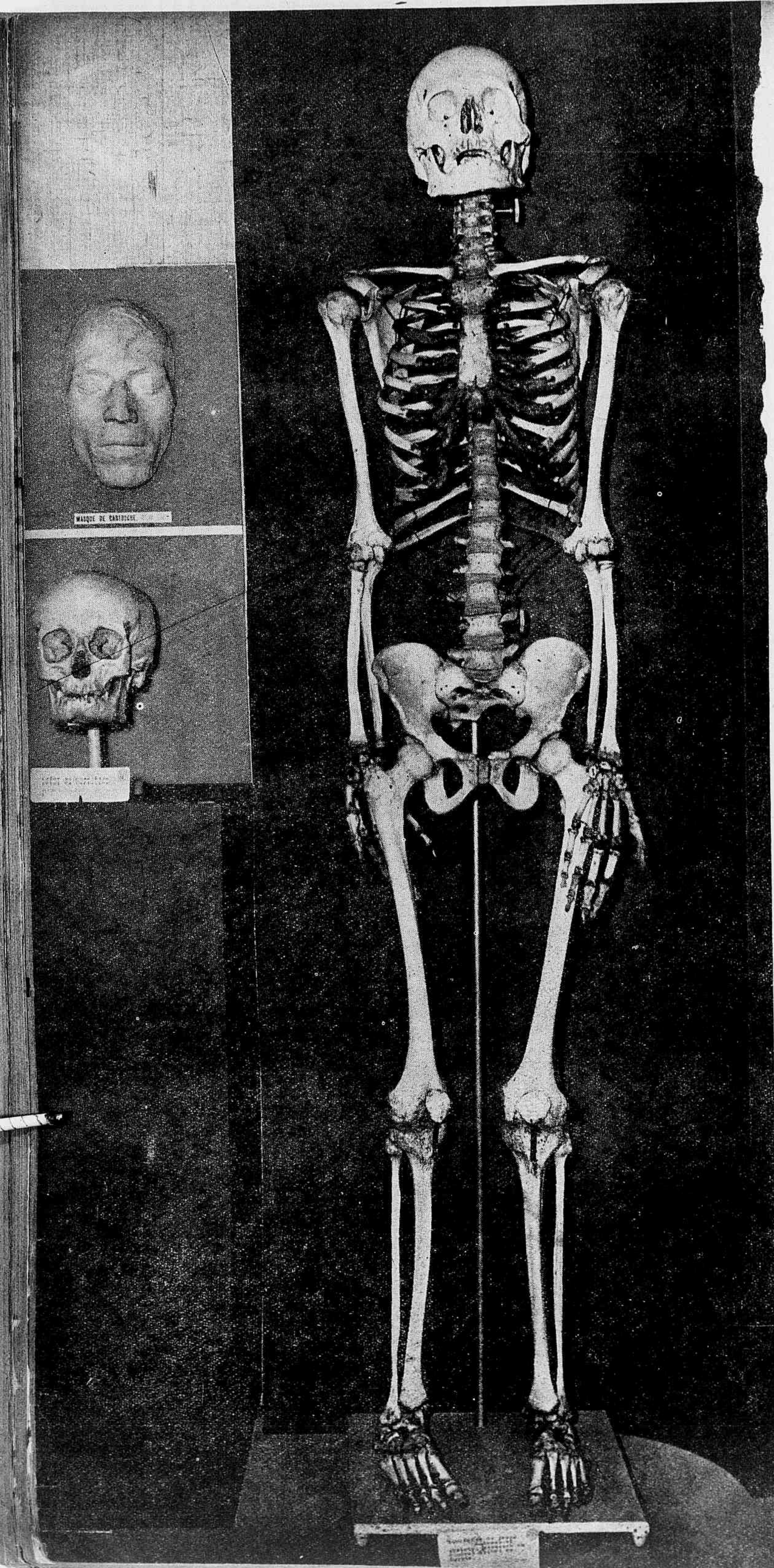
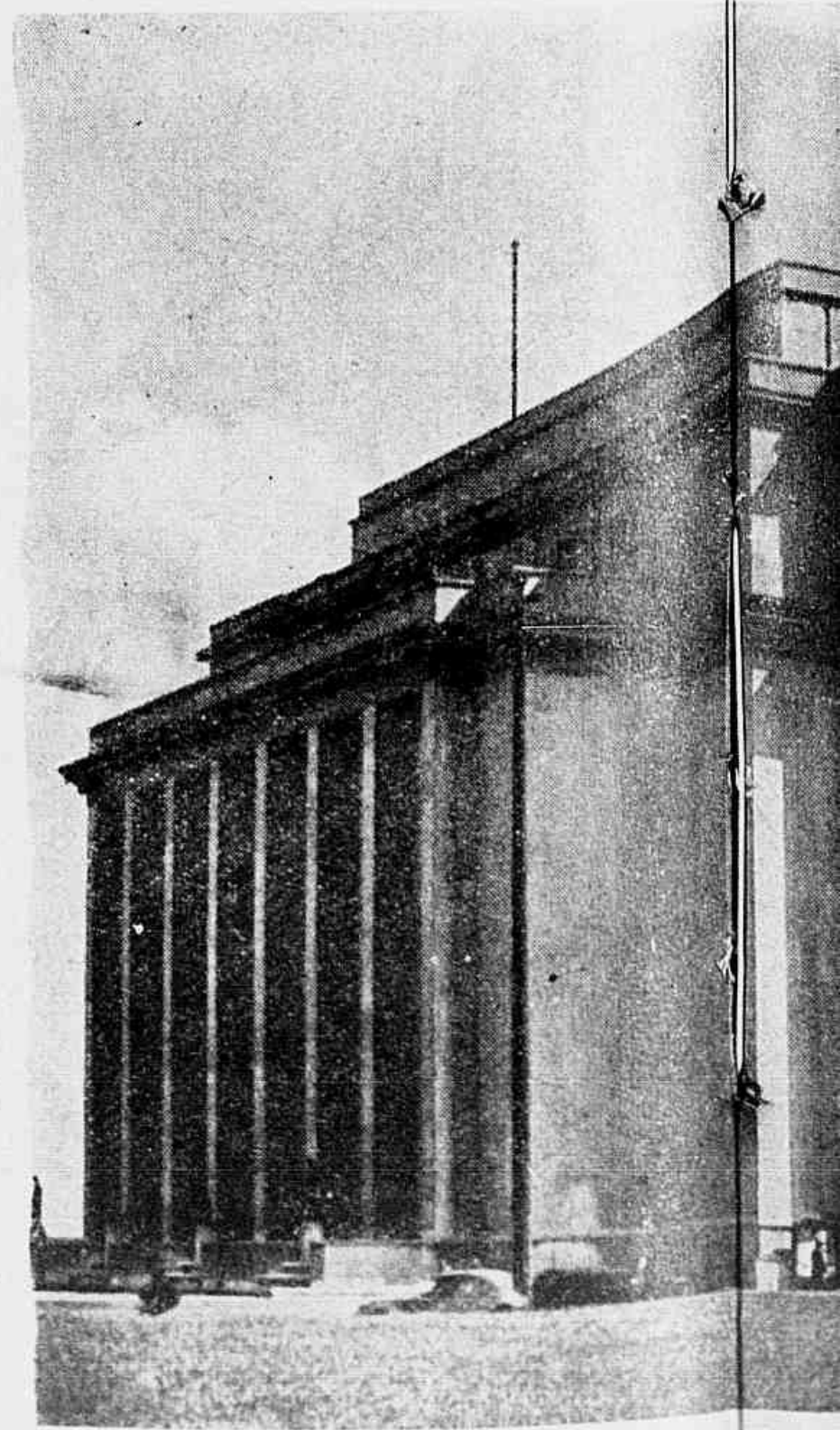
Ao ser fundado, foi o Museu do Homem instalado no antigo Palácio de Chaillot, mais tarde reconstruído, sendo hoje um dos edifícios mais modernos da "Cidade Luz". Na fachada do prédio, foram esculpidas as seguintes palavras de Paul Valéry, que são um convite a todos aqueles que por ali transitam:

"COISAS RARAS — OU COISAS BELAS —
AQUI SABIAMENTE REUNIDAS —
DESLUMERAM A VISTA, AO VER, —
COMO JAMAIS FORAM VISTAS ANTES, —
TODAS AS BELAS COISAS EXISTENTES
NO MUNDO."

Aceitando o "convite" de Paul Valéry, entramos. Eram quase duas horas e, quando saímos, já era quase noite. Foi um longo passeio o que fizemos, desde a prehistória até hoje, da era da caverna à era da energia atômica, convivendo com os povos primitivos, e as raças contemporâneas da Europa, Ásia, África, Oceania e, principalmente, de todos os povos que outrora habitaram e ainda hoje habitam as terras americanas. Todos eles ali se acham etimamente representados, contribuindo de maneira notável para os altos estudos que o Museu do Homem difunde.

Nesse grande museu, consagrado ao estudo das ciências humanas, que é, no momento, senão o único, pelo

A esquerda: O esqueleto do assassino de Kleber. A direita: O esqueleto de Cartouche. Em baixo: Vista exterior do Museu do Homem. O edifício, com seus magníficos monumentos trazidos dos mais longos e mais lúbricos povos, torna-se um dos mais notáveis museus do mundo. Traje de festa, usado pelos abissínios, por ocasião de suas grandes festas, o mesmo se dando com objetos idênticos de outras civilizações, como as Congadas, por exemplo, também



DO HOMEM EM PARIS

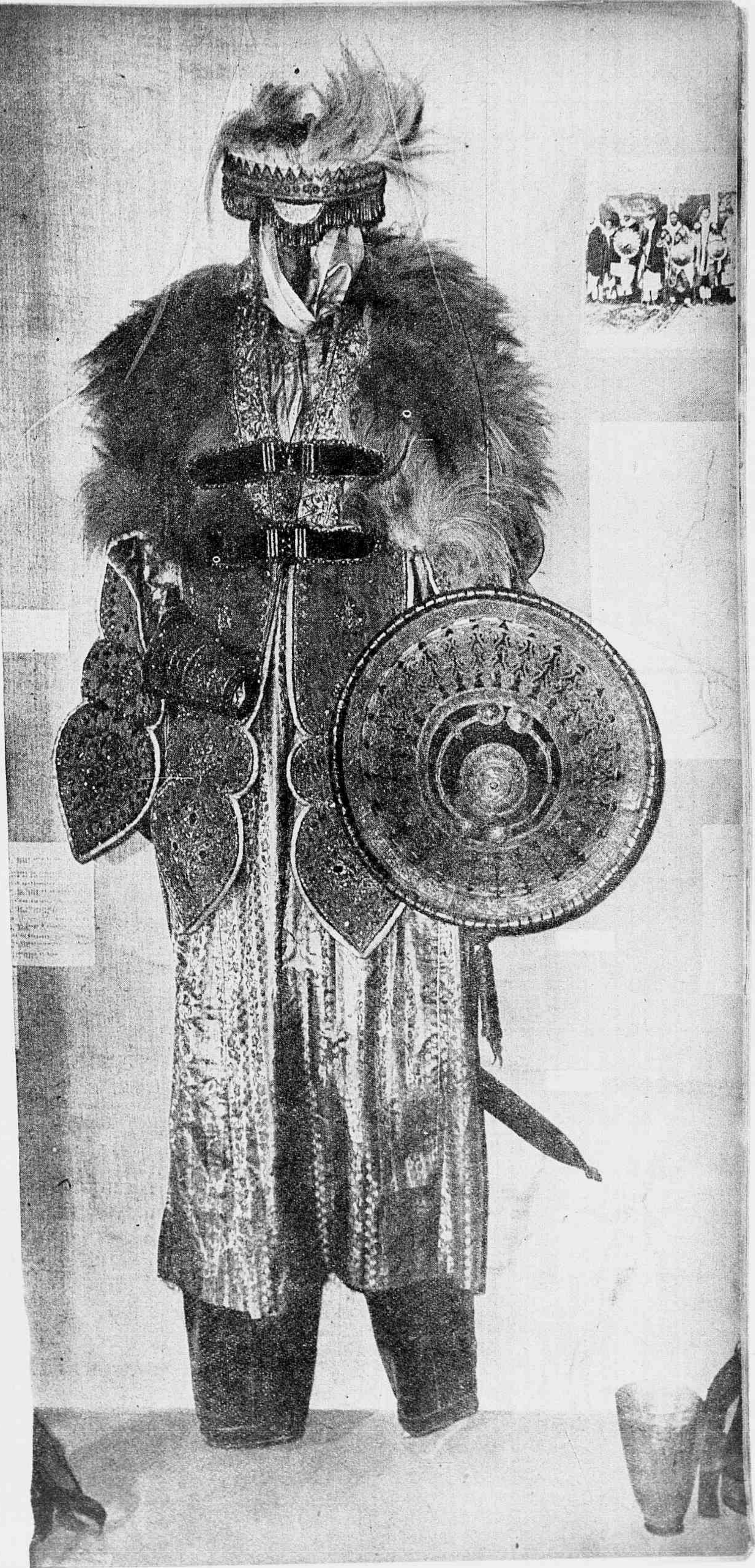
DO BRASIL — RECADO AOS ARQUEÓLOGOS
— UM MUNDO DE MARAVILHAS PARA OS
POSSOLOS OLHOS

(Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA"
à Europa).

menos o mais importante do mundo, vimos a evolução da raça humana, através de farta e variada documentação: tijolos com letras cuneiformes e outros objetos do Egito, desenhos e obras de arte executados em pedras, madeiras e outros materiais, feitos em várias épocas e em diversas regiões do globo; instrumentos de caça e pesca, canoas, arpões e armas primitivas das quais os nossos remotos antepassados se utilizavam em sua tremenda luta pela vida; esqueletos de homens primitivos; outros achados, como ossos humanos, que tanto dão que fazer aos estudiosos; corpos e cabeças mumificados de diversas tribos indígenas das Américas; os curiosos totens e outras obras parecidas, figuras grotescas que para os antigos representavam deuses, credulices, superstições e outras coisas mais; milhares de objetos e documentos etnográficos, fotografias de enormes monumentos, entre os quais se destaca a Pedra do Sol, testemunhas de milhares de anos de civilização através do aperfeiçoamento da raça humana, enfim — um grande museu de curiosidades que conta o nosso passado, e de que bela maneira o faz!... O visitante não se cansa de ver aquelas maravilhas e, depois de visitar pela primeira vez, o Museu, não deixa de procurá-lo, mais tarde, para tornar a ver as belas coisas que ali foram sabiamente reunidas.

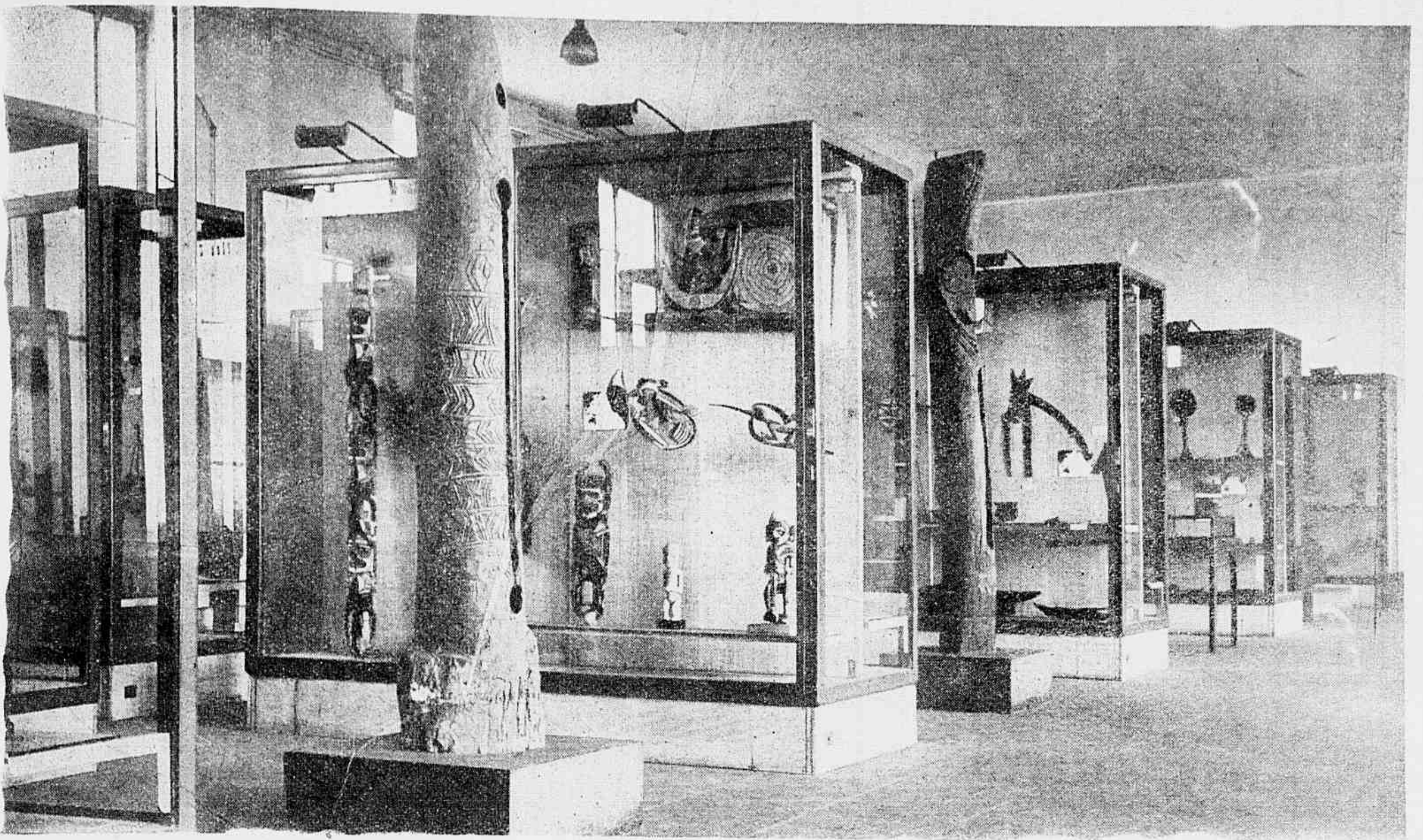
Dissemos de início que todos os povos do mundo são etimamente representados no Museu do Homem. E o Brasil? E' mesmo. E o Brasil? — Infelizmente, e não compreendemos porque, é tão pobre nossa contribuição. Mas a verdade é que as demais coleções eclipsam totalmente a nossa pequena vitrina de objetos dos indígenas de Mato Grosso, todos da tribo dos Bororós. Países pequenos, como os bálticos, por exemplo, e até mesmo os esquimós, já não falando de alguns países sul-ameri-

ber. A direita: a máscara mortuária e o crânio do famoso bandido do Homem, único no gênero no Mundo. Suas coleções e documentos trazidos dos mais longínquos reinos do globo e sua eficientíssima museus e os quarenta e tantos existentes em Paris. A direita: coleção de festas populares. Esses e outros trajes da Etiópia ocupam objetos idênticos de outros países. — Coisas assim, das festas populares também eram motivo de admiração no Museu do Homem.





Momie d'Ancon, Pérou
Spécimens d'objets
bes de la côte péru



Ao alto: Vista geral do pavilhão de Oceania, vendo-se dois totens esculpidos em troncos de árvores. Em baixo, na sala de entrada, vê-se um totem colosso, trazido do Canadá, desses que inspiraram a Freud o seu interessante estudo sobre o significado psicológico dessa obra de arte. Na página ao lado: Em quase todas as coleções etnográficas dos países latino-americanos existem várias múmias de índios, esqueletos e cabeças mumificadas. Esta veio de Ancon, Perú.

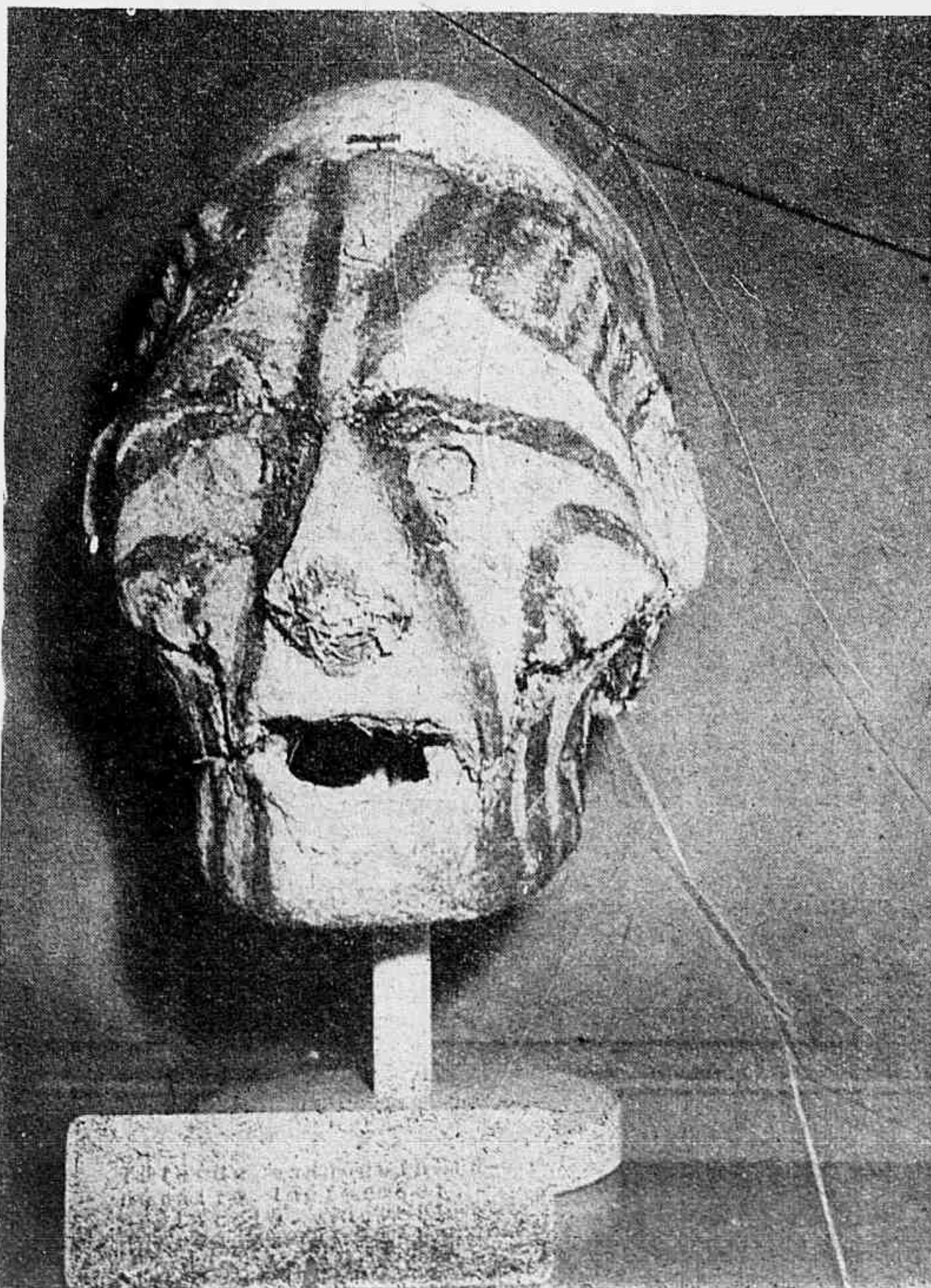
canos, contribuíram enormemente, para enriquecer o Museu do Homem, com as mais notáveis coleções de pintura, arte, gravuras, folclore, instrumentos musicais, armas, indústria caseira e quanta coisa mais, meu Deus! Menos o Brasil, que poderia, sem dúvida, ter enviado uma

bela coleção etnográfica. Ora, pergunta-se: não está o Brasil em condições de fornecer ao Museu do Homem uma coleção condigna? Ou tal iniciativa não interessa? Se o saudoso Mario de Andrade estivesse vivo, nós lhe pediríamos que tomasse a si essa tarefa e temos certe-

za de que ele a aceitará. A propósito: que foi feito de sua coleção etnográfica que, segundo nos disse pouco antes do seu falecimento, seria por ele doada, se não nos enganamos, ao Museu Paulista?

(Cont. na pág. 53)

A esquerda: Cabeça mumificada que se encontra na Coleção Caillot, de Paris. Em quase todos os museus etnográficos encontramos estes exemplares, horripilantes pelo aspecto macabro, mas extremamente interessantes como objeto curioso e documento. A direita: Máscara fúnebre das Ilhas Hébridas, que se encontra entre as Coleções do já famoso Museu do Homem, em Paris.



REALIZAVA-SE um banquete em casa do poeta ateniense, Agaton.

Tendo conquistado o primeiro prêmio com um drama de sua autoria, no Teatro Grego, o poeta convidara os seus melhores amigos para com ele celebrarem a vitória. Discutiam os convivas um de seus temas prediletos — o amor; e cada qual tentava, por seu turno, expor a idéia que fazia de tão absorvente tópico.

"O amor", dizia Pedro, "é o mais velho dos deuses, e um dos mais poderosos. É o princípio que transforma em heróis os jovens comuns, pois o enamorado envergonha-se de fazer papel de covarde diante de sua amada. Dai-me um exército de enamorados e poderei conquistar o mundo."

"Sim", concorda Pausânias, o orador seguinte, "mas é preciso distinguir entre o amor terreno e o amor divino — a atração entre dois corpos, de um lado, e, de outro, a afinidade entre duas almas. O amor vulgar do corpo cria asas e foge ao passar o viço da mocidade. Mas o nobre amor da alma é perpétuo."

Intervém então, o comediógrafo Aristófanes, com uma explicação completamente nova a respeito do amor. "Nos velhos tempos", diz ele, "andavam os dois sexos unidos num só corpo. Era esse corpo redondo como uma bola, tinha quatro mãos, quatro pés e dois rostos. Movimentava-se com assombrosa rapidez, utilizando-se de seus oito membros, como se fossem raios de uma roda, numa série de contínuos saltos mortais! Terrível era a força dessa raça de homens-mulheres, e ilimitada sua ambição. Planejavam escalar os céus e atacar os deuses, quando Júpiter teve uma idéia feliz: "Cortemo-los em dois, disse ele, e terão, assim, metade apenas de sua força, e nós, o dobro de sacrifícios."

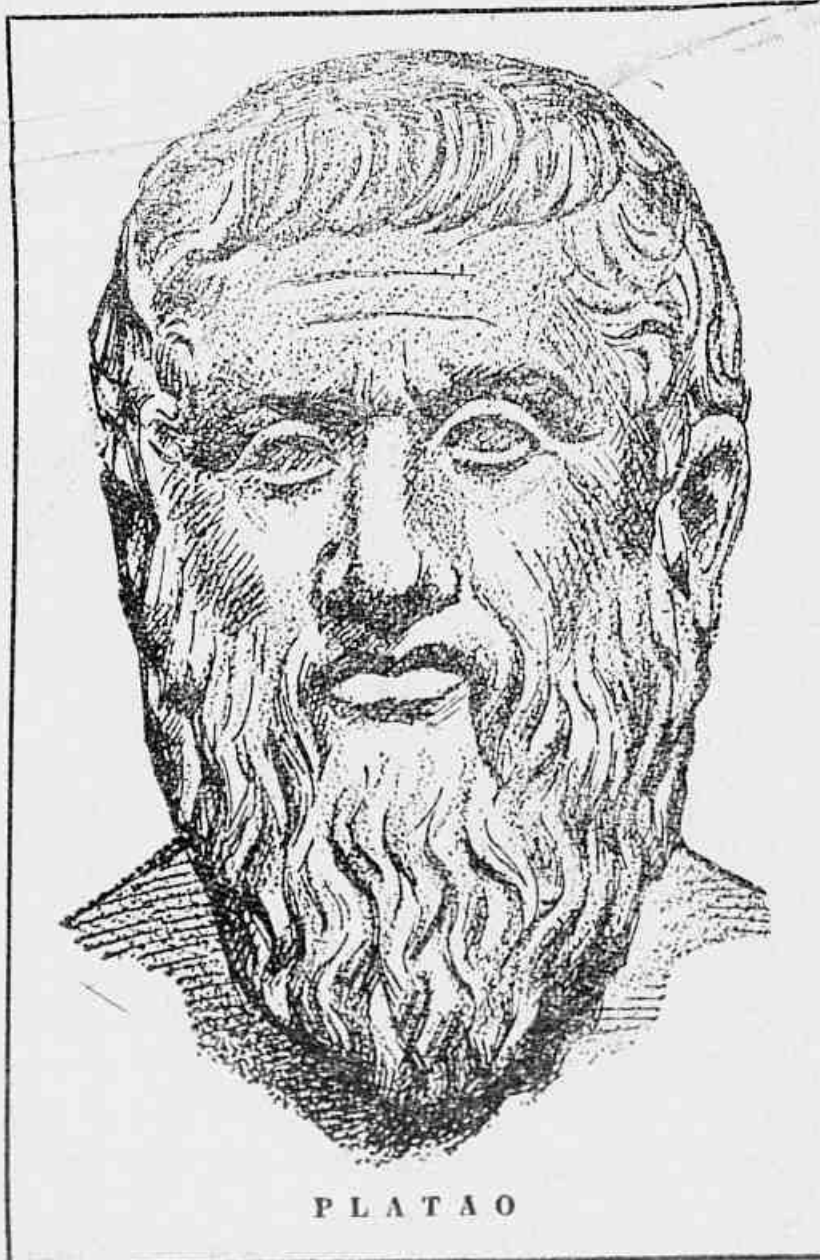
"E dito isso, o deus separou os dois sexos, e dêsse dia em diante as duas metades daquele corpo outrora unido, vem se consumindo no ardente desejo de se reunirem outra vez num só. E é a esse anseio pela reunião dos sexos que chamamos amor."

Essa humorística interpretação do amor é seguida de várias outras definições interessantes até que, por fim, é solicitado o convidado de honra, Sócrates, a fazer algumas observações sobre o assunto.

"Depois de toda essa eloquência", principia Sócrates, "sinto-me petrificado, aparalhado. Como poderá a minha estupidez competir com tamanha sabedoria?"

E, tendo-se aliado dêsse socrático prefácio de irônica modestia, começa reputando toda a "sabedoria" deles com a sua "estupidez". Espedaca-lhes os argumentos com uma série de perguntas irrespondíveis — foi Sócrates o fundador do método quis em educação — e continua, então, esse processo destrutivo com uma teoria construtiva, sua. "O amor", observa, "é o ardente anseio da alma humana pela beleza divina. O amante anseia não somente por encontrar a beleza, mas por criá-la, por perpetuá-la, por plantar no corpo mortal a semente da imortalidade. É por isso que se amam os textos uns aos outros — para se reproduzirem e, assim, prolongarem o tempo até a eternidade. E é por isso que os pais amam seus filhos. Porque a alma dos pais afetuosos cria, não apenas filhos mas também investigadores e companheiros, colaboradores e sucessores na eterna busca da beleza."

E que é essa beleza que todos procuramos perpetuar através do amor? É a sabedoria, a virtude, a honra, a coragem, a justiça e a fé. Numa palavra, beleza é verdade. "E a verdade é o caminho que conduz diretamente a Deus."



PLATÃO

A VIDA DE PLATÃO

(427 A. C. — 347 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Aplaudem, os convivas, o discurso do filósofo descalço e passam, depois, a tratar de assuntos mais prosaicos. Iniciam um concurso de bebida que dura toda a noite. Um por um, são postos os pândegos fora de combate até que, ao amudar dos galos, restam apenas três — Aristófanes, Agaton e Sócrates. Eebem de uma grande taça que passam um para o outro, e Sócrates explica aos dois poetas, semiadormecidos que o grande comediógrafo deve ser também um grande dramaturgo. Aristófanes é o primeiro a pegar no sono; depois, ao romper d'alva, adormece Agaton. Sócrates deita-os delicadamente para que descansem, bebe uma última taça em honra do deus do vinho, Dionísio, e reinicia a sua tarefa diária de difundir a sabedoria entre os cidadãos de Atenas.

Um dos convidados dêsse famoso banquete era um discípulo de Sócrates, jovem que imortalizaria mais tarde, as proezas mentais e a resistência física de seu mestre. O nome dêsse jovem era Platão.

II

Platão era um dos filhos prediletos do céu. Como Goethe, tinham-no dotado os deuses de todas as prendas que podiam conceder a um mortal — nobre origem, pais ricos, boa aparência, um espírito são num corpo de atleta (apelidavam-no Plato, dizia-se, em virtude de seus ombros largos) e um apaixonado amor pela sabedoria. Nesta procura do saber veio, aos vinte anos, a receber a influência de Sócrates, que tinha, àquele tempo, sessenta e dois anos de idade (407 a.C.).

Platão venerou Sócrates desde o princípio. Reuniu-se ao grupo dos jovens e brilhantes intelectuais que acompanhavam o "tavão" pelas ruas da cidade e ouvia-o, assombrado e delirado, "picar" os homens mais sábios de Atenas, forçando-os a admitir a própria ignorância. Sócrates era feio como um sátiro e meigo como um santo. Um de seus mais hábeis discípulos, Alcebiades, comparava-o àquelas estátuas artificiosas que se vendiam na praça do mercado, em Atenas. "Tem o aspecto exterior de um Sileno (jogral mitológico), mas, ao abri-la, encontramos dentro dela a imagem de um deus."

No entanto, não procurava Sócrates atingir alturas divinas de sabedoria sobre-humana. Dedicava-se, ao invés disso, modestamente, como ele mesmo observava, à humaníssima tarefa de fazer perguntas. "Há apenas uma coisa que sei", dizia, "e é que não sei nada." E punha-se, então, a demonstrar a todos juntos e a cada um em separado, que os outros também, como ele, nada sabiam. Aplicava-se a aprender e a capacitar os outros a aprenderem. "Minha mãe", dizia, "era parteira, e procuro seguir-lhe as pegadas. Sou ginecólogo mental, auxiliando os outros a dar à luz suas próprias idéias."

E assim, discorria pelas ruas de Atenas, este filósofo de frases simples e feições grosseiras. Santo Sócrates, de nariz chato, lábios grossos, olhos saltados, corpo tóxico e divinos pensamentos. E em toda parte fazia a sua pergunta elementar to ti, que significa isto? Que é a piedade? Que é a democracia? Que é a virtude? Que é a coragem? Que é a honestidade? Que é a justiça? Que é a verdade? E qual é o vosso trabalho, e que conhecimento e habilidade trouxestes a ele? Sois, porventura, homem de estado? Neste caso, que aprendestes sobre governo? Sois advogado? Que estudos fizestes a respeito dos motivos das ações humanas? Sois professor? Que passos lá destes no sentido de vencer a própria ignorância antes de atrever-vos a atacar a ignorância alheia? To ti, informações, por favor?

Como tais perguntas procedia ao interrogatório dos sabichões e expunha-lhes a necessidade. Não o fazia, contudo, de maneira perversa. Expendia com a mesma veemência a própria ignorância. Era o seu propósito único, lograr a verdade pela eliminação do erro. "Sigo no rasto da verdade como um sabujo." Na busca da verdade descurava de seus interesses, de seu trabalho — era escultor de ofício — e de sua família. Mas sua rubugenta esposa, Xantipa, jamais perdia uma oportunidade para recordar-lhe essa negligência. Era Sócrates um mártir da filosofia. E que é, perguntava ele, a filosofia? O processo de raciocínio que nos capacita a conhecer nossa própria personalidade. Gnothi Seauton, conhece-te a ti mesmo.

A maioria das pessoas, todavia, ao conhecerem-se, desiludem-se com os novos conhecimentos. Quando Só-

crates retirou dos olhos dos atenienses o espelho da auto-ilusão e colocou-lhes à frente o cristal da verdade, horrorizaram-se eles com o resultado. Porque viram, nesse cristal, não o reflexo de homens, mas a imagem de bestas. E, como bestas, puseram-se a perseguir Sócrates. Por um certo número de anos contentaram-se em ridicularizá-lo, invectivá-lo e desferir-lhes golpes ocasionais. Mas, verificou-se, então, uma conflagração na atmosfera moral de Atenas, e muitos dos sentimentos mais puros dos cidadãos foram reduzidos a cinzas. Tinham sido, os atenienses, derrotados na guerra do Peloponeso (404 a. C.) — guerra travada entre a ditadura de Esparta e a democracia de Atenas. A decência humana, a dignidade da vida e o sentido da liberdade individual tinham recebido um golpe mortal. O tirano Críscias (o chefe dos quinta-colunistas de Atenas) derrubara o governo livre. E quando, por seu turno, foi Críscias derrubado, mergulhou o Estado numa revolução na qual se viram à solta as paixões mais baixas da humanidade. Já não era Atenas um sítio seguro para a vida de um filósofo — especialmente um filósofo que ainda ousava insistir na livre expressão de seu pensamento. Uma certa manhã, vindo da Praça do Mercado, encontrou Sócrates a seguinte acusação afixada contra ele:

"Sócrates é culpado de crime: primeiro, por não adorar os deuses que adora a cidade, mas introduzir novas divindades suas; segundo, por corromper a mocidade. A pena que lhe cabe é — a morte."

O principal instigador dessa acusação, era um mercador de couros chamado Anito. Nutria, esse homem, um velho rancor pessoal contra Sócrates, pois este aconselhara o filho de Anito a desistir das alcaçarias paternas e a dedicar-se ao estudo da filosofia. Esta criminalização da corrupção da mocidade, insistia Anito, outra coisa não merecia senão a pena de morte.

Era uma questão de couro contra o saber. Vendeu o couro. Sócrates foi preso e submetido a julgamento.

Tinha Sócrates em suas mãos o poder de escapar à pena de morte. Pois, consoante a lei ateniense, assistia, a um condenado à morte, o direito de optar pelo exílio como alternativa. De mais a mais, um certo número de amigos ricos, inclusive Platão, conseguia subornar o carcereiro. Sócrates poderia escapar se quisesse. Mas não quis. O seu dia chegara, e ele estava pronto para partir. Preparara-se, durante toda a sua vida, para enfrentar o perigo e, se necessário, a morte. Quando moço, ganhara o prêmio por bravura, em campo de batalha. Na maturidade, ocupando o cargo de senador, ele ousara desafiar a população inteira que clamava pela morte de um almirante acusado de covardia. Vários anos depois, fora igualmente corajoso ao desafiar o tirano Críscias. Ordenara-lhe esse tirano que trouxesse de volta a Atenas, um "rebelde democrático" chamado Leonte que fugira para Salamina. Sócrates, contudo, recusou-se a obedecer à essa ordem. "Eu teria sido morto, provavelmente por causa disso", diz-nos Sócrates, "se não tivesse caído logo o governo de Críscias." E agora que estava realmente condenado à morte, não nutria, fora melhor morrer então, enquanto ainda conservava intacta a sua força, que continuar a viver na desamparada decrepidez de excessiva velhice. Sempre orgulhoso de sua resistência física — era o único, em Atenas, que conseguia andar descalço sobre o gelo no rigor do inverno — não tolerava a idéia de uma vida inativa. "Enfrentemos a morte, como enfrentamos a vida, corajosamente... Não consiste a dificuldade, ó juizes meus, em fugir à morte, mas à culpa, pois esta é mais veloz que a morte, e agarra-nos com muito maior rapidez... Eu fui alcançado pela morte e meus acusadores, pela iniquidade... Submeto-me à minha punição, e eles à sua."

No último dia de sua vida visitou-o na prisão um grupo de discípulos. Descreve Platão a cena em seu Fédon, obra que se altela entre os grandes poemas épicos do mundo. Agrupam-se os discípulos à volta do mestre amado. Chama, Sócrates, um deles para ao pé de si e afaga-lhe os cabelos enquanto explica suas idéias sobre a vida e a morte, e a imortalidade da alma. É a morte ou um sono eterno — suave esquecimento mortal em que não existe perseguição, nem injustiça, nem desilusão, nem sofrimento, nem aflição — ou uma per-

(Cont. na pág. 35)

NOS BASTIDORES FEMININOS

POUCOS empregos requerem hoje maior habilidade do que ser boa esposa e boa mãe. No entusiasmo do amor estas coisas muitas vezes são esquecidas. O aspecto romântico do casamento quase sempre se sobrepõe às suas necessidades práticas. Uma moça moderna, naturalmente se ofenderia se o rapaz, ao pedi-la em casamento, em seguida ao clássico "você me ama?" perguntasse também: "você sabe cozinhar? Sabe fazer compras sem que os outros a 'embrulhem'? Tem outras habilidades, como, por exemplo, a costura?" "Entende de negócios?". Sim, essas perguntas seriam feitas porque a mulher atual, a da classe média, terá que desempenhar todas essas funções e da sua competência dependerá muito a estabilidade e a felicidade do seu casamento. Antes de se resolver a aceitar a proposta, a jovem deveria examinar bem as condições a preencher. Se bem que ela não possa vir a ser perfeita em tudo, será interessante verificar quais os papéis que ela deverá desempenhar, com maior ou menor habilidade. Eis-los:

DONA DE CASA: Como Dona de Casa ela deverá prover boa alimentação (de preferência feita por ela mesma) e deverá ter o cuidado de verificar que as refeições sejam servidas nas horas que convenham ao esposo. A casa deverá ser mantida limpa e em ordem. Se alguma visita inesperada aparecer, deverá encontrar tudo em seus lugares. Deverá entender de decoração sobre os seus ombros está a responsabilidade de tornar a casa confortável e atraente, seja qual for a renda da família.

GERENTE DE NEGÓCIOS: Como gerente comercial ela deverá ser uma compradora hábil e conscienciosa. Deverá providenciar para que as coisas essenciais nunca venham a faltar. Mesmo que esteja a seu cargo somente uma parte das rendas da família, ela deverá assumir a responsabilidade dessa parte e procurar fazer economias. Ainda como gerente de negócios ela deverá se encarregar de guardar os papéis importantes, conservar e supervisionar as condições de todo o equipamento doméstico e verificar sempre as substituições que se possam tornar necessárias.

ENFERMEIRA-GOVERNANTE: Como enfermeira-governante, ela deverá saber tratar as crianças quando estiverem doentes. Os medicamentos indicados deverão ser administrados à hora certa e, mesmo que isto tenha que ser à noite, ela não deverá mostrar o seu cansaço ou interromper, por essa razão, os seus trabalhos rotineiros. Quando as crianças estiverem bem, ela deverá saber tomar os necessários cuidados afim de que continuem assim. Deverá ainda cuidar das suas roupas, ajudá-las nos seus trabalhos escolares, fiscalizar as suas atividades sociais e ensinar-lhes boas maneiras. Deverá estimular o esposo a brincar com as crianças, mas deverá impedir que estas o perturbem quando ele desejar tranquilidade. Estas são as suas obrigações técnicas. Isoladamente pouco valem. Além de todas as suas obrigações domésticas, ela deverá ser **COMPANHEIRA**. Deverá, portanto, se lembrar que o esposo casou com ela para ter o prazer da sua companhia. Deverá, assim, procurar se pôr ao par de tudo o que o interesse, afim de poder discutir com ele quando ele sentir necessidade de conversar. Deverá também saber respeitar o seu silêncio quando perceber que ele prefere ficar calado. Deverá acompanhá-lo quando ele a convidar para sair, sem prejudicar o seu prazer enumerando os detalhes práticos que terá que arranjar antes. Deverá dar conselhos quando ele os solicitar; deverá ser a sua memória, a sua conselheira social se preciso for. Deverá ainda receber e corresponder às suas carícias. Deverá fazer com que ele "sinta" ser o único em sua vida. Finalmente, não deverá nunca tentar fazer-lhe ciúmes.

Estes são os papéis principais que uma mulher deverá assumir ao casar-se. Naturalmente mulher alguma será perfeita em todos os detalhes e ninguém esperará que assim seja. Uma habilidade maior numa qualidade compensará a incompetência numa outra. De qualquer forma, toda a mulher que se casa, deve procurar se "especializar" em alguns desses papéis. Quando ela é deficiente em mais de dois, e quando essa deficiência é séria, dificilmente ela poderá fazer o esposo feliz e, ela própria não será muito feliz.

KITTY



UM LINDO PENTEADO

MESMO com um penteado simples, a mulher pode ficar encantadora. É necessário, porém, que o penteado esteja de acordo com o formato do rosto e o tipo da própria pessoa. Este de Jacqueline White, "estrela" da RKO Rádio, é um exemplo do que dizemos. Ao alto: — O cabelo é levado para trás, ligeiramente levantado dos lados, sem formar onda. Em baixo, à esquerda: A onda é formada atrás das orelhas. A severidade do penteado é quebrada pelo uso de brincos vistosos. À direita: Atrás, um rolo virado para baixo, com uma trança ao redor.

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

ENVELHECER

Chiquinha Gonzaga, foi, no seu tempo, de uma coragem extraordinária. Enfrentou todo o preconceito da época, dedicando-se de corpo e alma à sua vocação de artista. Amadureceu com a música e envelheceu com ela. Quando já septuagenária, palestrava certa vez com um amigo.

— Está compondo alguma coisa agora? — perguntou-lhe este.

A consagrada compositora patricia respondeu melancolicamente:

— Já não componho, meu amigo. Agora, apenas decompinho...

RAZÃO DE SOBRA

No seu livro "Precursoras Brasileiras", Barros Vidal conta um delicioso episódio da vida de Violante Bivar, considerada a primeira jornalista brasileira. Lançando o seu jornal "Domingo", com imensas dificuldades, fazendo frente a despesas tremendas, além de afrontar os preconceitos da época, Violante Bivar parecia uma leoa detendo seu filhote.

Eis, num dos números desse semanário, o que diz, sob o título "Agradecimento": — Agradecendo cordialmente a benévola simpatia com que a "República" tem acolhido o nosso modesto periódico, cumpre-nos tributar ao digno redator daquele órgão da imprensa brasileira os nossos respetos pelas frases de louvor, imerecido, que nos tem prodigalizado, tornando patentes aos nossos leitores essas frases de animação. Quando o elogio parte de pessoa tão autorizada como o doutor Quintino Bocayuva, razão há para ufanarmos-nos.

E agora vejam a notícia que causou tamanho alarido:

Distribuiu-se ontem o 5.º número do interessante periódico "O Domingo".

PRECONCEITO

Madame de Genlis levava a tal ponto seu puritanismo, em matéria de costumes, que chegou ao extremo de repreender um livreiro por ter, no arranjo de suas vitrinas, colocado livros de autores do sexo masculino juntamente com livros de autoria de representantes do sexo fraco. Era promiscuidade em demasia!

O RETRATO

Quando Madame de Stael estava escrevendo suas memórias, uma amiga lhe perguntou como ia descrever o capítulo dos seus amores.

— Oh, isso não me preocupa, — respondeu ela. — Não estou fazendo uma estátua, mas apenas o meu busto...

CRITICA

Marie Dressler foi uma das atrizes mais famosas do cinema mudo. Dotada de extraordinário talento, conseguiu ainda prosseguir através do cinema falado por uns tempos, mas, terminou por se retirar da tela. Era gorda, alta, pesadona. Quando estava ainda no apogeu da glória, decidiu visitar Paris. Falava um francês hediondo, mas, mesmo assim, conseguia se fazer entender. Certa ocasião enfiou-se num taxi para ir a determinado endereço. O chofer se recusou a dar saída.

— "C'est derrière l'hotel" — dizia o homem.

Marie insistia.

— Que est ce qui signifie "derrière"? — perguntava.

Depois de tentar explicar, o homem perdeu a paciência e gritou:

— Madame, se a senhora não sabe o que é "derrière", então ninguém no mundo sabe!

E Marie Dressler entendeu.

DOR SINCERA

Harriet Beecher Stowe, autora de "A Cabana de Pai Thomaz", livro que agitou o povo americano, dando o primeiro golpe de morte no escravismo, escrevia a uma sua amiga, Mrs. Howard:

"Sua filha Annie parece estar sentida comigo, porque no meu livro, deixei que Eva morresse. Mas, palavra de honra, não foi possível fazê-la viver. Eu, pessoalmente, fiquei tão abalada que durante duas semanas inteiras não tive ânimo para pegar na pena."

O MODELO

Havia sido estreitado "Monsieur ou l'on s'ennuie", a famosa peça de Edouard Pailleron, e Madame Aubernon, que havia reconhecido o seu "salon" na peça, foi cumprimentar o autor.

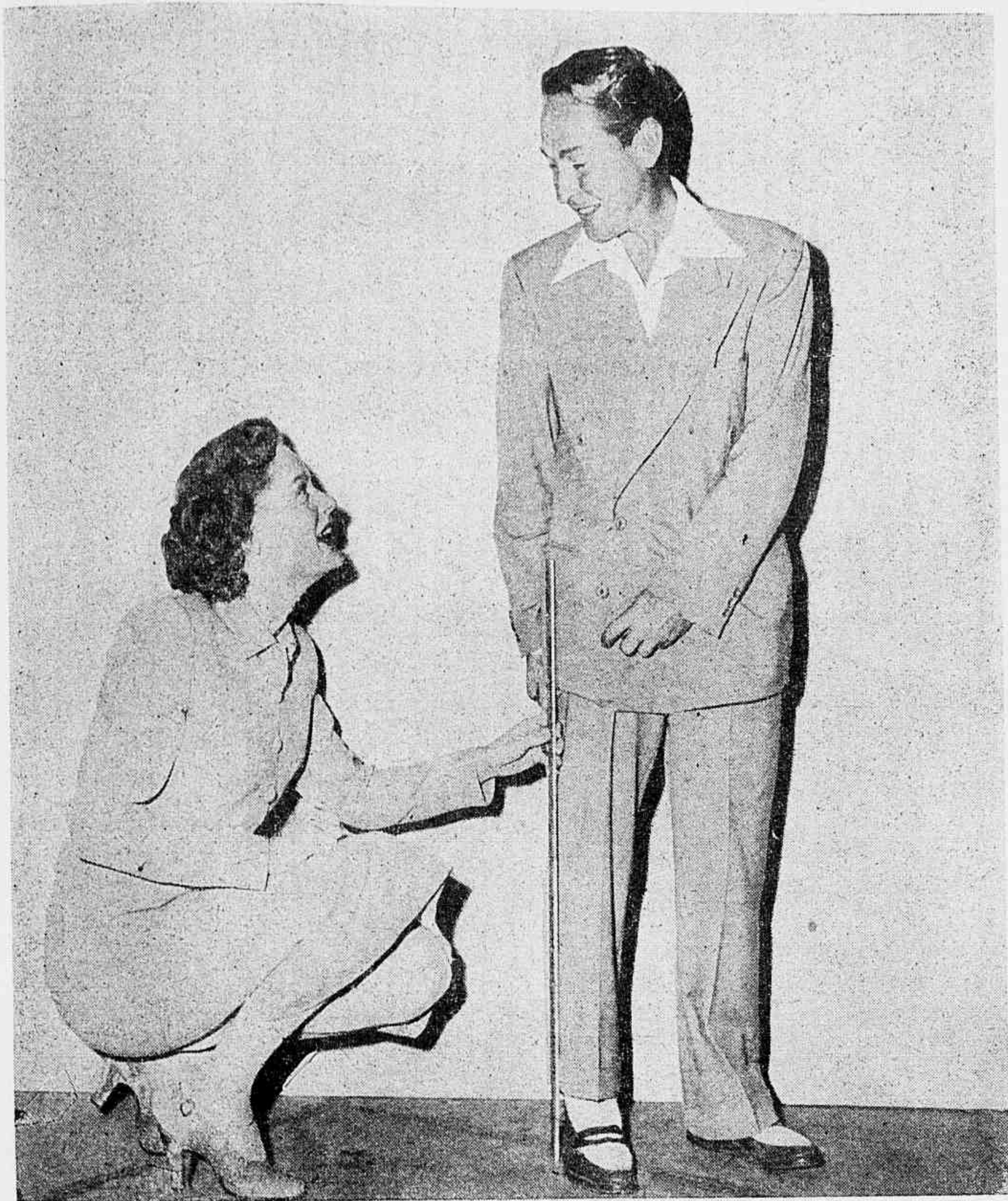
— Mas, já que pretendia apresentar um salão literário numa peça, por que não escolheu o meu? — perguntou-lhe com ar muito cômico.

(Seleção de L. B.)



CURTAS OU

A controvérsia chegou à Hollywood, como não poderia deixar de acontecer. As "estrelas" cinematográficas se viram também envolvidas nas discussões sobre os comprimentos das saias. Umas são contra, outras a favor. Alexis Smith que aqui vemos (fig. 1) parece estar satisfeita com o comprimento que Mile Anderson, desenhista da Warner Bros., lhe sugeriu. Um pouco mais compridas, mas não ainda pelos tornozelos! Por sua vez, Alexis Smith (fig. 2) acha que o comprimento das calças masculinas deve se manter como está e não



COMPRIDAS?

à altura do sapato como alguns "experts" em trajes masculinos querem impôr. Quanto à Peggy Wood, (fig. 3) diz que o comprimento ideal é este que aqui exhibe. Bem mais comprido, é claro, porque torna a figura mais elegante e esguia. Seu "tailleur" foi desenhado por Edith Head. Louis Maxwell, (fig. 4) atriz canadense, ora contratada pela Warner Bros., é também favorável às saias compridas. Como vêem ela não perde nada da sua elegância neste casacão largo, com grandes botões e largos punhos.

Enfim, a luta prossegue.



A PERSONALIDADE da Semana

BIBI FERREIRA

Perguntel-lhe, naturalmente, quais os seus planos.

— Não faço planos! — respondeu alegremente. As coisas nunca acontecem como as imagino. Não quis ser atriz, quis ser ballarina... Nunca pensei em ter minha própria companhia e as coisas se desenvolveram de tal maneira que cheguei a ter a minha companhia. Estava decidida a nunca fazer cinema e fui à Inglaterra para trabalhar num filme! Você vê...



— Você tenciona fazer outros filmes?

— Aguardo a chamada de uma companhia inglesa para realizar um filme que se chamará "Lean with the Wind" (Dobra-te ao Vento). Eis porque não estamos preparando outra peça. Em princípio, só daremos "Divórcio". Mas, como já lhe disse... Não faço planos...

E' muito agradável conversar com Bibi, porque ela é tão jovem. Não somente por causa dos seus vinte e quatro anos. Muitos moços dão a impressão de velhos porque carecem de fé na vida. Bibi, ao contrário, possui tal dose de entusiasmo que quem a escuta fica logo contagiado. E este entusiasmo embebia suas descrições da Inglaterra, da qual muito gostou.

— Aqui nem podem imaginar como os ingleses amam o teatro e respeitam os artistas. Com que carinho os esperam na saída do teatro! E os artistas, por sua vez, vivem seus papéis com tamanha emoção que estão fisicamente transfigurados quando acabam seu trabalho e vêm cumprimentar o público. Além disso, o bom teatro não é o privilégio de uma classe, está ao alcance de todos.

Lembrei o "Old Vic", situado num bairro popular e os inumeráveis operários, fazendo fila durante horas, sentados em banquinhos que haviam trazido, para poder assistir a uma comédia de Shakespeare.

— Mas antes da guerra, o "Old Vic" era pobre, lembrei. Os cenários e as roupas eram muito simples...

— Hoje é muito rico, explicou Bibi, mas as filhas as quais se referiu continuam existindo. O povo continua frequentando este teatro e não é privilégio de uns poucos ouvir Laurence Olivier em "Hamlet". Assisti aos ensaios da companhia. Como todos tomam sua profissão a sério. Laurence Olivier grita como nunca ouvi ninguém gritar e os atores que trabalham com ele não se zangam, apesar de alguns entre eles serem tão grandes e populares quanto ele!... Agora, este público que segue com tanto carinho a carreira dos atores que ama, não dá confiança aos jovens, imediatamente. Devem dar suas provas. Os novos devem ter, pelo menos, cinco ou seis êxitos grandes antes de serem admitidos entre os atores consagrados. O inglês não colhe a fruta verde, espera que esteja bem madura. Gostei muito disso, pois comprova que encara o teatro com respeito e seriedade.

— Você estudou na Royal Academy of Dramatic Art, não é?

— Fui ouvinte durante seis meses. Ensinam a cumprimentar de todas as maneiras imagináveis, colocar a voz, até com artifícios físicos, pondo pedrinhas na boca, por exemplo, etc., etc.

— Não é um ensino muito acadêmico?

— Absolutamente não. Também recebia isso à princípio. Mas o ensino está baseado numa concepção moderna do teatro e ministrado numa atmosfera de grande cordialidade. Todos tomam parte nas discussões, expõem seus pontos de vista. Muito aprendi.

E Bibi continua falando de Londres, das dificuldades materiais, da coragem do povo e, principalmente, da atmosfera artística em que foi envolvida.

Senti que também na Inglaterra, Bibi conquistou a todos. Não poderia ter sido de outra forma, pois a juventude, a alegria e o entusiasmo de Bibi nunca deixam de atrair a simpatia e quem a encontra pela primeira vez, sente-se tão à vontade e satisfeito que tem a impressão de conhecê-la há muitos anos.

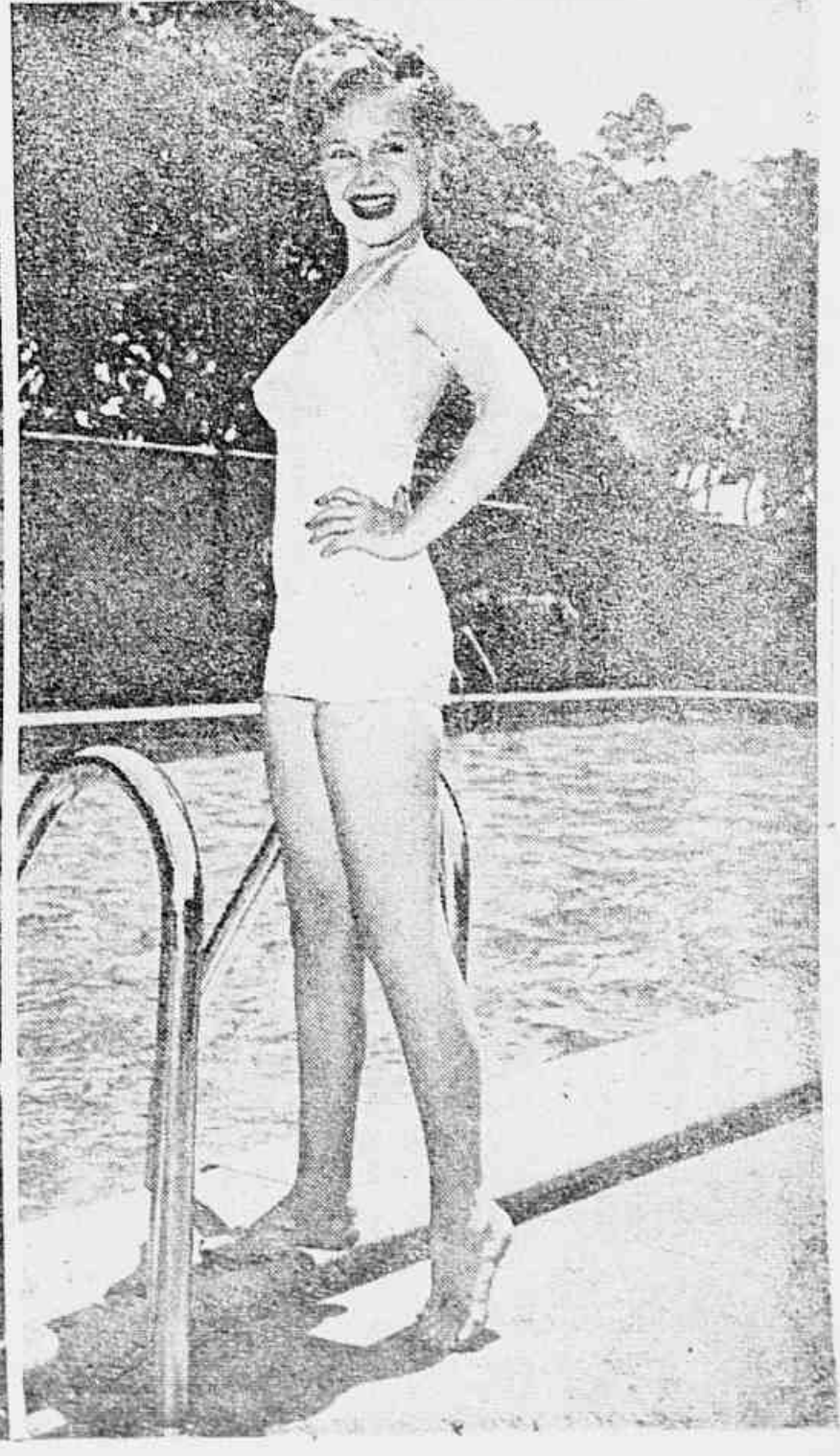
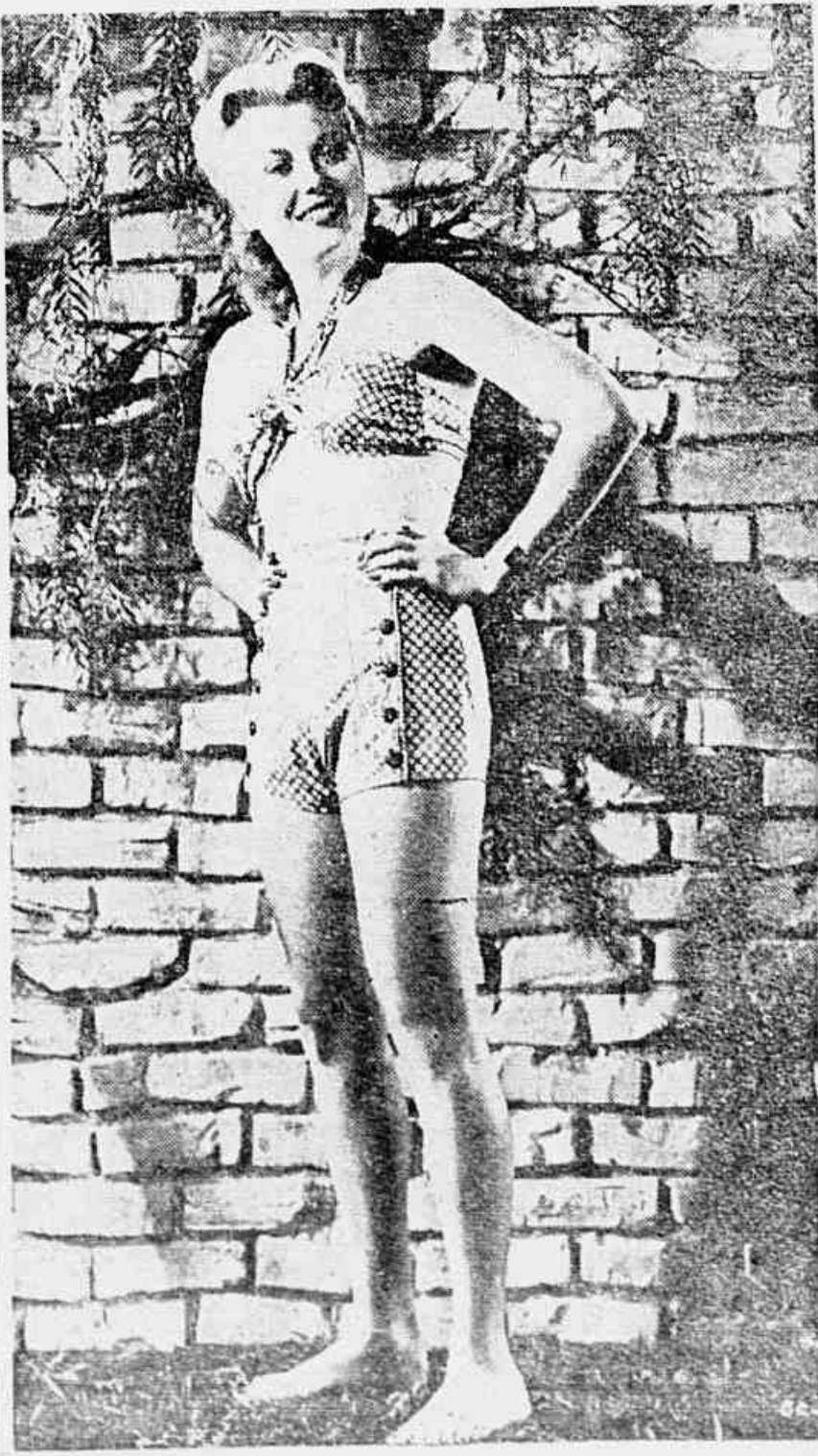
YVONNE JEAN





VOCES hoje encontrarão aqui as últimas novidades, vindas de Hollywood, para o banho de mar. Na página ao lado: Esta criatura que parece um tanto etérea, é Madge Meredith, ostentando o seu novo traje para praia, composto de três peças executadas em algodão lisado branco e verde. Ao alto: Bem... cremos que é desnecessário descrever o "maillot"... Quanto a Ann Jeffreys... preferimos nos calar... Em baixo, da esquerda para a direita: Esta é de se tirar o chapéu... (a roupa de banho é claro!). E' feita em algodão preto com listras de metal dourado. As sandálias também são pretas e douradas, combinando com esse interessantíssimo "maillot" sugerido por Betty Alexander, da RKO. Com um lenço vocês poderão ter um traje igual ao de Suzi Grandall, também da RKO. As calças abotoadas dos lados e o "soutien" e preso ao pescoço por uma única tira, Virginia Welles, da Paramount, prefere este peça-única em latex branco que lhe modela o corpo... Pequenos anjos azuis vindos das nuvens, foram pintados no seu "maillot"...

VERÃO!





O CAÇULA

O último filho como o primeiro ocupa uma situação especial dentro da família, quer em relação aos pais, quer em relação aos irmãos.

Os pais encaram o último filho com mais benevolência, gastas que já foram as energias primitivas na educação cotidiana e no sustento do lar. Os irmãos interpretam esta fadiga como uma atitude de privilégio real e injusto, reclamando, constantemente, que não gozaram de tanta liberalidade e franquia.

Para completar o círculo o caçula sente-se, também, em situação desfavorável, apesar de todos os favores paternos, porque, em confronto com os irmãos, mais crescidos e fortes, sua capacidade diante dos problemas da vida, parece menor e mesquinha; ele vê que um já pode ganhar o seu salário, outro conquista louros na escola, um terceiro veste roupas que ele ambiciona, outro mais frequenta lugares que não lhe são permitidos; por isso, os desvãos são encarados como uma fraca compensação perante os sucessos fraternos.

★
Desta falsa posição de insuficiência (porque decorre, apenas, da diferença de idades), o indivíduo cria uma noção de menesvalia, que está retratada e compensada fielmente na história infantil do Pequeno Polegar. Quem era o Pequeno Polegar? O caçula, tão pequeno em relação aos irmãos, como o dedo de duas falanges para os outros dedos. Mas, que fez ele? Compensou a sua inferioridade, porque, ele só, guiava os irmãos mais velhos e mais fortes do que ele, e conquistou ainda mais, a fortuna, enganando o gigante e correndo terras como mensageiro. Como sempre a humanidade fala veridicamente através das suas lendas e fábulas, os seus sentimentos e aspirações mais secretos.

Já examinei aqui, em outro dia, a situação de uma menina, filha caçula, que se sentiu inferiorizada pelo confronto diário com as irmãs; não julgo conveniente, portanto, que os caçulas sigam rigorosamente as pegadas da família em educacionais ou em profissões. Em situações diferentes eles não terão a mesma noção de grandeza para medir sucessos ou fracassos.

★
Tenho presente o exemplo próximo de um jovem, caçula, que se desorientou na vida porque se ressentiu demasiado das desvantagens acima apontadas. Tratava-se de uma criança bem dotada física e intelectualmente, oriunda de uma família não menos brilhante. Numa flagrante reação contra o meio, negou-se terminantemente, a seguir desde cedo, a profissão para a qual estava mais destinado pelas suas próprias capacidades. E porque, segundo suas palavras, "estava farto de ouvir falar naquele assunto em casa", isto é, achava que os demais já se haviam apoderado de todas as possibilidades futuras que, por acaso, ele poderia ter.

Caminha, ainda hoje, de fracasso em fracasso, sentindo-se constantemente lesado em seus empreendimentos, repetindo a situação de menesvalia da sua infância e incompatibilizando-se nas suas relações com o meio atual.

Se me fosse dado sugerir-lhe algo, faria com que refletisse sobre os mecanismos das suas reações anteriores e presentes, reações de passividade ou insuficiência, preferindo atribuir sempre aos outros os próprios erros, em vez de localizá-los na sua incapacidade de eleger novos processos de adaptação frente aos problemas da vida.

★
É preciso que não nos esqueçamos de que o anelo de todo caçula não é tão somente vencer na vida, mas superar por um triunfo espetacular o sucesso dos irmãos, compensando deste modo as inferioridades anteriores da sua infância. A vida bíblica de José e seus irmãos é o espelho fiel dos sonhos interiores dos caçulas em suas sensações de desamparo e ansiedade.

ZOIA DE LAET



Da esquerda para a direita: 1 — Modelo em seda azul marinho com vize branco na gola e nas mangas. A "basque" franzida sobre os quadris dá ideia de "duas-pegas". 2 — Muito moderna a renda que suaviza a linha severa deste modelo. 3 — Os dois modelos ao alto mostram a linha nova. 4 — Um modelo elegante com uma "basque"

PARA OS ULTIMOS



Muro das LAMENTAÇÕES

RESPOSTA AOS CONSULENTES

NADYA — São Paulo. — Você fez mal, Nadya, em aceitar o noivado com o rapaz de que não gostava, tendo o pensamento ainda voltado para o outro. Agora a sua situação é difícil, porque o outro terá justa razão de se aborrecer, vendo-se desprezado depois de haver recebido o consentimento seu e de sua família. No entanto, Nadya, você não deve continuar a enganá-lo, pois ele não perdoa o tempo que poderia empregar com outra moça capaz de o querer, não é mesmo? Talvez o melhor seja falar-lhe com toda a franqueza não brigando, como você tem feito, mas explicando-lhe com toda a sinceridade que, apesar de estimá-lo, você não se sente capaz de casar com ele. Isso os deixará desligados do compromisso que assumiram um perante o outro, e evitará para o futuro um mal maior — o do casamento sem amor de sua parte. Se o rapaz gostar mesmo de você, continuará a procurá-la sem forçar, e talvez com o tempo o seu sentimento em relação a ele se vá modificando diante da fidelidade demonstrada.

Agora, quanto ao primeiro, ao rapaz do qual você até hoje parece gostar, escreva-lhe explicando por que motivo o namoro não deu certo. Se ele, positivamente, demonstrou desinteresse pela sua pessoa, você deve procurar esquecê-lo. Fique certa de que, na sua idade, as moças se enganam muito quanto às preferências. Se conhecessem melhor os seus "adorados", mudariam completamente de opinião. Talvez você não esteja profundamente apaixonada por ele, e sim sugestionada pelo fato de ser ele o único rapaz que lhe tenha dado um "não". Mas pode crer, Nadya, que esse "não" absolutamente não é sinal de que ele seja melhor do que os outros pretendentes. É a sua vaidade ferida. Nadya, é o seu orgulho, que está valorizando o rapaz.

Se de fato for assim, esqueça-o, mas sem precisar para isso assumir compromisso com ninguém. E quando estiver completamente "curada" — o que acontecerá mais cedo do que imagina — você encontrará então um outro rapaz que a aprecie e de quem possa gostar sem se sentir desprezada.

CÃO SEM DONO — Rio. — Seu pseudônimo é muito triste, meu amigo, e resulta naturalmente do estado de pessimismo que tomou conta de você. Este "Muro" não se pode oferecer para ser seu dono porque você não é o vira-latas que pensa, e sim um rapaz sensível que está passando por uma fase difícil na vida. Mas aqui estamos, para estender-lhe com todo o coração a nossa não união, na esperança de poder ajudá-lo.

Temos a impressão, "Cão sem dono", de que você não está vendo a sua situação com toda a realidade, e vamos por isso tentar aclarar as suas idéias.

Primeiramente, você está preocupado mais com os efeitos da sua situação do que com a causa dessa situação. Você, por exemplo, se preocupa mais com o fato, bastante fútil, das pequenas não repararem mais em você, agora que você não tem mais roupas "bacanas", do que com o fato, esse importantíssimo, de você se achar praticamente sozinho no mundo sem ter uma instrução sólida que lhe permita conquistar melhores posições.

Portanto, o que você deve abandonar imediatamente é a vaidade desses pensamentos em relação às garotas. Não se preocupe com isso. As pequenas que o namoravam quando você andava "alinhado", namoravam as suas roupas, e não você. Logo, você, verdadeiramente, não perdeu nada.

Você agora precisa encarar sua vida com a seriedade de um homem feito, e não com bobagens de menino. Procure pensar como se a passagem de riqueza nunca tivesse existido, porque senão você viverá eternamente amargurado e fatalmente fracassará. Pense que sua vida está começando hoje. Olhe bem para o que você é e para o que você quer ser. E então comece a luta pelo seu futuro e melhoria, sem se deter diante de coisa alguma.

Para fazer isso, você não precisa recorrer à imaginação, porque na sua idade (17 anos) a vida está realmente começando. E muitos dos grandes homens de todos os tempos, tanto nas artes como nos negócios, quando tinham sua idade passavam o mesmo, ou menos, do que você possui hoje... Não tenha vergonha de sua atual situação de operário, porque todo trabalho é digno. Pode ter a certeza de que, diante de Deus e diante dos homens de inteligência e compreensão, você, trabalhando no peso, vale muito mais do que certos milionários, que são criaturas inúteis a viver da exploração do trabalho alheio.

Não há motivo nenhum para você se sentir inferior, "Cão sem dono", por isso risque imediatamente esse pensamento da cabeça. Agora, isso de você não se sentir inferior não é a razão para você se conformar com a sua situação. Você deve lutar para melhorá-la, com todas as suas forças! Nossa opinião é a de que você precisa dar um jeito, inicialmente, para ver se consegue continuar seus estudos, pois a sua melhoria material depende naturalmente da melhoria da sua instrução. Não foi por falta de instrução que você perdeu seu emprego no comércio? Você vai nos responder, com certeza, que não tem tempo nem di-

(Cont. na pág. 56)

DIAS DE FRIO

assimétrica. Corpo justo, gola alta. 5 — Gola e ombros pespontados, mangas curtas, pregas na blusa e na saia. 6 — As costas deste modelo são interessantes com o seu grande decote, abotoado por três botões, "basque sobre os quadris".

O RELÓGIO DA MODA

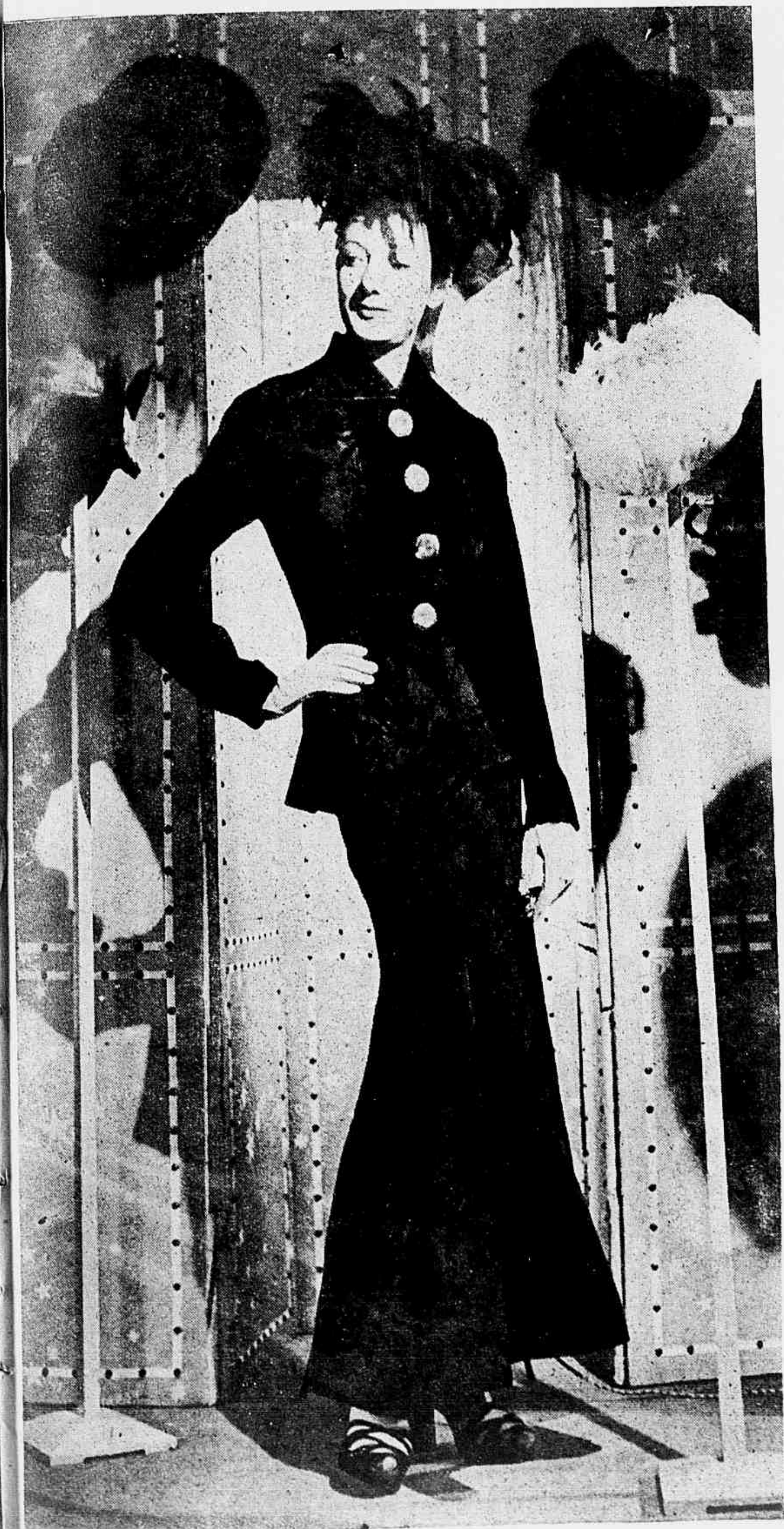
O ano, em Paris tem quatro estações: primavera, verão, outono, inverno. O dia, também, fica dividido em quatro partes, no reino da moda parisiense — manhã, tarde, hora do jantar, noite. Durante a guerra, Jeanne Lanvin lançou a ordem do dia: "vestido único", para todas as horas, sem distinção alguma. Mas agora vem a reação; ninguém quer mais saber de restrições. Gastar a maior quantidade possível de fazenda, em cada modelo, ter o maior número possível de vestidos: eis a nova "lei da suntuosidade", à qual obedecem os costureiros e suas freguesas. O relógio da moda ficou seguindo o seu ritmo antigo, tradicional de ante-guerra. Para a manhã e a tarde, encontramos na casa Schiaparelli — a casa da originalidade por excelência — tailleurs de fetos novos e ousados. Na parte da manhã predomina o motivo do coque, verdadeiro ou embutido no casaco, fazendo parte da blusa ou usado por cima dela. O modelo aqui estampado é marrom claro com "gilet" listrado, branco, marrom e preto e blusa branca. Note-se a abotoadura enfiada, abrindo sobre o colete numa linha de cauda de andorinha. Interpretado em linho em vez de lã, ficaria bem adequado para a meia estação no Rio. O "tailleur" preto de sala comprida que Schiaparelli apresenta para "cock-tail diner" é feito em chamalote pesado e rígido, um tipo de tecido muito em voga atualmente. A sala, muito esguia acima do joelho alarga-se em amplas "godets" para baixo, num comprimento original, cobrindo apenas o tornozelo e deixando ver a linda sandália de camurça preta. A aba do casaco segue o mesmo movimento. Quatro grandes botões dourados fecham-no numa faixa de cetim preto. O chapéu de veludo cor de rosa é enfeitado com penas de galo pretas. A fotografia foi tirada numa



MODELOS DE SCHIAPARELLI

Por OLGA OBRY

"floresta" de chapéus, onde bem se repara a linha predominante da coleção Schiaparelli; boinas de todos os tamanhos, canotiers de copa larga, enfeitada com plumas, todo a volta, todos usados bem para trás, equilibrados na nuca sobre um penteado alto, deixando as orelhas descobertas. O tailleur não tem blusa; é, na verdade, um conjunto de vestido de noite, com largo decote e sem mangas, e casaco que o transforma em traje de jantar. O vestido de tarde e a toilette de noite são características da silhueta preconizada por Schiaparelli, a das cadeiras volumosas, acentuadas por drapeados, pregas, franzidos. O modelo de tarde, com pequeno decote quadrado, em seda brilhante de listras verdes e roxas, tem na saia um "bouillonné", formando bolsos lobo abaixo da cintura. O chapéu, de veludo verde, lembra aqueles que usavam Maria-Antonieta e as trivolas damas da sua corte de Versalhes. As mangas três quartos, sem cava, são típicas de toda a coleção, com o seu "drapé" alargando o ombro, sem que se precise de enchimento qualquer. O corpete é franzido nas costuras laterais, abaixo da pala, cortada numa peça só com a manga. O traje de baile tem decote largo e deixa os ombros descobertos, não tendo nem mesmo suspensórios para segurá-lo; o próprio corte do corpete basta para equilibrá-lo sobre o busto. As largas pregas "religieuses", abrindo para baixo, dão a saia a silhueta "âncora" que fica bonita numa mulher alta e esguia. O material usado para esta toilette é um daqueles pesados e ricos cetins brochados, cor de rosa e ouro velho, que nos fazem lembrar, numa época de inquietação e miséria, com as festas pomposas do Rei-Sol. O colar de grandes pastilhas douradas suaviza a linha do pescoço, combinando bem com o penteado alto e liso.



Caixa de RESSONÂNCIA

Um novo livro de João Luso

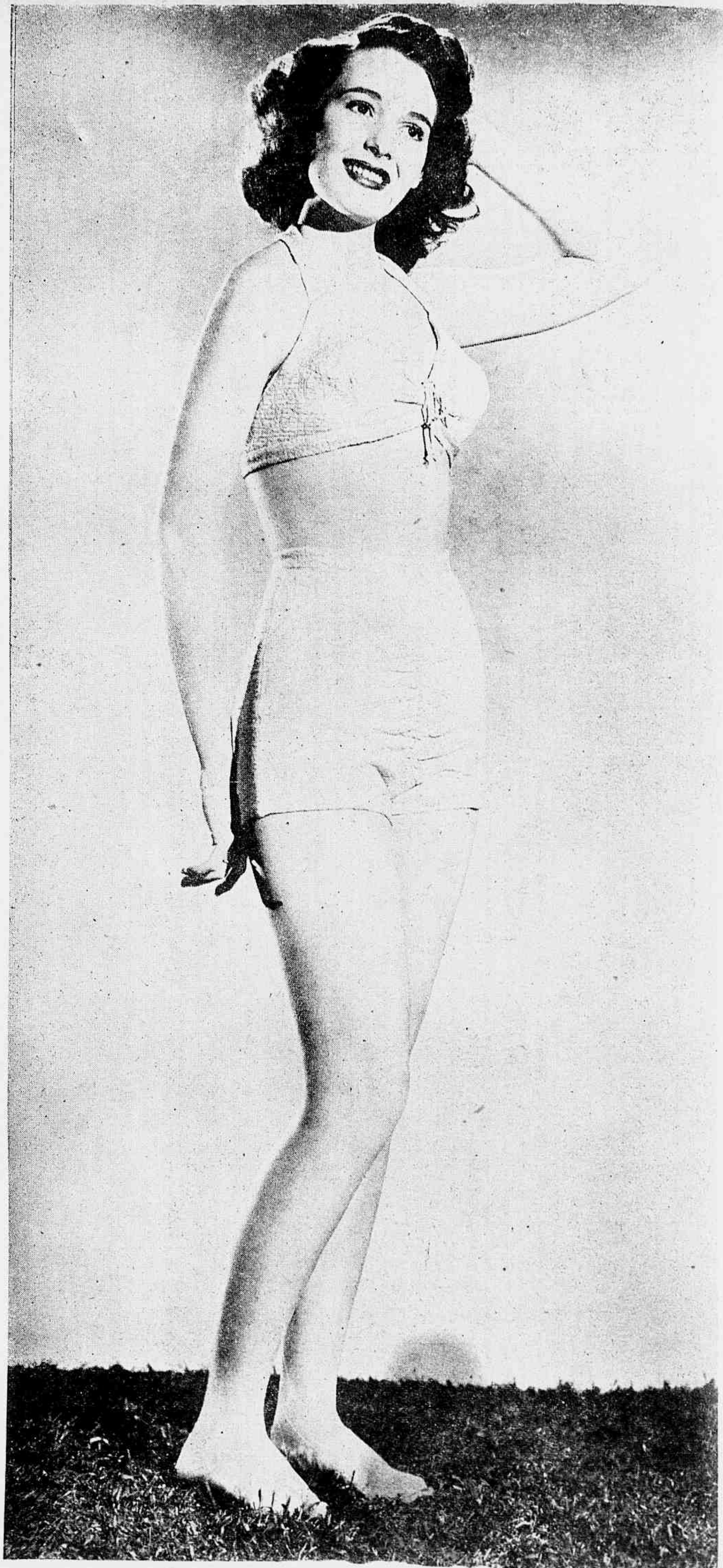


João Luso acaba de publicar um novo livro. Um livro que se intitula simplesmente "Louvores" e que é uma sequência de outro, publicado antes, sob o título de "Elogios". A edição é magnífica. Surpreende-nos, mesmo, nesta época de livros raquíticos. Surpreende-nos pela abundância da matéria e, igualmente, pela qualidade. Folheando esse volume, podemos apreciar, antes de mais nada, a variedade dos contactos hu-

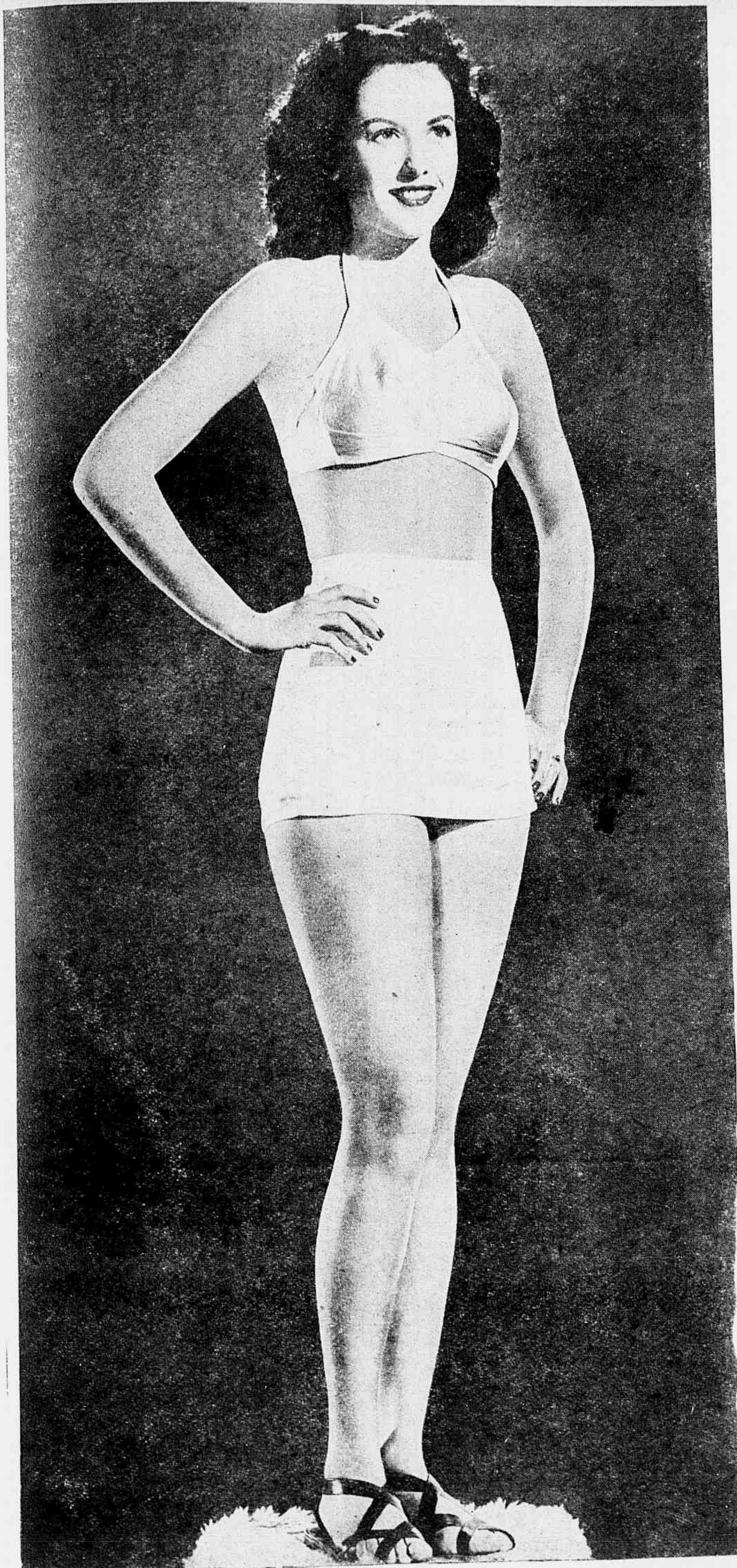
manos de João Luso, ou, melhor, de Armando Erse, que esse é o seu verdadeiro nome civil, ainda que de muitos ignorado. Nesta época de criaturas amargas, ferinas, agressivas, João Luso conserva uma atitude serena e amável, compreensiva e tolerante, para com os homens e com as coisas que tem contemplado ao longo da estrada da vida. Convivendo com atores, autores teatrais, romancistas, poetas, homens de jornal, estadistas e políticos, soube recolher de cada um deles uma frase interessante, um episódio pitoresco, um gesto marcante, uma impressão na verdade digna de ser fixada.

Sua atitude não é a de uma admiração embasbacada diante de ídolos, verdadeiros ou não, mas de inteligente interpretação das personalidades que de perto conheceu, com as quais conviveu no seu ofício de homem de imprensa, como nas expansões de sua amizade. É como um amigo de família que nos fala, por exemplo, desse admirável espírito que foi dona Julia Lopes de Almeida, a primeira grande escritora surgida no Brasil. É como um amigo fraternal que relembra Aureliano Machado, que deu à "REVISTA DA SEMANA" o melhor de seu entusiasmo, de sua capacidade, do seu dinamismo e de sua inteligência de animador da imprensa ilustrada. Fala como amigo e como admirador de Leopoldo Fróes, o homem de teatro que lançou Dulcina de Moraes e Odilon de Azevedo (e bastaria isso para consagrá-lo) e a tantos contagiou com o seu entusiasmo de artista. O capítulo sobre Leopoldo Fróes, é precioso para a reconstituição da biografia do grande ator. As opiniões de Leopoldo Fróes sobre o teatro-comércio e o teatro-arte estão ainda hoje atualíssimas. Ele não queria fazer apenas aquele, nem podia fazer apenas este. Procurava tirar do primeiro os recursos necessários para as tentativas que levou a cabo no segundo, dentro das limitações da época. Homem inteligente, boêmio da caixa do teatro para fora, era, no entanto, um quase avarento com seus atores e seus autores. Discutia por dinheiro no teatro, examinava "bordereaux" com olho investigador e severo, — e depois pagava um regabofe aos amigos queridos, aos raros que privavam de sua amizade. Não tinha solidariedade social, espírito de classe, mas era leal às suas amizades. Colorida e interessante é a página sobre Lindolfo Collor, fora da imprensa, jornalista modesto, tercando suas armas nas primeiras batalhas da nossa imprensa, com um inquérito sobre teatro, — e confessando que disso nada sabia. Tal franqueza lhe teria valido, hoje, a nomeação para diretor do Serviço Nacional de Teatro... Igualmente interessante é a página sobre Paulo Barreto. O mesmo se pode dizer do capítulo Ruy Barbosa, página escrita com veemência, com feroz admiração, mas igualmente com pitoresco. Começa João Luso por falar do seu primeiro contacto com o conselheiro quando revisor de uma folha diária. Espantava-o ver o número de novas palavras, ou pelo menos de palavras pouco comuns, que Ruy Barbosa usava diariamente nos seus artigos, primeiro na letra "A" do dicionário, mais tarde na letra "B" e assim por diante. Apanhados em falso, os jovens revisores se entreolhavam. Jam ao dicionário verificar se as palavras em questão "existiam". E lá estavam, realmente, uma por uma, numa perfeita sequência. O grande homem tinha o seu fraco: o de fazer a pose de erudito, — e como a fez bem e com autoridade! Vivia também, ele, no dicionário, catando antes o que os revisores catariam depois, — o termo pouco usado, a palavra com cara de nova, dando voltas à frases para poder encaixá-las... A página sobre Lima Barreto, escrita com um respeito, um carinho e uma emoção, que bem poucos no Brasil tem revelado em relação ao grande escritor negro, dá-nos um retrato do autor das "Memórias" do escravidão Isaias Caminha bem diferente do que anda em curso. Não viu João Luso nele apenas o negro cachaceiro, sujo e rasgado, dos cafés baratos. Viu um homem dotado de grande energia mental, de uma extraordinária capacidade de trabalho, escrevendo, escrevendo, escrevendo, — e vendendo geralmente por uma ninharia o produto do seu esforço. Narrando essas memórias sem ironia e quase sempre com piedade, com ternura e com emoção, o que João Luso nos dá no seu livro é uma bela galeria de retratos sentimentais.

R. MAGALHÃES JUNIOR



AS MAIS PERFEITAS GAROTAS DE HOLLYWOOD



BETTY Cargyle, a primeira, e Lorraine de Rome, a segunda, são mais duas beldades que Samuel Goldwyn escolheu para fazerem parte do seu famoso grupo "Goldwyn Girls". Ambas se apresentam com "duas-peças" para a praia. O de Betty é em tecido esponjoso com franzidos na frente e o de Lorraine é em tecido brilhante.

WEEK-END na Cozinha

VERA-Lúcia ficaria muito triste si você não comemorasse o seu aniversário. Ela espera que você convide todas as suas amiguinhas para uma reunião e ficará decepcionada si você não o fizer. Por nós, achamos que Vera-Lúcia tem razão. Você terá um pouco de trabalho, talvez mesmo se canse, mas nada disso será demais para a sua filha. A satisfação de Vera-Lúcia compensará todo o seu cansaço. Sei que você dispõe de poucas "auxiliares". Sei também que a sua cozinheira é uma "imprestável", sei que nessas horas ela "esquece" tudo o que sabia fazer; sei de tudo isso, mas insisto em que seja realizada a festinha de Vera-Lúcia. Você lhe dará tanta satisfação! E depois, talvez mesmo você não se canse tanto si começar a fazer tudo seguindo um plano previamente elaborado. Esse é o melhor sistema. Escreva tudo o que você pretende fazer, desde os enfeites, aos doces; compre tudo com antecedência também, e vá eliminando da lista tudo o que já comprou ou já fez. Duas ou três qualidades de sanduíches, alguns docinhos diferentes, o bolo de aniversário, balas, talvez dois outros tipos de bolos, refrescos de duas qualidades e pronto, está organizada a festinha de Vera-Lúcia. Deixo aqui algumas sugestões para você:

SANDUICHES DE PARMESÃO

Depois de ralado o queijo parmesão, são recheadas com ele fatias finas de pão de forma, previamente passadas na manteiga.

SANDUICHES DE CAMARÃO

Picam-se muito bem os camarões depois de cozidos, juntando em seguida um pouco de molho de malonese. Mistura-se tudo e põe-se uma camada entre duas fatias de pão de forma, sem as côdeas.

BALAS DE LEITE

Ferve-se 1 litro de leite até reduzi-lo à metade. Em seguida junta-se-lhe 500 grs. de açúcar e vai se mexendo até ficar em ponto de quebrar. Betira-se então e despeja-se sobre uma pedra marmore ligeiramente untada com manteiga. Quando começar a esfriar levanta-se com uma fôca e com uma tesoura cortam-se pequenos pedaços, com os quais se formam as balas. Passam-se em canela e depois embrulham-se em papel impermeável.

REFRESCO DE COCO

Extrai-se o leite de dois cocos de tamanho regular com dois copos d'água fria e depois juntam-se-lhe 250 grs. de açúcar, dois cálices de "Kimmel" e um pouco de gelo secado. Bate-se bem com um batedor.

NINHOS DOURADOS

Tomam-se porções iguais de fio de ovos, enrolam-se nos dedos, dando-lhes o formato de um ninho e põe-se no centro de cada um uma rodela de geleia. Levam-se ao forno para corar em tabuleiro forrado com papel molhado. Depois de frios, colocam-se os ninhos em papel de seda recortado.

BREVIDADE

Batem-se 6 claras em neve e depois juntam-se-lhe 12 gemas e 400 grs. de açúcar, batendo até engrossar. Em seguida adicionam-se 400 grs. de polvilho peneirado e bate-se bem. Despeja-se em forminhas untadas com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.



A LONSO acordou espantado. Quase de súbito emergiu do inconsciente à realidade. Relanceou um olhar inquieto pelo quarto. Estaria ainda dormindo? Não queria acreditar que houvesse sonhado aquela história. Que ignomínia. As cenas eróticas de momentos atrás refluíam como que mais vivas ao seu espírito. Sonhara que havia declarado amor a Celina. Num arrebatamento dissera-lhe que não podia continuar ocultando aquela paixão. Ela o ouvira, a princípio, surpresa, depois, enternecida. Confessara-lhe, por fim, que também o amava muito. Tinham, então, se abraçado e se beijado loucamente. Parecia estar sentindo ainda o contacto macio dos lábios e o hálito quente de Celina. Santo Deus, como pudera sonhar tudo isso com a mulher do seu irmão?...

Outro qualquer não teria dado maior importância ao sonho e limitar-se-ia a julgá-lo uma tolice, mas Alonso era um homem excessivamente suscetível.

Durante o dia a lembrança do fantástico colóquio não o deixou em paz. Experimentava um tormentoso senti-

mento de culpa. No almoço pouco se alimentou e quase não falou. Esteve todo o tempo desatento à conversa. Mal olhou para Celina. De volta ao escritório, procurou distrair-se com o trabalho. Inútil. Não se concentrava. Os erros se sucediam. Desistiu de escrever uma carta de importância por não conseguir ajustar com clareza os pensamentos. Quatro vezes teve que conferir os cálculos corriqueiros de uma fatura até que saíssem certos. Erros e mais erros. A agitação dos seus nervos podia se medir pelo número de cigarros que enchiam o cinzeiro. Estremeceu quando o irmão, cuja mesa ficava próxima, perguntou:

— Que tens, Alonso? Estás tão nervoso hoje.

— Não, não é nada. Talvez que o fígado não vá muito bem...

A verdade é que aquele dia estava estragado. Uma hora antes de encerrar o expediente resolveu retirar-se.

— Vá para casa, peça à Celina que lhe dê algum remédio e deite-se. Você tem trabalhado demais... — recomendou-lhe o irmão, quando ele saiu.

Não foi para casa. Começou a andar sem destino. Depois, tomou o caminho da estrada. Evitava os conhecidos, fingindo-se distraído. Dentro em pouco, as casas da pequena cidade eram pontos brancos na paisagem verdejante. Encaminhou-se para a borda do rio, que ali fazia uma pequena curva, e sentou-se à sombra de uma árvore. Lá ao fundo estava o casarão da sua fábrica, sua e de seu irmão. Quanta cansa e persistência tinha custado a ambos a sua instalação. Mas, mesmo nos momentos mais adversos estiveram sempre unidos. Quando um parecia esmorecer, o outro estimulava redobrando de ânimo. Mais tarde, o irmão casara e há dois anos os três viviam juntos na maior tranquilidade. E agora aparecia aquele indesejável sonho... Dois garotos passaram altercando. Procurou interessar-se para desviar o rumo dos seus pensamentos. No en-



— Celina, sei que estou agindo mal. Estou desrespeitando o meu próprio irmão. Mas não posso calar por mais tempo.

Ela, então, fitando-o bem nos olhos, respondera carinhosa e exultante:

— Ó, Alonso eu também te quero muito. Como me fazes feliz. Tenho sofrido tanto por esse amor. Nunca poderia imaginar que o teu sentimento era igual ao meu.

Em seguida, sua fisionomia anuviara-se e acrescentou:

— Mas não podemos nos pertencer...

Ele achegou-se ainda mais e num ímpeto abraçou-a. Num gesto inútil e sem vontade ela tentou detê-lo. Seus lábios tocaram-se ávidos de carinho. Beijaram-se muito. A esta altura acordara... Por muito tempo deixou-se ficar sentado à beira do rio, golpeado pelos escrupulos e idéias enervantes tumultuando-lhe o cérebro. Já passava muito da hora do jantar quando chegou a casa. Ernesto e Celina estavam principiando a comer. Haviam retardado a refeição à sua espera.

— Pensávamos que não viesses jantar. Não me avisaste. Onde estiveste? Estás melhor? — inquiriu o irmão.

— Perdoem. Estive andando por aí para arejar o espírito. Vocês me desculpem mas não janto. Não tenho apetite. Mais tarde pedirei a Joana para preparar qualquer coisa.

Estava ansioso por se ver sozinho.

— Vou me deitar um pouco...

— O que estás sentindo, Alonso? Queres tomar algum remédio? — perguntou, solícita, a cunhada.

— Não, obrigado. Não é nada. Um pouco de cansaço. Amanhã estarei bom.

Despediu-se. Os dois ficaram preocupados. Ouvia Ernesto comentar:

— O dia inteiro ele andou esquisito.

Subiu ao quarto. Só adormeceu pela madrugada.

★

Os dias foram correndo e ao invés de se acalmar, Alonso sentia-se mais atormentado. Antes bem humorado e palrador, já quase não se atrevia a encarar o irmão e a cunhada. Ensimismado, era, agora, uma sombra do que fora. Frequentemente, as cenas malditas tornavam-lhe ao espírito. Por mais que quisesse esquecer, não conseguia. Ademais, que adiantaria não lembrar — pensou certa vez — se era provável ser aquele sonho uma mensagem do sub-consciente revelando-lhe que sempre amara Celina. Nunca a desejara. Era digno para pensar sequer sobre isso. Mas o desejo que não conseguia alcançar-lhe a consciência fora abrigar-se no sub-consciente. Depois desse raciocínio, que lhe pareceu tão lógico, começou a meditar sobre a significação daquele sonho. Se até aí perseguia-o um sentimento de culpa, agora a situação complicava-se. Não, não podia continuar morando naquela casa. Seria um tormento constante. Nunca mais voltaria àquela naturalidade e despreocupação com que, antes, tratava a cunhada. Nunca mais poderia fitar o seu irmão, dentro dos olhos, sem pesar-lhe a impressão de havê-lo traído. Tinha medo de acabar se denunciando. Nunca mais poderia ser feliz ali. Um projeto foi nascendo em sua mente...

Todos em casa estavam preocupados com a sua mudança. Atribuíam-na a um possível desgosto afetivo. Como, em certo tempo, tivera um breve namoro com Aida, que recentemente ficara noiva, pensavam que sofria por isso. Surpreendeu, certa vez, Celina dizendo a Ernesto:

— Creio que ele anda amargurado por causa da Aida...

Os que privavam consigo no trabalho notavam que não era o mesmo homem. Agastava-se por pouco. Arredara-se dos grupos conhecidos e não aparecia mais no clube. Mas a sua decisão já estava tomada. Aproveitando o ensejo dos negócios no Rio de Janeiro não estavam caminhando como desejavam, em palestra com o irmão, na fábrica, intimamente constrangido, falou-lhe do seu projeto. As palavras saíram-lhe quase de um jato, como quem, contrafeito, noticia algo desagradável:

— Nunca tivemos sorte com representantes no Rio. Resolvi ir para lá, montar um escritório e ampliar as nossas vendas. Economizaremos bastante não precisando ceder comissões...

— Que idéia estranha, Alonso!... Deixar-nos... Deixar a fábrica, a mim, a seus amigos... Experimentaremos outro representante. Hermes & Filho, por exemplo. Têm boas credenciais e parecem gente honesta. Creio que obteriam bons resultados.

Em vão Ernesto esgotou os argumentos. Não, não podia continuar naquele lugar — pensava — sobretudo após o que cismara com relação ao significado do sonho. O sub-consciente... Na verdade, desde aquela ocasião... Não, não ficaria.

Celina também fez o possível para que desistisse de viagem.

Sendo muito estimado, os amigos lamentaram sua decisão, tentaram dissuadi-lo. Nada adiantou. Era-lhe penoso apartar-se, talvez por longo tempo, do seu irmão, da sua casa, dos seus amigos e... Mas precisava ir embora.

Dai a uma semana, Alonso pôde verificar como era popular na sua cidade. A estação estava cheia de gente que lhe fôra levar a despedida. Boa gente! O embarque assumia, assim, o aspecto de uma manifestação. Abraços e votos lisonjeiros.

— Preferia não vê-lo partir — disse-lhe o irmão, entristecido.

— Sentirei muito a sua falta — falou-lhe Celina.

Entrou no vagão e foi para a janela. Olhava para tudo com antecipadas saudades. Quando reveria a sua terra e aquele povo? Olhou para Celina. Seus olhos brilhavam muito. Talvez fossem lágrimas... O trem pôs-se em movimento. Lentamente ia se afastando da estação.

— Vá se preparando para aumentar a produção — disse para o irmão, num tom falsamente alegre.

— Escreva logo que chegar mandando o endereço — gritou-lhe Ernesto.

— Cuide-se bem — advertiu Celina.

Sim, deviam ser lágrimas. A marcha foi se acelerando. Agora, da plataforma ao longe só via vultos acenando. Começou também a balançar o braço. Seriam mesmo lágrimas? Sim, eram... brilhavam tanto os seus olhos... "Cuide-se bem." De repente uma desapiedada interrogação turvou-lhe o espírito. "E se ela o amasse de verdade?..."

tanto, o fictício acontecimento de que fôra, durante o sono, protagonista involuntário voltava, com insistência, à sua imaginação. Não podia determinar, porém, a sequência das cenas e nem lembrava como tudo começara. O momento da declaração é que ficara bem nítido em seu espírito. Estava sentado no sofá da sala de visitas ao lado de Celina. Seus olhos bonitos e cariciosos iluminavam, como sempre, o rosto harmonioso, mas pareciam mostrar naquele momento uns lábios de malícia. Os cabelos castanhos, brilhantes, caíam soltos até as espáduas. O quimono entreaberto deixava-lhe desnuda a cava dos seios arfantes. A pele alva era um mármore vivo, ardente. As formas graciosas do seu corpo causaram-lhe um frêmito sensual. Num certo momento, aproximou-se mais e começou a falar-lhe da sua paixão. Ou talvez que já estivesse falando há algum tempo, não tinha certeza. Ela o olhava meio confusa. Temeu que fôsse repeli-lo. Aos poucos, porém, a alegria foi alterando o seu semblante. O diálogo final parecia estar em seus ouvidos:

O sonho

MUSICA

UMA ANEDOTA, UMA PROFESSORA E DUAS REVELAÇÕES — ALUNAS DE ANA CAROLINA — MARTA MARIA, "VIRTUOSE" DE SETE ANOS — OLGA SCHROETER.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

O velho professor Bevilacqua contam alunos saudosos, que, já cansado, o mestre frequentemente cerrava os olhos, durante as aulas, cochilando, placidamente, enquanto o discípulo, ao piano, esforçava-se em dar uma interpretação acurada. Nem dormindo, porém, Bevilacqua deixava de registrar o mínimo esbarro, a menor hesitação. Soerguendo-se, corrigia o erro e mergulhava, depois, mais uma vez, na repousante modorra, acomodado numa poltrona.

Fez isso, entretanto, no fim da vida, quando, já consagrado, podia restringir seus cursos ao aperfeiçoamento, deixando as árduas tarefas de iniciação para professores mais jovens. Este o trabalho que requer a atenção desvelada, a paciência inexgotável que caracterizam uma vocação para o magistério. Não se trata de guiar os vãos amplos de um jovem virtuose, mas de transmitir a dedinhos desajeitados de criança os segredos do teclado, criar aquele domínio do instrumento que comunica às mãos a destreza e a segurança na maneira de ferir as teclas, acompanhar, nos exercícios diários, o desenvolvimento da agilidade.

Tão indispensável quanto o simples aperfeiçoamento, essa introdução ao piano é, em geral, obra obscura e anônima de professores que nunca se projetam nos cartazes luminosos ou nos artigos consagradores, ao lado do aluno, compartilhando o sucesso conquistado com a responsabilidade de ter orientado, na difícil arte musical, a formação de mais uma personalidade de relevo.

Mais raramente, todavia, uma excepcional disposição, uma tendência rapidamente desenvolvida, traz, logo nos primeiros anos, um prêmio para o esforço dispendido no aprendizado. Os dedos tomam conta do teclado como se ali encontrassem o seu meio natural de expressão.

A professora Ana Carolina, uma dessas dedicadas mestras que formam, preparam, educam a mocidade talentosa e turbulenta, orientando-a no piano, organizou um concerto de discípulos que visa apresentar moços em várias etapas do aprendizado da técnica da interpretação. Ali temos, desde Judith Imbassahy de Mello Neto, com cinco meses de estudos, até outros, já mais avançados, que aperfeiçoam, simplesmente, as conquistas já ultrapassadas, os primeiros passos.

Essa a maneira de trazer ao conhecimento do público um pouco desse labor de muitas horas, que é a atividade de professora de piano. O recital organizado por Ana Carolina chama a atenção para esse aspecto e põe em destaque a abnegação necessária para levar à floração artística os esplêndidos botões cheios de possibilidades que aguardam uma orientação segura e capaz.

Pianista de excepcionais recursos técnicos, culta e inteligente, Ana Carolina simboliza, perfeitamente, esse tipo — o da professora de piano, — à qual rendemos, nesta secção, aproveitando esta oportunidade, uma homenagem especial.

MARTA MARIA LEMOS BRITO

A propósito, lembramos a prof. Laurita Prista Maul, que apresentou, recentemente, num recital, a jovem pianista Marta Maria Lemos Brito, virtuose... de sete anos de idade! Não se trata, neste caso, de uma menina prodígio, apresentada, com sensacionalismo, vivendo mais da propaganda feita em torno de seu nome do que de suas próprias qualidades. Nada disso. Marta Maria Lemos Brito conduziu-se, em seu recital, de programa variado, com uma compenetração que torna ainda mais destacada a sua admirável precocidade. Revelou, não só na compreensão das obras interpretadas, como na perfeita execução, que está se preparando para uma utilização ainda mais completa dos dotes excepcionais que possui. Pequeninha e de uma graça encantadora, é menos por esses atributos do que pelo valor de suas interpretações que impressionou a crítica.

Para esta jovem pianista reservamos as mesmas palavras de estímulo com que saudamos todas as estrelas promissoras. Considerando, porém, que Marta Maria já ultrapassou, de muito, a expectativa mais lisonjeira, arriscaremos uma profecia: para ela está reservado um futuro de grandes sucessos, se persistir no estudo, desenvolvendo a sua sensibilidade e aperfeiçoando a sua técnica.

Para Marta Maria, portanto, os nossos votos de que aquela saudação que lhe fez o sr. Leopoldo Braga, da Academia de Letras da Bahia, por ocasião de seu concerto, a conduza, no caminho que vai seguindo com tanto brilho, a vitórias ainda maiores.

OLGA MARIA SCHROETER

De Porto Alegre, veio Olga Maria Schroeter, que, atualmente, exhibe no Rio uma voz de soprano lírico de rara beleza. Aluna de Murilo de Carvalho, Olga Maria iniciou, entretanto, a sua preparação, no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, de onde partiu, com uma bolsa de estudos, para esta capital.

Aqui, já ganhou, na Orquestra Sinfônica Brasileira, um prêmio especial, sendo incluída entre as solistas que, este ano, foram acompanhadas, no Rex, por aquele conjunto. Novamente Olga Schroeter surgiu, na série de intercâmbio cultural entre os Estados, organizada pela Associação Brasileira de Imprensa.

O programa que selecionou para este recital revela o seguro critério e o bom gosto da jovem cantora. A interpretação confirmou essas duas qualidades, acrescentando-lhe a beleza natural da voz, habilmente explorada, com muito boa escola, o que não é de admirar, tratando-se de uma jovem artista entregue à orientação do professor Murilo de Carvalho.

Marta Maria Lemos Brito recebe, das mãos de sua professora, uma medalha. Ao lado, o sr. Leopoldo Braga.

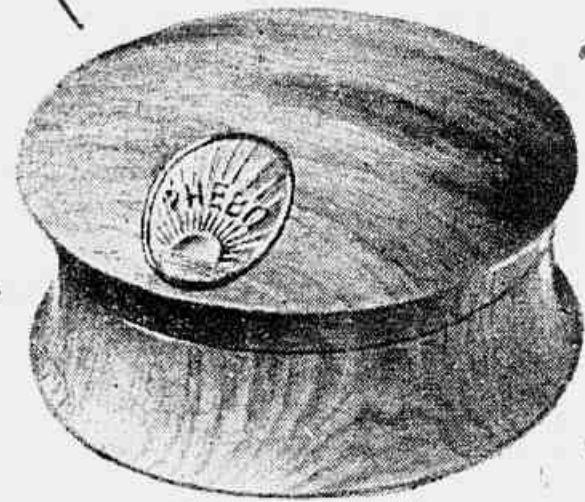


"TAILLEURS" SOFISTICADOS

JANIS Palge, encantadora "estrela" da Warner Brothers, apresenta aqui dois lindos e originais "tailleurs". O primeiro, um modelo bastante simples, tem toda sua originalidade concentrada nas mangas, de estilo "kimono" largas tiras apertando na altura dos ombros. O segundo em duas cores, azul marinho e cinza, é também um modelo de grande originalidade, que poderá ser executado em linho, para o verão, e em lã fina para dias frios.

época

2 Criações PHEBO



PÓ DE ARROZ PHEBO

Finura impalpável. Perfume persistente. Tons sempre em moda. Embalagem de luxo.



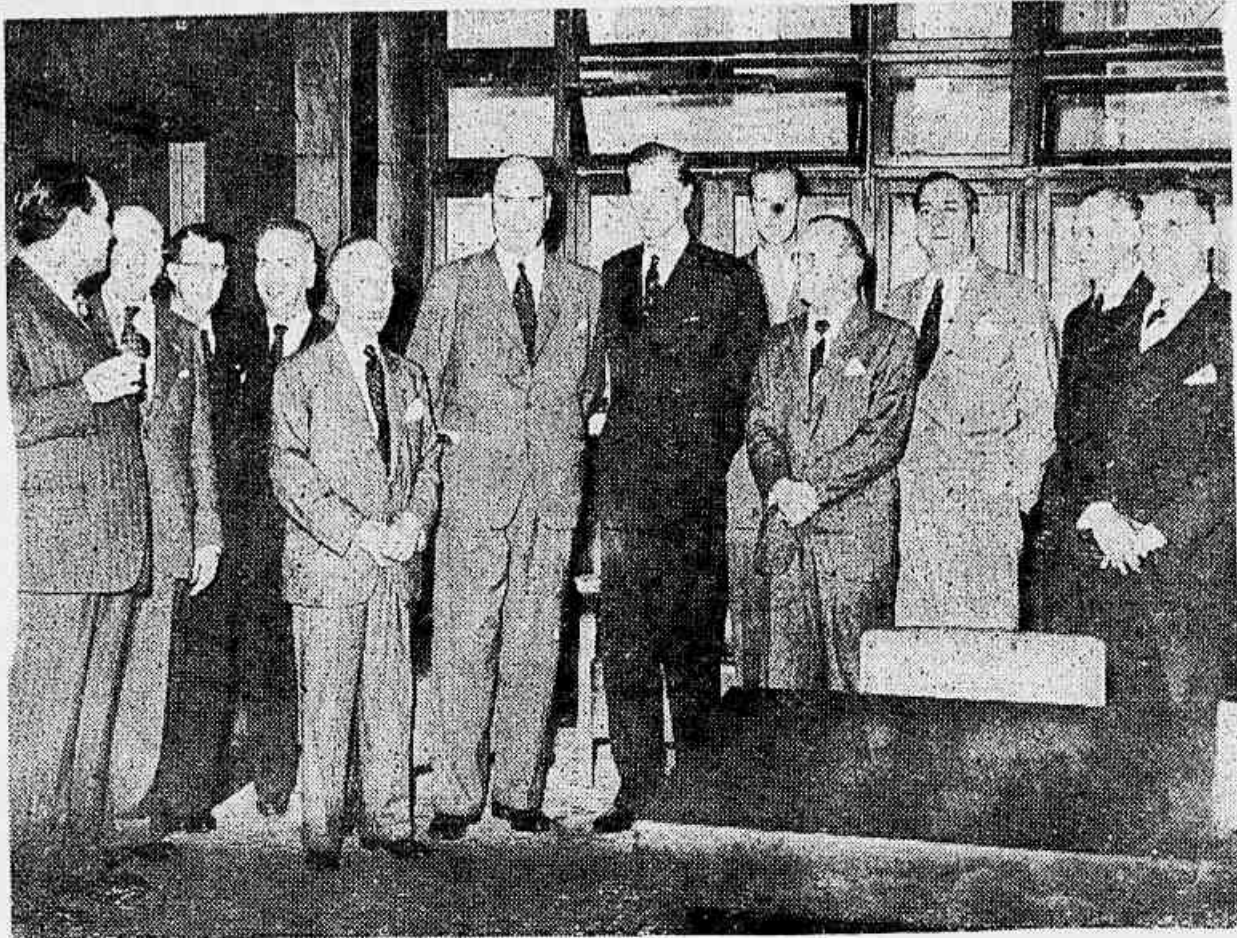
SABONETE PHEBO

Único no Brasil. Seu característico odor de rosas o torna insubstituível.

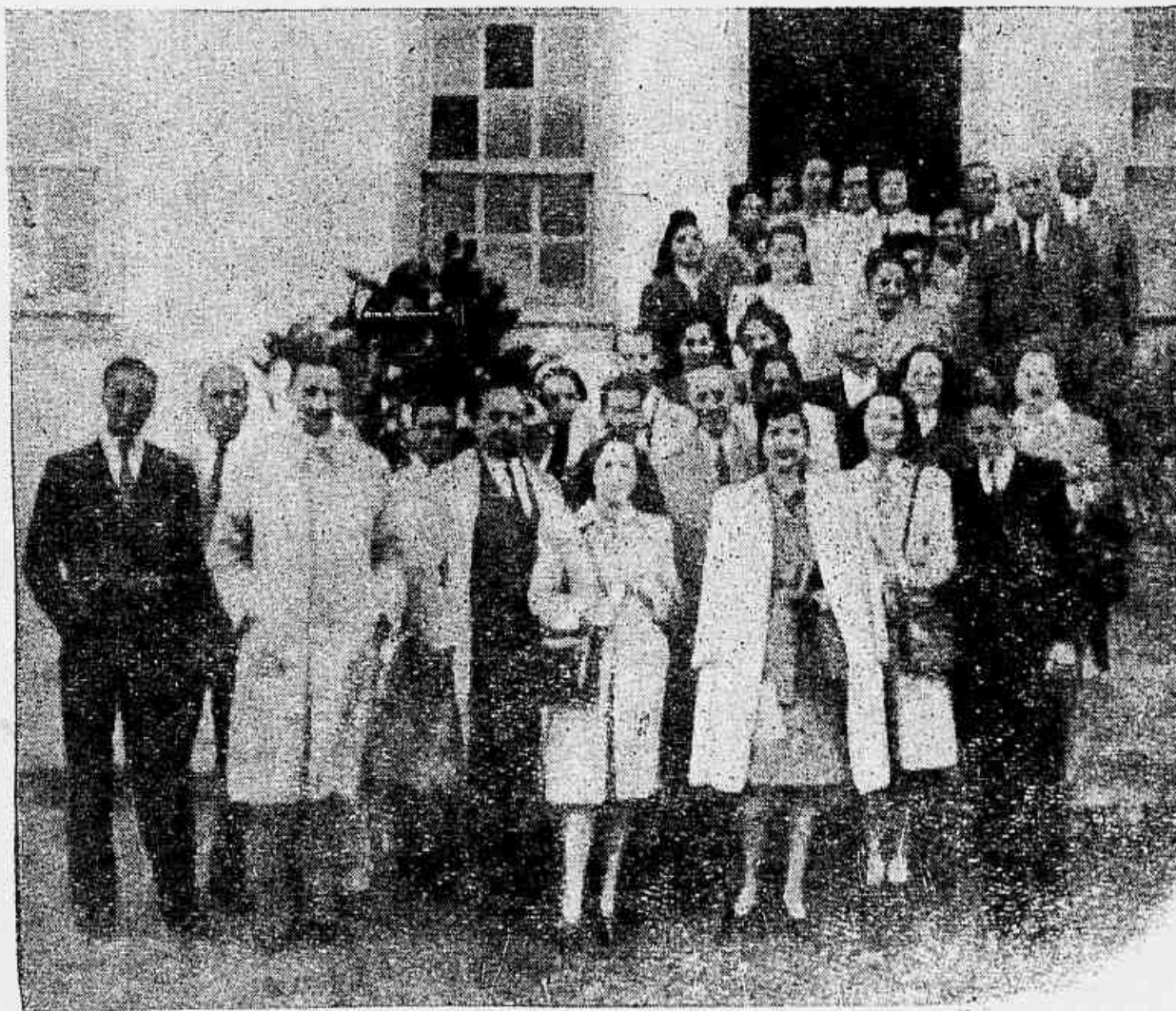
PREÇO - RIO E SÃO PAULO: CR\$ 11,00



PERFUMARIAS PHEBO LTDA.



Grupo de alguns participantes no almoço oferecido na A. B. I., em 4 de novembro, pela Sociedade Brasileira das Nações Unidas ao Sr. Thos. Falck Junior, presidente da Linha Norueguesa Sulamericana, vice-presidente da Linha Aérea Escandinava SAS, presidente das Linhas Aéreas Norueguesas, vice-presidente da Associação dos Armadores da Noruega e diretor geral da Companhia de Navegação "Bergenske". Da esquerda para a direita: Dr. Sousa Brasil, diretor G. S. de Clerck Jr., Dr. João Lourenço da Silva, Dr. Celso Kelly, Dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., Thos. Falck Junior, presidente da Linha Norueguesa Sulamericana e vice-presidente da Linha Aérea Escandinava SAS, S. Excia. Ivar Melhuus, ministro da Noruega, A. Hultfeldt-Siewers, do Serviço de Imprensa das Relações Exteriores da Noruega, diretor Fr. Engelhart Jr., Cônsul Geral J. J. Magoulas, diretor Alf Arnesen, Dr. Oswaldo de Carvalho Lemgruber.



HOMENAGEM A NESTOR VICTOR — Flagrante apanhado na Escola da Pedra da Guaratiba durante a cerimônia de inauguração do retrato do sr. Nestor Victor, à qual compareceram professores, amigos e parentes do homenageado.



ACADEMIA NACIONAL DE FARMACIA — Flagrante apanhado do Curso de Extensão Cultural Extra-Universitário, de Bacteriologia e Imunologia, lecionado pelo Prof. Abdon Lima, sob o patrocínio da Academia Nacional de Farmácia presidida pelo farm. Geraldo Majella Bijos. Este curso teve a frequência de 300 alunos médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários.

UMA HISTÓRIA SIMPLES

(Cont. da pág. 28)

— Está bem, ponha aí em qualquer lugar, disse; e retornei à minha leitura, sem mesmo prestar atenção ao "atô logo" acanhado da garota.

Surpreso fiquei, quando, ao finalizar a página que lia, verifiquei que nada entendera, pois meu pensamento estivera entregue à cena recente. Lembrei a menina: treze anos mais ou menos, cabelos castanhos claros, soltos sobre os ombros, finos traços fisionômicos, uma rosa brotada como que espontaneamente da rudeza de seus pais, portugueses emigrados... Ora, ora, uma menina ainda!

Passaram-se duas semanas mais até que a visse novamente. Esquecera-a por completo durante aqueles dias. Dessa vez chamou-me mais a atenção. E foi com um ar solícito que tomei a trouxa de suas mãos. Ela sorriu, agradecida, numa expressão franca e humilde. Enchi-me de benevolência e tentei conversar com a menina. Soube que, não obstante a falta de recursos, estava iniciando o curso ginásial, e que se chamava Neuza. Ela respondia às minhas perguntas, muito satisfeita, honrada com tanta distinção (pois "seu Doutor Nando" já era importante na vida...). Depois, retirou-se com um sorriso. Sorri também. Neuza! Como era linda! Mas, que diabo, uma menina ainda!

Apesar dela ter-se ido, fiquei lembrando sua humildade, seu sorriso franco, despidido de convencionalismos, sua beleza... Neuza...

Até hoje não sei bem o porque de procedimento tão desassombrado. Havia marcado encontro com minha noiva. Iríamos a um teatro. Ela chegou atrasada. Senti-me, naqueles momentos, com forças imensas para brigar e discutir. Não sei donde me veio tanta coragem, ainda mais tratando-se de Idinha, ela que exercia um incrível domínio sobre mim. Foi tudo muito rápido.

No dia seguinte, ao acordar, não atinei bem com minha situação. Mas a verdade é que tinha rompido o noivado. Uma força vigorosa, uma vontade decidida de procurar teimosamente uma imagem suprema para meus sonhos de amor, fôra a causa de tudo. Não sabia com exatidão a que atribuir tanta audácia, ao desviar-me de um caminho que já considerava inevitável: casar com Idinha.

Nem os rogos de minha família, nem os telefonemas de Idinha me abalararam. Estava livre mesmo! Livre! Como soava bem aos meus ouvidos essa palavra! Mais do que nunca sentia que jamais poderia ser feliz com Idinha.

Tive sorte em seguida. Viagei por três anos. Percorri outras terras. Inglaterra, França, Espanha e Portugal. Quando voltei, já não me sentia tão moco, tão saltitante.

E foi um dia em casa (a casa de meus pais, pois sendo solteiro preferia estar nela), que uma linda moça veio procurar mamãe. Reconheci-a. Neuza! Um deslumbramento! A pequena Neuza, descalça e mal vestida de outras datas, estava ali com um vestido simples, fresca, radiosa e quase mulher feita.

Foi como um raio de sol entrando após anos de sombra. Sorri. Ela também. Encontrara afinal o que meu coração procurava.

O efeito foi o de uma bomba estourando no seio de minha família. O Nando pretendia tornar-se noivo da filha da lavadeira!

Fiquei irredutível a conselhos, a bom senso, a tudo. A minha resolução era imensamente forte. Sentia que poderia dedicar-me a ela por toda uma existência.

E ela? Neuza amara-me desde o primeiro dia em que me viu, assim confessou. A princípio, encarara-me como um ser superior, inatingível. Depois, como já aquele a quem poderia se confiar inteiramente.

A felicidade quando é muita, transborda. E por isso, vivia eu rindo e can-

tando à toa. Tudo para mim era motivo de pilhérias, de bom humor. Porque, enfim, encontrara alguém que, tinha certeza, corresponderia sempre à minha dedicação.

Nada me impediu. O destino é inexorável. Mãos dadas, uma paixão cega nos unindo, que importava o vento, a chuva, o frio? Que importava a nós o resto das coisas?

Como nos contos de fadas, em que o príncipe casa com uma de suas mais pobres servitoras, o "doutor Nando" contralou núpcias com Neuza, a modesta filha da lavadeira.

★

Ouçó agora os gritos de meu filho: tem doze anos e gosta apaixonadamente de jogar bola. Lá fora ele é o chefe do "team", o rei da "pelada". Moro numa bela casa com um admirável jardim. Dedico-me a leituras e às minhas reflexões. Possuo uma boa discoteca e, com isso, usufruo do direito de ouvir, solitariamente, as músicas divinas de Bach. Estou bem na vida, pois minhas rendas são seguras. Tudo se me afigura, no porvir, pacato e normal.

Pela janela, vejo brilhar um sol muito forte. E eu, embora me sinta assaz vigoroso com meus quarenta anos, deixo-me preguiçosamente ficar escondido dentro do meu quarto, gozando da placidez de um divan muito macio.

— E Neuza?

Ah, Neuza... Possuo um seu retrato à minha cabeceira. Fugiu três anos depois do nascimento do garoto. Para ser feliz, disse ela. Deixou-me o filho e um bilhete lacônico, ao desaparecer com um colega do Fórum.

Também, em compensação, Idinha é uma gorda matrona sem nenhum encanto mais...

Fecho os olhos e fico lembrando todas essas imagens que amei. Muitos nomes me vêm à mente. Amor... Passado... Mas, que diabo, ainda tenho quarenta anos! Sim, por que não?

A viúva, professora particular de meu filho, é um "pedaço"... Começo a desconfiar que não sou mal querido por aqueles olhos...

Será talvez a última grande aventura... e, quem sabe? A felicidade...

A DERROTA

(Cont. da pág. 23)

Levantel-me, desconfiado por tanta amabilidade, e, antes mesmo de me dar tempo para escovar os dentes o homem me agarrou:

— Carvalho, pelo amor de Deus, preciso de sua ajuda. A situação do país está horrorosa, o fio da seda baixou cento por cento, as fábricas estão fechando em S. Paulo, há falências por todo o canto. Milhares de empregados estão sendo despedidos e, como fogo em petróleo, o pânico se alastra pelo Brasil sem governo. Meu negócio periclitou, quase todo o meu estoque é de sedas, estou preste a falir. O' Carvalho, me ajude pelo amor de Deus, sou casado, tenho mulher e filho que dependem de mim e vivem sob a guarda do meu nome honrado. Tenho um título a pagar hoje sem falta e se não o fizer o creditor o protestará. Não sei aonde cavar estes cinco mil cruzeiros, todos os Bancos fecharam o crédito aos pequenos negociantes, estes infames querem me levar à ruína. Você conhece bem, Carvalho, sou honesto, além disso tenho mulher doente, veja como ela está abatida, tenho ainda filho para criar...

— Mas sr. Demétrio...

— Você sabe o que é um protesto de duplicata, Carvalho? É o descrédito comercial, é a desmoralização do negociante e se isto se der eu me suicidarei, matarei uma bala no ouvido e você será o responsável pela minha morte, pela viuvez da minha mulher e orfandade do meu inocente filhinho.

— Ora, seu Demétrio...

— Sim, porque você está rico, tireu cem mil cruzeiros sem fazer força en-

(Cont. na pág. 53)

Como proteger sua família contra os perigos da febre tifóide



Antes da erupção vem a fadiga, perda de apetite, dor de cabeça, febre, prisão de ventre ou diarreia.



A tifóide pode ser banida totalmente se todos cooperarem com os médicos e as autoridades sanitárias.



Faça vacinar cada membro de sua família... proteja-os todos!

Conheça a tifóide... Conheça-lhe os sintomas. A febre tifóide e a paratífóide são doenças graves e muito contagiosas. Os micróbios se apresentam nas dejeções da pessoa enferma — e se disseminam facilmente. É por isso que você deve fazer duas coisas no momento em que encontrar um caso suspeito de tifóide: 1) isolar o doente; 2) chamar o seu médico e dar parte às autoridades sanitárias.

Desconfie da presença da tifóide se notar manchas rosadas no estômago, no peito ou nas costas. Elas virão em seguida a um período de diarreia, acompanhada de dor de cabeça, abatimento, perda de apetite e uma febre que vai subindo aos poucos. (A tifóide aparece, em média, 7 a 14 dias depois da infecção).

Conheça onde a tifóide se oculta. Estude o quadro acima cuidadosamente. Ele mostra como os micróbios da tifóide viajam e podem terminar em sua bôca. É por isso que, se há tifóide em sua casa, as fezes e as peças usadas pelo paciente devem ser desinfetadas com cal clorada ou qualquer outro desinfetante indicado pelo seu médico.

Talvez a causa mais comum das epidemias de tifóide seja o uso de água poluída.

Seja, portanto, *extremamente* cuidadoso quando viajar ou estiver em lugares que não conheça bem.

Siga êstes preceitos — e vacine-se! Para evitar a tifóide em seu próprio lar, tome estas precauções:

1. Proteja os alimentos contra as moscas portadoras de micróbios, cobrindo-os, pondo telas nas janelas e portas, usando latas de lixo com tampa.
2. Use exclusivamente água pura. Em caso de dúvida, ferva-a.
3. Nunca tome leite cru, ou alimentos feitos com êle.
4. Cuidado para que os seus alimentos tenham sido devidamente cozinhados.
5. Releia a tabela acima. Depois verifique de onde vêm os seus alimentos, como são expostos à venda e preparados.

E faça com que seu médico o vacine! É uma precaução facilíssima — e ordinariamente protege pelo menos por um ano!

● Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

O CATARRO PODE CAUSAR ZUMBIDOS E SURDEZ

UMA REMÉDIO QUE ELIMI- NA O CATARRO NASAL E ALIVIA O ATURDIMENTO CATARRAL

São poucas as pessoas que dão importância e tratam a afecção catarral. Entretanto, a afecção catarral não é um mal passageiro. Se não for tratada em tempo ela pode degenerar numa grave enfermidade, destruindo o olfato, o paladar e, paulatinamente, minar a saúde em geral.

Se V. S. padece de catarro não se desespere. Compre um frasco de PARMINT e tome-o de acordo com as instruções da sua bula.

PARMINT tem demonstrado sua eficácia em muitos casos porque sua ação se exerce diretamente sobre o sangue e sobre as membranas mucosas.

A volta da respiração fácil, da agudeza de ouvido, o restabelecimento do olfato e do paladar, o levantar-se, pela manhã, com novas energias e a garganta livre de catarro — eis o que lhe proporcionará o tratamento com PARMINT. Torne sua vida mais agradável, mais alegre. Para seu próprio bem — se sofre de catarro — comece, hoje, o tratamento com PARMINT.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

IMPRESSONANDO OS MEIOS CIENTÍFICOS DO PAÍS EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento das gorduras e a conservação da elegância dos magros.

Adquire nas farmácias e drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso,
CAIXA POSTAL, N.º 1156
Rio de Janeiro

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A DERROTA

(Cont. da pág. 50)

quanto eu me esgotei no comércio e não tenho sequer cinco mil para resgatar um título. O que lhe custará emprestar-me esta quantia até que a situação melhore? Você é sozinho, Carvalho, não sabe o que é sustentar família, mulher e filhos.

De repente me lembrei que o sr. Demétrio Manuel da Silva, pequeno comerciante, embora casado, não tinha filhos e lho disse. Ele faz uma cara de espanto:

— Então você não sabia? Minha Estelinha está grávida!

D. Estela Maria baixou pudicamente os olhos, me sorriu um casto sorriso de cumplicidade que me geou, seria... Bem, calei-me, maldizendo interiormente o governo do Brasil e toda a sua política bancária, como deixavam Matarazzo subir e baixar o fio da seda a seu gosto, fechando o crédito aos pequenos comerciantes como o sr. Demétrio Manoel da Silva, no momento da crise?

Enchi o cheque.

Naquela semana este foi o grande golpe. Parecia que todos estavam de comum acordo, haviam sorteado a ordem dos pedidos. Com o decorrer do tempo, regularmente fui sendo assaltado pelos outros hóspedes. Waldir Sampaio, com sua branquidão de cera, cara imóvel de eterno sono hipnótico, magro e alto, longas mãos de pianista, inteiramente calvo, uma distinta calvícia intelectual, foi o segundo a sangrar-me. Tivera a profissão movimentada de "croupier" num cabaré de terceira categoria e, como o jogo fora taxativamente proibido pelo general Dutra, o sr. Waldir Sampaio, com elegância e firmeza, lançou-me esta outra crise brasileira, não como desculpa, não como se eu estivesse fazendo-lhe um favor, mas como se eu tivesse obrigação irrestrita de sustentá-lo, como se tivesse sido eu um dos signatários do decreto-lei. Eu desconfiava que ele funcionava numa tábua clandestina, particular num palacete de Botafogo. Que importam todavia os argumentos dum solteiro enriquecido com cem mil cruzeiros caídos do inferno, sem ninguém a depender dele, em face do orgulho e do bom-tom dum desempregado oficial, com esposa, três filhas internas num colégio gráfico, irmãs em Minas Gerais fazendo-lhe cartas com solicitações de dinheiro? Mais quatro mil cruzeiros foram para o bolso de Waldir Sampaio. E dum jeito e doutro, com distinção ou brutalidade, com boas ou más maneiras, súplicas ou ameaças, todos os outros mártires casados da pensão conseguiram o seu quinhão do dinheiro lotérico. Devo ressaltar, contudo, o procedimento de Mário T. Oliveira, comerciante e do dr. Evaristo Rocha, professor contratado. Ainda foram os menos selváticos, este se contentou em se apossar de meia dúzia de camisas novas do meu sortido guarda-roupa. Aquele, por engenhosa proposta de sua mulher, recebeu de presente, sem que eu pudesse abrir a boca, o meu ainda alinhadíssimo "smoking". Eleuterio Marinho corretor de seguros, depois de tomar a sêco dois mil, emprestados para comprar um carro, que nunca mais saiu, voltou para

por cima fez-me mensalista numa companhia de sortelos prediais que depois se descobriu ser uma grossa bandalheira paulista, empurrou-me um título de capitalização, forçou-me a fazer um seguro de vida em proveito de d. Zezé, por proposta desta, o que, daí por diante me fez desconfiado com as merendas que ela me mandava ao quarto especialmente. O ajudante de despachante aduaneiro, Lutero Calvino de Jesus Araújo, provando que o movimento portuário naquele mês não dera sequer para pagar suas viagens de bonde, surriprou-me outros três mil cruzeiros. Miroel Peixoto de Castro tinha realmente o seu filhinho no hospital, operando-se de angina. Mas que culpa tinha eu dos sistemas governamentais brasileiros não gostarem de construir hospitais para o povo e ter sido ele obrigado a internar o filho num estabelecimento particular (cuja diária era um roubo), que culpa tinha eu do seu filho caído doente tão grave, dele ter filho? Isso meu cérebro remordia para mim mesmo, mas a minha boa educação, a retidão do meu carácter, impediam-me de externar-lhe. Além disso, Miroel chorava...

Todo o tratamento da criança correu por minha conta.

O tempo passava e com ele novos golpes se sucederam, sempre com a mesma patética alegação de que eu era sozinho, não tinha família a sustentar. Seis meses depois da data da "grande sorte", tendo adquirido uma licença de três meses para tratamento dum gripe, depois de curá-la em dois dias com dois chás de limão e um escalda-pé, resolvi gastar o resto do meu dinheiro numa balta farra, nalgum balneário, antes que os meus amigos o acabassem. E qual não foi o meu desapontamento e a minha raiva quando verifiquei que, da fortuna, restava a insignificância de mil e oito cruzeiros. Mil e oito cruzeiros numa bolada de cem mil! Tinha sido soezmente roubado por aquela malta de parasitas casados! Então, constatando que não era vantajoso ser-se livre e inteligente, afim-de não continuar a ser explorado por estranhos, decidi-me casar imediatamente. Com o restante do dinheiro comprei duas alianças, noivel com a namorada de ocasião, casei sem demora, hoje sou um homem respeitável e empedernido. Atualmente quando alguém vem pedir-me dinheiro emprestado sua choradeira não me comove:

— Você é infeliz, meu amiguinho? Você é casado, tem mulher, filhos, família nas costas? É um pobre burro-de-carga, meu camaradinho? Então somos almas-irmãs, console-se comigo...

Compreende agora porque, sendo eu um apologista do celibato, afoguei-me no casamento? A vida é assim mesmo, cada qual deve conformar-se com sua sina. Olhe para mim; já fui como você, jovem, alegre, livre, feliz. Hoje, embora sejamos da mesma idade, eu sou um escravo de mim mesmo, dos meus filhos, de minha mulher, dos parentes de minha mulher. O futuro não me oferece a melhor perspectiva de paz e o presente, com estes grilhões, não me acaricia com essa felicidade que experimentamos quando somos sozinhos, solteiros e não temos que dar satisfação a quem

**Fume! Mantenha porém,
seus dentes livres das manchas
éticas Manchas de Nicotina!**

O Creme Dental Nicotan (for origin americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumuladas nos interstícios dos dentes e causa a pelo uso contínuo do cigarro. Não tem o odor dos dentes um bilhão de vezes mais agradável e saudável. Na ataca o e-mail. Não é nem pedra-pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor e cor de j. s. NICO AN, creme Dental especial para fumantes.

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
**Queda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo:
TRATAR COM
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUR BRIGADEIRO TOBIAS, 613
2.º AND. SALA 217
FONE — 6-6718

Senhoras!
Se a
Natureza Falta
MENAGOL
REGULA!

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

VISITA AO MUSEU DO HOMEM...

(Cont. da pág. 33)

Mas Mario de Andrade não vive mais. E outro, como ele, não virá tão cedo. E' pena! Como fazem falta tais elementos... Mas temos ainda homens de boa vontade, que poderiam cuidar disso. Sim, é verdade que existem problemas mais importantes que exigem solução. Mas a França também esbarra com todos os problemas, os mesmos para os demais países, grandes ou pequenos, civilizados ou atrasados. No entanto, não deixam de cuidar de sua cultura, que é tão necessária como o pão nosso de cada dia.

Dirigimo-nos, portanto, ao sr. Paulo Duarte, o qual, antes da nossa saída do Brasil, recomendou-nos, precisamente, o Museu do Homem; lembramos, também, a longa conversa que há alguns anos mantivemos com Plínio Ayrosa sobre o Indígena; pedimos, também, aos srs. Roquete Pinto, Gustavo Barroso, etc., que façam algo para que o Brasil esteja representado à altura no Museu do Homem desta cidade. Existem outros, amigos e desconhecidos, que poderiam fazer muito neste sentido. E' a todos eles que nos dirigimos, pedindo sua cooperação. E que isso não fique apenas na conversa... O Departamento de Cultura, de São Paulo, por exemplo, muito poderia fazer, se quisesse. Também outras instituições. Porque, realmente, é uma lástima que o Brasil padeça pela ausência, pela pobreza franciscana, pela miséria, mesmo, das vitrines em que esta exiguamente representado no Museu do Homem.

A senhora Shirley Temple

(Cont. da pág. 22)

fotografias que enfeitam estas páginas e se lembrar de que ela continua a mesma criaturinha meiga e sincera que foi na infância.

Entre falar de sua vida artística ou de sua vida de esposa, Shirley prefere esta última. Diz rapidamente que gostou muito de trabalhar com Cary Grant, em "Solteirão Cobiçado", com Franchot Tone e Guy Madison, em "Amor de Duas Vidas", e que está gostando muito de trabalhar com Ronald Reagan em "That Hagen Girl". Nada mais. O que ela disse, no entanto, sobre sua vida de casada, daria bem para encher um volume, assim como o "Livro Vermelho". Não se contenta em dizer alguma coisa sobre sua nova situação. Diz simplesmente tudo. Bem, o tudo aqui é um pouco forçado, é natural...

Assim, vamos fazer um ligeiro resumo do entusiasmo de Shirley Temple, ou melhor, de Shirley Temple Agar, sobre a vida matrimonial. Diz Shirley que a primeira coisa que uma esposa deve ter em mente é cuidar justamente das pequenas coisas, que os maridos tem tanta facilidade em esquecer. As chaves das malas, por exemplo, na viagem de lua-de-mel. Outro ponto importante é a paciência com certas esquisitices dos homens, teimosos como só eles! E então ela conta um detalhe pitoresco da sua lua-de-mel. Ela e John foram para um hotel de Santa Barbara, onde, por sua frequência, eles teriam mais possibilidades de se manterem incógnitos. Mal se ajustaram e apareceu uma empregada da casa dizendo que lhe tinham dito que Shirley Temple lá estava com a irmã. A pequena queria tirar a coisa a limpo, pois nunca ouvira falar nessa irmã de Shirley. Shirley disse-lhe então que de fato não tinha irmã e que estava lá em companhia de um rapaz seu conhecido. A pequena não tornou a dar as caras, e Shirley acha mesmo que perdeu uma fã. John ficou aborrecido com a invenção da esposa, mas dias depois já estava até satisfeito com os olhares de suspeita que lhe lançavam os empregados do hotel. Mas tudo acabou bem, pois alguém se lembrou de passar os olhos no registro de hóspedes, salvando-se assim a reputação de Hollywood! Continuando a falar de suas experiências, ela assegura que uma coisa que as esposas nunca devem fazer é procurar de qualquer maneira a atenção de outros homens. "Eles" não gostam disso. E com muita razão, acha Shirley, pois não é nada agradável para um cônjuge, principalmente quando é o masculino, ver o outro feito centro das atenções gerais. E muito menos das atenções de um só... Outra coisa importante é a franqueza entre marido e mulher. Se os dois precisam viver juntos na alegria como na tristeza, nada de segredinhos, que só servem para fazer o outro imaginar coisas, difícil que é esconder-se qualquer coisa da pessoa que se ama... Felizmente, nesse ponto, ela e John estão bem à vontade, pois não são conhecidos recentes. Muito antes do casamento já se gostavam, tendo esperado apenas que o término da guerra lhes proporcionasse a ocasião propícia para o enlace. E ela aprendeu ainda que nunca uma esposa deve interromper o marido quando ocupado com alguma coisa. John é um homem que se concentra de todo naquilo que esteja fazendo, não gostando nem um pouquinho que outra pessoa, mesmo a esposa, venha perturbá-lo. Shirley teve a prova disso num dia em que, depois de falar uns bons quinze minutos, verificou que ele nem ao menos a estava ouvindo. Ficou amuada até o dia seguinte, quando foi intimada a desabafar, verificando também que não adiantara nada querer guardar

para si aquele ressentimento. Em cada, não é possível ser artista, garante Shirley. Hoje, porém, com ano e meio de vida em comum, ela se entende às mil maravilhas com o seu John, mas mesmo assim ainda aparecem pequenos nadas que merecem a sua atenção, desejosa que está de manter ainda por muito tempo a ventura em que hoje vive.

A vida de Platão

(Cont. da pág. 34)

te através da qual passamos da terra para o céu, átrio que conduz ao palácio de Deus. "E lá, meus amigos, ninguém é morto por suas opiniões... Alegrem-se, portanto, e não depletem o meu passamento... Quando me descerem à sepultura, digam que estão a enterrar-me apenas o corpo e não a alma."

Aproxima-se a hora do pôr do sol. Entra o carcereiro com a cicuta. "Peço-vos que não vos zangueis comigo, oh Sócrates; pois outros, como sabeis, são a criminosos causa de vossa morte, e não eu."

Isso dizendo, o carcereiro estende a taça a Sócrates e rompe em pranto ao voltar-lhe as costas.

"Nós outros, também não pudemos por mais tempo suportá-lo, e, apesar de nós mesmos, corram-nos abundantes as lágrimas... Apenas Sócrates se mantinha calmo. "Que tolice é essa?" disse ele. "Mandei embora as mulheres principalmente para evitar uma cena semelhante... Aquietai-vos, pois, e deixai-me morrer em paz."

"Ouvindo isso, coramos e retivemos as lágrimas... E Sócrates, tendo bebido a cicuta, deitou-se sobre a estrega, pois o carcereiro dissera-lhe que assim fizesse." A pouco e pouco progrediu o veneno dos pés para o coração. "E houve, então, um movimento convulsivo e os olhos de Sócrates se imobilizaram... Tal foi o fim de nosso mestre, a quem posso, verdadeiramente, chamar o mais sábio, o mais suave e o melhor de quantos homens jamais conheci."

III

Quando Sócrates morreu (399 a.C.) achou, Platão, conveniente sair de Atenas, pois, os seus esforços para

ESPLÊNDIDA!
Um "sonho" de ceia!...



Ah!... é uma ceia com
Malzbier da Brahm



Sem dúvida!... Malzbier da Brahma é sempre bebida à mesa com exclamações de satisfação. Ao mesmo tempo que proporciona grande prazer, Malzbier da Brahma completa, equilibra e aume o valor nutritivo de qualquer refeição. Isto, por é uma cerveja rica em malte! Por ser leve, doce e de baixo teor alcoólico, Malzbier da Brahma é a cerveja das famílias, preferida em todos os lugares. Com'p'ete sempre seu almoço, lanche ou com a saborosa e nutritiva Malzbier da Brahma.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE

BONS PRESENTES

OCULOS DE METAL
DOURADO OU NIQUELADO
COM ESTOJO ESPECIAL DE COURO
VIDROS LEGÍTIMOS
AMERICANOS
CR\$80,00

PULSEIRAS
PARA RELÓGIOS
TIPO MILANESA
DOURADA CR\$70,00
CROMADA CR\$60,00

PELO
REEMBOLSO
POSTAL

"A FORNECEDORA"
RUA DO OUVIDOR, 169
RIO DE JANEIRO

ARTIGOS
DE FINO
ACABAMENTO

Contra dores

ASPIRINA

Q remedio de confiança

BAYER

TRATAMENTO DO ROSTO E DAS MÃOS

Por profissionais competentes. Os mais finos produtos de beleza
Creme, pó, rouge, água, pasta, etc.
Rainha da Hungria

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Mme. CAMPOS

Uma organização tradicional através meio século
Rua Assembléia n.º 115-1.º — Fone: 22-4685

salvar o mestre, tinham-nos colocado em evidência. Encetou uma jornada "à volta do mundo" — isto é, o mundo conhecido àquele tempo. Quais os países que visitou não poderemos dizer, exatamente. É muito provável, entretanto, que tenha ido à Itália, onde travou conhecimento com a filosofia mística de Pitágoras, "o fundador da matemática e o pai da música." De lá, diz-se que foi à Sicília, à Cirenaica, ao Egito, à Judéia e até às margens do Ganges. Se não visitou pessoalmente, todos esses países, percorreu-os, de certo, com o pensamento, pois ao regressar a Atenas, após uma peregrinação de doze anos, tinha-se-lhe transformado o espírito como que numa tesouraria de todo o saber acumulado no mundo.

Sócrates, contudo, era ainda o seu mestre supremo. Desse momento em diante, dedicaria a vida ao ensino das verdades socráticas. Com esse propósito abriu uma escola de filosofia no Jardim Público de Atenas, conhecido como a Academia, sítio encantador, plantado de plátanos e adornado de templos e estátuas. Ali, sobre a margem de um rio, com

Um som como o de oculto regato
No frondente mês de Junho,
Que para os bosques dormidos toda a noite
Canta uma plácida canção.

estabeleceu a sua Academia e começou a expor a doutrina socrática, ou, como lhe chamamos hoje, a doutrina platônica. Pois Platão apresentou todas as suas idéias, sob a forma de diálogos, pela boca de Sócrates, de sorte que, até hoje, não sabemos exatamente onde acaba o pensamento de Sócrates e onde começa o de Platão. De uma coisa sabemos, todavia, — que, para Platão, assim como para Sócrates, o significado e a missão de toda a filosofia consistem na instituição da justiça entre os homens. "A justiça", diz Sócrates, "é a única felicidade verdadeira. Apenas os injustos são infelizes." E Platão acrescenta, falando, como de hábito, através da boca de Sócrates, "ninguém até agora condenou a injustiça ou elegiu a justiça (ele parece desconhecer os ensinamentos dos profetas hebreus)... Ninguém até agora investigou... porque é a injustiça o maior dos males que tem a alma dentro em si, e a justiça o bem maior."

E foi a fim de averiguar a natureza da justiça, que compôs os seus Diálogos imortais. Referindo-se a esses Diálogos, repete Emerson, as palavras de Omar sobre o Alcorão: "queimal as bibliotecas porque o valor delas está neste livro." Foi Platão, quicá, o mais compreensivo dos grandes pensadores do mundo. "De Platão" — tornamos a citar Emerson — "Procedem todas as coisas que ainda são escritas e debatidas entre os homens de pensamento". Com efeito, não há um único tema de interesse humano em que Platão não tenha tocado, em sua busca dos princípios da justiça, busca que durou toda a sua vida. A fraternidade universal do homem, a eugenia, o socialismo, o comunismo, o feminismo, o controle da natalidade, o amor livre, a livre expressão, os duplos e simples padrões de moralidade, a posse pública das riquezas, das mulheres, das crianças — são esses apenas, alguns dos problemas que ventila em seus Diálogos. Contudo, no fundo de todas essas discussões, há um propósito único, o seu desejo constante de ver a retidão — ou, como lhe chamamos hoje, a equidade no Estado. Deseja ver um Estado em que Sócrates, em vez de ser assassinado, fosse eleito rei.

Ele descreve esse país imaginário por que seu coração anela, em sua República, a primeira Utopia da história.

IV

A fim de fazermos uma idéia adequada da República de Platão, examinemos a vida de seus cidadãos, a partir do nascimento.

Hão-de as crianças, nascidas na República, ser o resultado de uma união comunal. Hão-de os melhores homens unir-se às melhores mulheres com o propósito único de produzirem uma prole superior. Hão-de os homens possuir em comum essas mulheres; não há-de haver casamentos individuais nem famílias particulares. Imediatamente após o nascimento, as crianças serão tiradas dos pais e colocadas num infantário do Estado. "É essencial que os pais não conheçam os próprios filhos, ou os filhos aos pais. Somente desta maneira pode tornar-se um fato a fraternidade universal em lugar de apenas uma teoria. Pois todos nesse Estado comunal podem ser verdadeiramente considerados como irmãos uns dos outros."

Quanto aos pais, não precisarão limitar suas experiências sexuais aos respectivos companheiros. Se, de-

A DERROTA

(Cont. da pág. 52)

quer que seja. O pistolão antigo cala do poder mas, diplomático como sou, antes de sua ruína total, amparei-me a outro. Fui promovido, tenho maior porcentagem nas comédias, faço ainda serviços extraordinários nas horas que poderia estar passeando ou descansando. São, trabalho como o diabo, ganho o triplo do que ganhava mas nunca o dinheiro chega para as despesas, estou sempre devendo à padaria ou ao armazém à farmácia ou ao alfaiate. Agora mesmo estou numa situação desesperadora. Meu filho caçula adoeceu de repente, sai para chamar o médico, encontrei-me com você parei um pouco para relembrar o passado — de que me adianta a pressa se não tenho dinheiro para pagar a consulta ou obter qualquer receita? Enquanto estejam no princípio do mês acho-me sem um níquel. Você que é solteiro, sozinho, não tem família para sustentar, que não seja todo o seu ordenado, quer emprestar-me cem cruzeiros até que eu receba o meu?

QUANTO CUSTA O SEU CACHORRO?

(Cont. da pág. 11)

DESPESA MÍNIMA DE UM CÃO DE LUXO

Recapitulando as visitas que fizemos aos veterinários, tosadores, criadores e

proprietários chegamos à conclusão que um cachorro de raça, seja o pequenino bassê ou o grandalhão "dinamarquês", dá uma despesa mínima de trezentos cruzeiros mensais. Senão, vejamos:;

½ quilo de carne, diáritamente, ou substituto (Legumes, verduras, biscoito, etc.) ... Cr\$ 180,00

Visita mensal ao veterinário (esteja ou não doente) .. Cr\$ 60,00

Visita mensal ao tosador .. Cr\$ 60,00

Total ... Cr\$ 300,00

Essa despesa é mínima, sendo que muitos proprietários podem gastar até o dobro. Basta para isso que chamem em casa o veterinário e terão de pagar de cem a cento e vinte cruzeiros, em vez de sessenta. E não estão incluídos os gastos com as operações cesarianas e contas de oito mil cruzeiros como já aconteceu na Policlínica Veterinária da rua Toneleros. E não contamos ainda os brinquedos comprados de vez em quando para os totós se distraírem. E não contamos as despesas com os funerais e com os mausoléus de mármore. Nem o preço da compra do cachorro, que pode ser de dois mil a vinte mil cruzeiros. Cães de pedigree podem custar até cinquenta mil cruzeiros aos seus proprietários durante a vida no palacete ou apartamento. Achamos muito difícil que esses proprietários encontrem argumentos para se furtarem ao pagamento do imposto. O resto é demagogia, e sentimentalismo plegas. Plegas e barato.

pois de haverem dado crianças ao Estado, desejarem "divertir-se à vontade", podem fazê-lo — com a condição de "se obrigarem a abortar qualquer embrião que, assim, possa vir a formar-se." A questão do amor livre é, dessa sorte, deixada à discreção do indivíduo, e isto se aplica tanto às mulheres quanto aos homens. A vida particular dos cidadãos não diz, em absoluto, respeito ao Estado. Tudo quanto requer o Estado é que os cidadãos não molestem, uns aos outros, na procura de sua felicidade individual.

Tornemos, no entanto, às crianças.

Desde que nascem, são, como vimos, entregues aos cuidados do Estado. Até à idade de vinte anos recebem, todos, a mesma educação. Essa educação preliminar consiste, principalmente, em ginástica e música — ginástica para desenvolver a simetria do corpo, e música para desenvolver a harmonia da alma. "O homem que não traz música na alma não é digno de confiança", pois o seu espírito é defeituoso, as suas paixões desequilibradas e falseado, para sempre, o seu sentido do bem e do mal. A música — e a música, para Platão, abrange toda a harmonia, audível ou não — é o princípio fundamental que impede o mundo de cair num caos incongruente. É a alma do Universo, assim como os planetas e as estrelas são o seu corpo. Sem elas, seria a Terra um carvão apagado e os céus um punhado de cinzas mortas.

A música, portanto, é a parte essencial da educação. Antes de atingirem a idade dos vinte anos devem todos os rapazes e todas as moças, conhecer a fundo os rudimentos da música e da ginástica. Hão-de ser coeducativas as escolas em que se estudam essas matérias. Os rapazes e moças há-de trabalhar e brincar juntos. As moças, como os rapazes há-de despir-se para fazer os seus exercícios, pois como diz Platão os cidadãos do seu Estado ideal andarão "suficientemente cobertos com as vestiduras da virtude." Há mister que não subsista nenhum senso tolo de vergonha, nenhum escárnio achavascado à vista do corpo humano.

Além disso, há-de a educação das crianças não somente libertar-se de afetadas pudicícias, como também divorciar-se de trabalhos penosos e estafantes. O ensino há-de ser transformado em prazer e não em tor-

(Cont. na pág. 56)

QUANDO O BRASIL AMANHECIA...

(Cont. da pág. 13)

As filhas de Maria do Espírito Santo tiveram educação aprimorada. Olinda da quadra quinhentista: com o esplendor que lhe dava o mercado de açúcar, era uma exceção na fisionomia selvagem do Brasil: dava-se ao luxo de ter professores de etiqueta e de humanidades. As moças mestiças casam-se com fidalgos estrangeiros — Catarina, com Felipe Cavalcanti e Brites com Sibaldo Lins. Os dois novos troncos irradiam-se através dos séculos, por todo o país. Há Albuquerque, Lins, Cavalcantis em todos os cantinhos brasileiros. O filho varão do leito de amor de Maria do Espírito Santo é Jerônimo de Albuquerque Maranhão, o que derrotou os franceses de Ravardiere nas terras maranhenses.

Os rumos morais da sociedade brasileira foram inegavelmente traçados pelos jesuítas no alvorecer daqueles tempos históricos.

Num país selvagem, assolado por aventureiros perigosos, contrabandistas, piratas, facinoras e calcetas, os padres da Companhia tiveram, por onde andaram, força moral para legalizar a família.

Se não conseguiram legitimar a mais famosa das uniões de amor de Pernambuco, é porque lá chegaram tarde. Quando lá chegaram Jerônimo de Albuquerque já se havia casado com Felipa de Melo, que os monarcas portugueses lhe enviaram de Lisboa. Tivessem chegado mais cedo e o leito legítimo não seria outro senão o da linda filha de Arcoverde.

OS FILMES BRITANICOS NA AMERICA

Sir Stafford Cripps, presidente do Board of Trade, declarou aos representantes da indústria cinematográfica que, se puderem competir lícitamente na América, os filmes britânicos poderão se tornar um grande fator de ajustamento das diferenças entre a quantia obtida pelos filmes americanos na Grã-Bretanha e a quantia obtida pelos filmes britânicos na América.

"Achamos que o intercâmbio implica em reciprocidade. No momento atual, o volume de filmes americanos que chegam à Grã-Bretanha — alguns dos quais, para dizer o mínimo, nenhum americano poderia dizer que pertençam à categoria dos "melhores", — mostra que o dinheiro que se faz, em qualquer exibição, é pelo menos 10 a 20 vezes superior à quantia obtida pelos filmes britânicos na América, a despeito do fato de que a América deve ter pelo menos quatro vezes tantos frequentadores de cinemas quanto nós.

Esta não é a nossa concepção de reciprocidade — e é algo que devemos remediar".

Sir Stafford Cripps declarou ainda:

"Devemos ter em mente que é também importante a questão do volume dos filmes britânicos. Não desejamos que a qualidade sofra da quantidade. Esperamos que, em 1946, possamos elevar o nível de produção até 60 ou 80 películas, em comparação com 30 em 1946".

NOVO AUMENTO NAS EXPORTAÇÕES DE CARROS BRITANICOS

Os carros britânicos estão sendo exportados, agora, à razão de cerca de duas vezes o total de 1933, enquanto as exportações de veículos comerciais aumentaram cerca de cinco vezes.

Isto é o que revelam as estatísticas do comércio exterior do Reino Unido referentes ao mês de novembro de 1946.

Durante esse mês, o valor dos carros e dos "chassis" enviados para ultramar foi de mais de 2,73 milhões de libras, em comparação com 2,5 milhões em outubro. As exportações de veículos comerciais foram avaliadas em 2,35 milhões de libras, em comparação com 2,08 milhões em outubro.

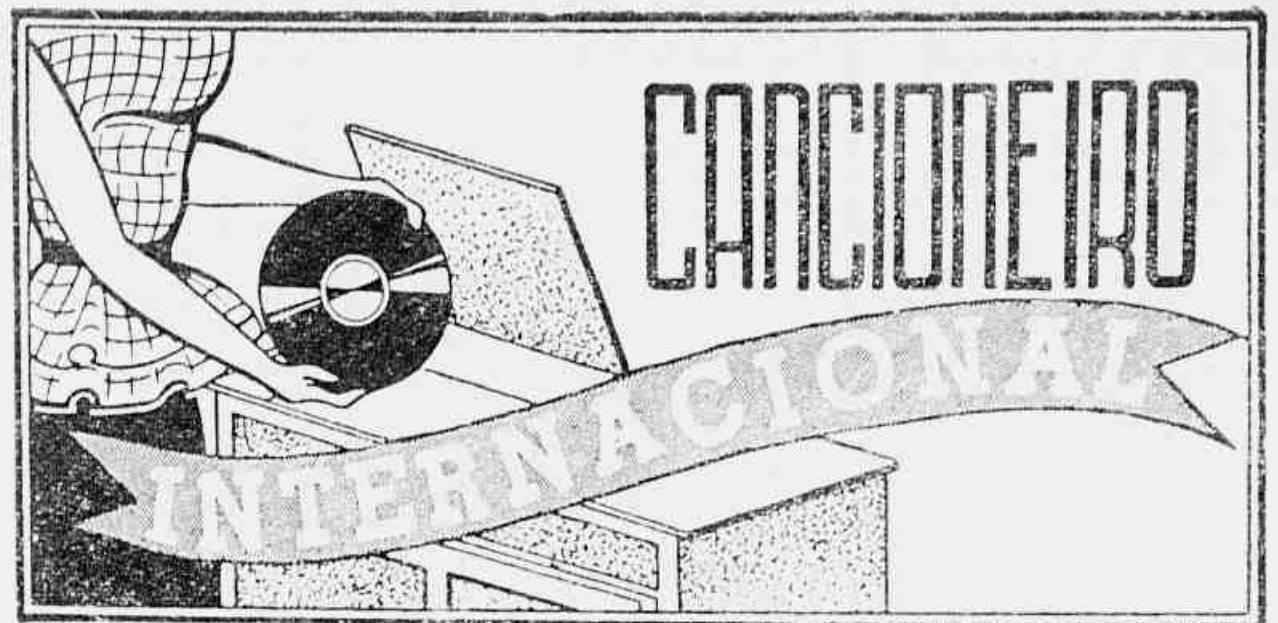
O volume dessas exportações, em novembro, foi de 10952 carros e "chassis" (a média mensal de 1933 era 5.634) e de 5.472 veículos comerciais (a média mensal de 1933 era 1.190).

A DUPLA TAREFA DOS ESTALEIROS BRITANICOS

Um dos característicos mais notáveis do ano de 1946 na indústria de construção naval foi a maneira pela qual os estaleiros britânicos se comprometeram com encomendas a despeito dos seus grandes compromissos nacionais.

Durante esse ano, a indústria realizou a tarefa paralela de restaurar a frota mercante britânica — nos fins de novembro tinha-a aumentado para 16.533.000 toneladas — e de construir novos navios para vários países do mundo. Desincumbindo-se desta última tarefa, os estaleiros britânicos também ajudaram a restaurar as frotas mercantes dos aliados.

A Noruega, por exemplo, tinha um total de 56 navios, ou 220.000 toneladas, em construção nos estaleiros britânicos, em outubro passado. O valor dos contratos colocados por Portugal na Grã-Bretanha, o ano passado, se aproxima de 10 milhões de libras.



A ORDEM É RESSONAR

O contrato, ora em vigor, entre a Federação Americana de Músicos e as Fábricas de discos norte-americanas, terminará a 31 de Dezembro próximo. Numa de suas cláusulas, esta prevista a contribuição de uma percentagem sobre a venda de discos, em favor do tesouro daquela poderosa associação. Acontece que o Congresso americano votou determinada lei, mediante a qual as fábricas não mais estarão sujeitas a essa contribuição. A Federação, porém, não está disposta a abrir mão da mesma e, por isso, notificou as empresas gráficas de que, a partir de 1.º de Janeiro do próximo ano, os seus associados não mais gravarão, se não for mantido o atual estado de coisas. Como se sabe, as uniões e associações de classe norte-americanas costumam desair o próprio governo, sendo que as suas decisões são cumpridas com o maior rigor, por todos os associados. É esta a situação atual, segundo as últimas notícias recebidas. Nenhum disco será, pois, gravado a partir da referida data. Nem por isso, o mundo virá abaixo e nem tampouco apareceram por lá os deuses retardatários da cultura musical, como esses que por aí andam combatendo de oitiva a criação do seio de circunação sobre o disco estrangeiro. Enquanto isso, nos domínios do nosso Sindicato de Músicos Profissionais, a ordem é ressonar...
E. CORREIA DA SILVA

I GOTTA RIGHT TO SING THE BLUES

For de Ted Koehler e Harold Arlen. — Do filme DARK PASSAGE, da Warner.

I gotta right to sing the blues.
I gotta right to feel low down;
I gotta to hang around,
Down around the river.
A certain man in this old town,
Keeps draggin' my poor heart around;
All I see for me is misery,
I gotta right to sing the blues.
I gotta right to moan and sigh,
I gotta right to sit and cry;
Down around the river,
I know the deep blue sea will soon
be calling me.
It must be love, say what you choose.
I gotta right to sing the blues.

BODY AND SOUL

For de Edward Heyman, Robert Sour, Frank Eyton e Johnny Green.

My heart is sad and lonely,
For you I sigh, for you, dear, only.
Why haven't you seen it?
I'm all for you, body and soul!
I spend my days in longing,
And wonder why it's me you're
wronging;
I tell you I mean it,
I'm all for you, body and soul!
I can't believe it,
It's hard to conceive it!
That you'd turn away romance,
Are you pretending;
It looks like the ending,
Unless I could have one more chance
to prove, dear,
My life a wreck you're making,
You know I'm yours for just the taking,
I'd gladly surrender myself to you,
body and soul!

TE ESPERABA

Bolero de Claudio Ferrer.

Chegas como un sol para alumbrar mi vida
Y curar la herida herida que había en mi corazón...
Chegaste como el Dios de mi fe y mi destino
para con tu cariño embriagarme de amor.

Te esperaba...
Te esperaba angel mío,
presentia que tu habias de venir.
Te esperaba
como espera la madre
el regazo del hijo querido,
como esperam ansiosas
as violetas y las rosas
la llegada abril...
Te esperaba...
Y no se por que te presentia,
pues algo me decia
que tu habias de venir.

Blues de Carlos Gómez Barrera.

Quando en tus ojos no pueda mirarme
como ahora me miro...
Quando en tu cara no pueda extasiarme
como hoy me extasio...
Quando a mis frases ardientes
tan sólo respondas el vacío,
toda mi vida y toda mi alma
será un gran suspiro.
Quando en las noches puntual como
siempre
acuda a la cita
y en vano espere con ansia infinita
que llegues también,
un pensamiento tan sólo tendré,
el que la muerte se apiade de mí,
porque la vida sin tu amor
no quiero...

QUE ME VAN A HABLAR DE AMOR!

Tango de Homero Espósito e Hector Stambouli.

Yo he vivido tumbos
rodando por el mundo
y haciéndome el destino.
Y en los charcos del catalán,
la experiencia me ha ayudado
por baquiano, y por que ya
comprendo que en la vida
se cuidan los guapos
andando de roudins.
Por eso,
me están soltando las conchas,
que en las cosas del amor
aunque tenga que aprender,
nada sabe más que yo.

Yo anduve siempre en amores
que me van a hablar de amor!
Si ayer la quise, que importa
que importa si hoy no la quiero!
Eran sus ojos de cielo
el ancla más linda
que ataba mis sueños,
era mi amor, pero un día
se fué de mis cosas
y entró a ser recuerdo.
Después rodé en mil amores
que me van a hablar de amor!

I Bis

Muchas veces el invierno
me echó desde la ausencia
la soga del recuerdo.
Y yo siempre me he saltado
como un pato mal donado
por mañero, y porque yo
que anduve enamorado
rompió como una rosa
las cosas del pasado
Y ahora,
que estoy viviendo en otra aurora,
no me expliques el amor
que aunque tenga que aprender
nadie sabe más que yo.

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, tédio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de cada enfermidade. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

A VIDA DE PLATÃO

(Cont. da pág. 53)

tura. Sob a orientação de mestres adequados, a criança normal apreciará tanto a ginástica espiritual quanto os exercícios corporais. Há-de uma escola, portanto, ser um ginásio mental, um campo de recreio intelectual onde as crianças procurem exceder-se umas às outras no desporto fascinante da troca de idéias.

Tal, portanto, há-de ser a educação na República até à idade de vinte anos. Depois disso, realiza-se uma grande monda. Os incapazes de educação ulterior são relegados para a classe mais baixa — isto é, granjeiros, lavradores e homens de negócios. Estes constituem o componente inferior do Estado.

Os que continuaram após a eliminação desse componente inferior devem prosseguir em seu adestramento. Durante os dez anos seguintes — isto é, dos vinte aos trinta anos de idade — há-de empreender o estudo das ciências: aritmética, geometria e astronomia. Essas matérias, no entanto, devem ser estudadas mais por motivos de ordem estética que de ordem prática. Platão considerava aquém da dignidade dos melhores cidadãos de sua República a utilização da aritmética no comércio, na construção de pontes, ou na feitura de máquinas. A esse respeito não diferia dos outros gregos de seu tempo, que não se interessavam pelas invenções mecânicas ou pelo progresso material, preferindo a especulação abstrata ao conhecimento concreto. O estudo dos números, segundo Platão, servia apenas para duas coisas — permitir ao filósofo entrever a unidade real através da diversidade aparente das coisas e permitir ao comandante militar dispor os seus soldados em pelotões, companhias e regimentos. São, portanto, os filósofos e soldados os únicos que necessitam de um estudo extensivo da matemática.

Completado o estudo das ciências aos trinta anos, realiza-se segunda monda. Os que não lograram aprovação no exame para um treino ainda mais elevado devem reunir-se numa classe média — os soldados. Destinam-se à guarda do Estado. Desempenham os soldados um papel muito importante na República de Platão. Consagram-se a formar não uma força agressiva mas um poder defensivo. Platão odiava a guerra, mas compreendia que a melhor maneira de desencorajar um invasor ameaçante era patentear-lhe diante dos olhos a contra-ameaça de uma espada invencível.

Temos, pois, em sua República, uma classe média de soldados — ou, como lhes chama Platão, guardiões — em adição à classe mais baixa de granjeiros, lavradores, e homens de negócio. A classe mais baixa, recordamos, consiste nos que foram eliminados aos vinte anos, por inferioridade espiritual. A classe média, abrange todos aqueles que, aos trinta anos, demonstraram-se incapazes

de ulterior desenvolvimento mental. Os de mentalidade superior, que persistem após as duas eliminações, estão, agora, prontos para encetar o estudo da filosofia. Têm trinta anos de idade. São estes os homens e mulheres que serão exercitados para dirigir o Estado. Na República de Platão, como vimos, há igualdade completa entre os sexos. Recebem o mesmo treino, e permite-se-lhes alcançar as mesmas posições, quando aptos a iniciar a grave tarefa da vida. Após um curso de cinco anos de filosofia, estes homens e mulheres escolhidos, terminam o seu preparo teórico, mas não terminam a sua educação prática. Devem passar por um curso posterior de bom governo. Devem descer das alturas de sua contemplação ao mundo desordenado da vida cotidiana. Devem experimentar o "sabor" da vida antes que se lhes permita tomar parte em sua direção. Por quinze anos há-de envolver-se em mistérios práticos até que, aos cinquenta, estejam, finalmente, prontos para assumir o papel de filósofos-reis. Porque, na República ideal, somente o filósofo é digno de ser o dirigente. "A não ser que os filósofos se tornem governantes, ou os governantes estudem filosofia, não se porá termo às aplicações dos homens."

E em que aspecto o filósofo se diferencia de seus semelhantes? Por sua habilidade, em compreender a Idéia perfeita de Deus, da qual é o mundo material apenas uma cópia imperfeita. A Idéia de Deus, o Divino Segrêdo da vida, é como luz brilhante no céu. Mas os nossos espíritos comuns são, aqui embaixo, pedaços de defeituosos espelhos nos quais se parte a Idéia em reflexos turbos, grotescos e irreconhecíveis. Tem o filósofo, por fim, o polir e dar forma ao espelho do seu espírito afim de receber uma clara imagem da Idéia de Deus, do Divino Segrêdo, da Luz da Razão que dirige as estrelas nos céus e os problemas dos homens. E, tendo recebido esta clara indicação do propósito de Deus, cabe ao filósofo, em seguida, a tarefa de incorporá-la ao melhor governo possível para o seu Estado ideal.

Porque o Estado ideal deve sempre ser governado pelos melhores. E, na República de Platão, são os filósofos, ao mesmo tempo, pelo adestramento e pela habilidade natural, os "escolhidos de entre os melhores" homens e mulheres que o Estado foi capaz de produzir. Formam esses filósofos dirigentes a classe mais alta, cumprindo, às outras duas classes, obedecer-lhes em todas as ocasiões. Afim de assegurar a honestidade desses funcionários públicos não haverá entre eles propriedade privada. Tudo possuirão em comum. Tomarão as suas refeições em refeitórios públicos, e dormirão juntos em alojamentos. Não tendo interesses pessoais, estarão a coberto do suborno e terão uma única ambição — estabelecer e perpetuar a justiça entre os homens.

V

Conhecemos, agora, a estrutura completa de nosso Estado ideal. Inseriremos-lhe nas portas. "Esta é a Cidade da Justiça", e penetremos nela afim de que possamos examinar alguns dos seus traços mais interessantes. Em primeiro lugar descobrimos que os filósofos governantes expulsaram desta cidade o seu poeta épico, Homero, juntamente com o seu sistema pagão de politeísmo. É um insulto à inteligência deles acreditar nas narrativas infantis acerca dos deuses Olímpicos a pavonearem as suas tôlas fraquezas humanas no decorrer das páginas da *Iliada*. A religião deve ser purificada de todos os seus mitos selvagens e milagres supersticiosos. Devemos conservar, apenas, a religião compatível com a razão humana.

Isso quanto ao tratamento dispensado aos deuses na República de Platão. Que há sobre as relações entre homem e homem? Essas relações baseiam-se todas na estrita observância de uma conduta imparcial. Os negócios são considerados como degradantes, porque a afiação Platão — não pode um negociante, ao mesmo tempo, prosperar e ser honesto. Os criminosos, na República de Platão, são considerados como objeto de piedade. Sua atividade é reprimida, não punida, pois a maldade é o resultado da ignorância. Se um homem comete um crime, ia-lo porque não foi convenientemente educado. É uma criatura digna de dó que não compreende nem os próprios interesses nem os interesses de seus semelhantes. Não se pode tornar dócil um cavalo violento açoitando-o, e não se pode abrandar um homem anti-social simplesmente tratando-o como um réprobo. Se um criminoso é louco é mister curar-lhe a loucura. Se ignorante, é mister ensiná-lo. Arraze-se o crime com o remédio da

sabedoria, mas não se flagele o criminoso com o chicote da vingança.

A enfermidade física, como a enfermidade moral, é devida à ignorância. Uma educação adequada eliminará as doenças em larga escala. Aos que, entretanto, se encontram incuravelmente doentes, deve-se permitir, misericordiosamente, que morram. Porque a morte rápida é preferível a uma longa enfermidade.

Os advogados na República de Platão são um mal desnecessário. Onde há conhecimento não há possibilidade de litígios. As leis que governam o povo são poucas, numerosas e de fácil interpretação, pois os dirigentes do Estado sabem que cada lei nova traz em si a semente de uma nova classe de contraventores. Esses dirigentes ensinam os cidadãos a governarem-se a si mesmos, de sorte que a necessidade de policiá-los se reduza ao mínimo.

A principal tarefa do governo na República é assegurar a felicidade dos governados, dar-lhes saúde, contentamento e lazer. "Dai-me saúde e concedei-me um dia", escreve o platonista Emerson, "e tornarei ridículo a pompa dos imperadores." Saúde, contentamento e um dia — um dia de beleza azul e dourada que dura a vida inteira — é esta, para Platão, a soma da felicidade humana. Uma vida de beleza, uma vida de justiça, uma vida de amor. Essas três palavras, — beleza, justiça, amor — são quase sinônimas na filosofia de Platão. O homem bom, o homem feliz — pois ser bom é ser feliz — é o homem justo, o homem harmonioso, o homem cujas qualidades de caráter perfeitamente afinadas executam sempre a nota certa na sinfonia da cooperação social. Esse homem ideal da República ideal de Platão é consagrado à criação da beleza, seja em sua prole viva, seja em obras de arte ou em nobres feitos. Porque a beleza é a contra-senha da imortalidade. Ao criar uma obra de beleza vencemos a morte.

VI

Tal era o sonho filosófico de Platão, o sumo sacerdote da religião da Beleza. Ele construiu uma cidade de super-homens, dedicou-a a seu padrinho Apolo, o Senhor da Luz, e colocou-a entre as estrelas para que nela os arquitetos do futuro vissem o modelo para as suas próprias tentativas de aproximar a terra do céu.

Não se satisfaz Platão, todavia, com a simples criação de um sonho. Como o filósofo chinês Confúcio, tentou pôr em prática as suas teorias filosóficas. A convite de Dionísio foi a Siracusa e procurou mostrar a esse monarca a maneira de governar como homem sábio. Dionísio, entretanto, era apenas rei e não filósofo. Ameaçaram-no algumas idéias radicais de Platão e ele ameaçou este último de morte. Por intercessão de alguns amigos de Platão, entretanto, poupou-lhe a vida, mas vendeu-o como escravo. E assim, Platão, ao invés de transformar Dionísio num rei-filósofo, foi por ele transformado num filósofo-escravo.

Felizmente para Platão, o homem que o comprara para a educação de seus filhos, não era apenas amante da sabedoria senão também amante da justiça. Pôs Platão em liberdade e permitiu-lhe que se recolhesse a Atenas. Ao voltar para a sua cidade natal, recebeu Platão uma carta em que Dionísio lhe pedia desculpas. O episódio todo, explicou o tirano, fora um terrível engano e ele, portanto, esperava que Platão o perdoasse e não fizesse mau juízo a seu respeito. A essa carta respondeu Platão desdenhosamente: "Estou muito ocupado com a minha filosofia para perder tempo pensando em Dionísio."

Durante muito tempo continuou suas calmas conversações filosóficas no jardim de sua Academia — conversações que eram como um discurso celestial. Em verdade, "se Júpiter descesse à terra, falaria no estilo de Platão." Platão, no entanto, era um Júpiter mortal. Um dia, em seu octogésimo-primeiro ano, estava presente à festa nupcial de um jovem amigo e fatigou-o o barulho que faziam os folgazões. Pedindo que o desculpassem, foi para um outro quarto "afim de tirar uma soneca", como disse. A festa tornou-se cada vez mais barulhenta. Os convivas esqueceram-se do velho e cansado filósofo que procurava descansar no meio de toda aquela confusão.

Horas depois, pé, ante pé, o noivo entrou no quarto contíguo para ver como estava o mestre. Platão dormia profundamente. Os insignificantes ruídos do mundo já o não perturbavam. O filósofo-rei, o rei dos filósofos, fora, por fim, chamado a entrar na pacífica República da Morte.

(Do livro "Vidas de grandes filósofos")

RESPOSTA AOS CONSULENTES

(Cont. da pág. 41)

nheiro para continuar a estudar. Bem o sabemos, mas para estudar não é preciso ir para o colégio. Será bom que, nesta fase, você arranje um serviço que lhe deixe algumas horas livres, ou pelo menos desocupadas. Por exemplo: ajudante de garçom, porteiro de edifício, guarda de casas "gráficas", etc.

Nas horas desocupadas você procurará ler o mais que puder, frequentando bibliotecas, tentando desenvolver por si mesmo os seus conhecimentos. Depois, veja se consegue uma folga para frequentar uma aula de datilografia. Em três meses, perdendo uma hora por dia apenas, e pagando pelo curso uma ninharia, você aprenderá a escrever a máquina. Com esse conhecimento você poderá arranjar um empreguinte num escritório.

Quando o tiver arranjado, matricule-se numa escola. Terminado este, você estará apto a obter uma posição firme na vida.

Depende tudo de você, "Cão sem dono". Se você ficar parado, chorando o que já se foi, nunca progredirá. Se escutar o que lhe dizemos, temos a certeza de que, não demorará muito, já terá conquistado tudo o que ambiciona. Coragem, portanto, e para a frente! Sempre que tiver alguma dúvida ou necessitar de um conselho, volte a escrever-nos, que aqui encontrará sempre o calor da nossa amizade.

CONFIDENTE

Aos leitores que tiverem algum problema, algum caso para cuja solução desejem o auxílio da nossa experiência, poderão escrever-nos sob pseudônimo para este "Muro", aos cuidados da "REVISTA DA SEMANA", que teremos a maior boa vontade em atendê-los.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA



— Que regra é essa?



Passavam na beira do rio...



Bradd sorria, falando baixo...

Aquela chegada a Grand Republic, no começo de Janeiro, quando despontava o sol após a nevasca; a sra. Higbee na porta, à espera; as flores que chegaram de Bradd Criley; a batelada de cocktails apresentada por Queenie Havock; a expressão de Jinny à vista da velha Bergheim; combinou tudo tão bem com a expectativa de Cass que ele chegou a se aborrecer. Não houve uma só novidade! E chegaram contentes, para encontrar a cidade em pleno regime de guerra. Eino Roskinen e os outros moços do grupo de Jinny estavam já em uniforme. As matronas da alta sociedade estavam já brigando pela liderança dos serviços femininos de auxílio aos combatentes. Jinny entrou em atividade também, e ganhou uma nova adoração de Cass por sua recusa em se mudar de Bergheim. Ela falou assim: — Todos os seus amigos estão esperando que a infantil espo-

sa declare guerra aos velhos fantasmas da casa, e é nossa obrigação lográ-los!

Cass teve afinal oportunidade para completar a instrução de Jinny no xadrez, a que ela se entregou com capricho mas desordenadamente. Ardentes discussões surgiram quando ela era informada de que não podia fazer determinado lance, "porque é a regra!" — Que regra é essa? — perguntava Jinny, e a batalha estava iniciada. E Cass adorava esses momentos.

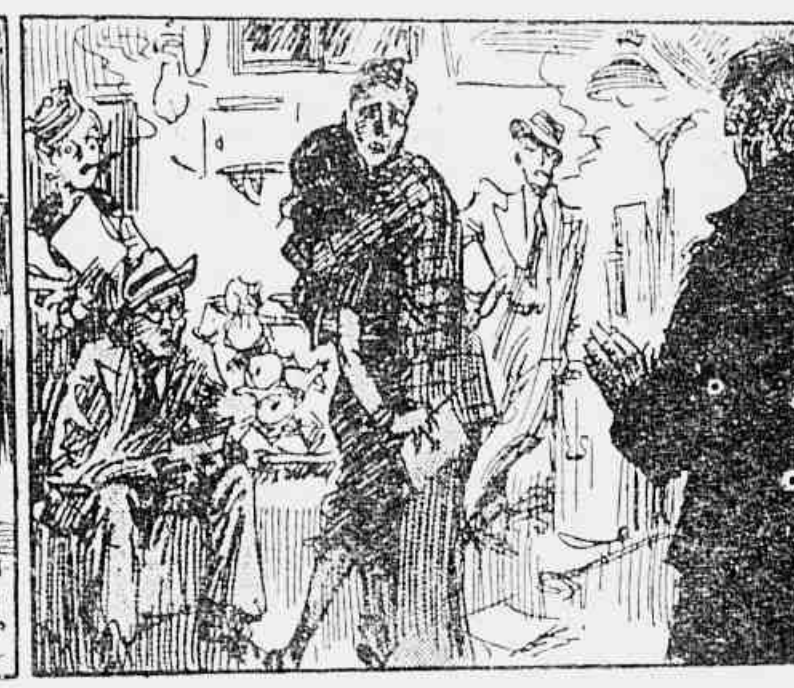
Ele sempre vinha correndo para Jinny após cada dia de trabalho no tribunal, e ela corria para ele após cada dia de trabalho de guerra. E ele sempre a encontrava com uma nova alegria, com uma nova chama em seu amor. E ela o encontrava, sempre admirada que um homem tão circunspecto pudesse adorá-la assim com tanto ardor. E nas noites de inverno eles passeavam pela

margem do rio, caminhando sobre a terra nevada. Voltavam cansados para casa, iam um pouco ao lado do fogo e depois faziam uma partida final de xadrez. E o seu amor marchava firme e tranquilo.

Por Cass, Jinny fora aceita pelas matronas. E um dos jantares foi-lhes oferecido pelo casal Drover, com a presença de Chris Grau. Chris se aproximou e encarou Cass... sem ternura ou desagrado... apenas o encarou com firmeza. Cass pediu a Lillian Drover: — Você pode sentar Jinny ao lado de Bradd Criley? Ele a entreterá bastante. E eu, posso ficar ao lado de Chris? Preciso fazer as bases com ela. — Assim foi feito e Cass ouviu de Chris essa declaração de paz: — Ame-me em Jinny, sim? — E ele observou Bradd e Jinny, satisfeito pela maneira como o rapaz a divertia. Bradd falava baixo e depressa, e sorria... o bom velho Bradd, pensou Cass.



— E' claro que não farei isso!



— Nimbus, você agora para com isso!



— Chega, Jinny, — intimou ele.

Cass ainda não conseguia entender porque Jinny, que tinha poucas ocupações além de mandar a sra. Higbee fazer isso ou aquilo, vivia agora preguiçosa, vã e irritadiça. Mas compreendeu tudo em Março, naquela tarde em que entrando em casa deu com uma moça alegre dançando feliz em torno da sala. — Querido, Greg Mari... ve'a só!... ele quer que eu volte a trabalhar para ele. O novo caricaturista foi convocado.

— E você pretende aceitar?
— Por algum tempo, creio que quero sim.
— Falaremos sobre isso na mesa. Deixe-me pensar um pouco antes, sim? — Ele não podia proibi-la, mas ao jantar, quando ela revelou que Mary a queria também para reportagens, de modo que ela viria sempre mais tarde para casa... Cass ficou deprimido. — Será que as mulheres devem aceitar serviços mesmo quando eles venham a perturbar os homens que elas amam... ou pelo menos os homens que as amam?

— Oh, não fique zangado assim, querido! E' claro que não farei uma coisa dessas! — E Jinny correu em volta da mesa para beijar-lhe os cabelos, o que foi muito satisfatório para Cass e para a atenta Cleo. E assim, durante o resto da noite, ele procurou mostrar-se generoso, embora dominador, se bem que intimamente triste pela certeza de que ela estaria pronta para contrariá-lo.

As coisas continuaram suaves por algumas semanas. E então Jinny começou a se interessar pelo teatro. E quando conseguiu o papel principal de uma peça a ser encenada pelo grupo local de amadores, ficou excitada e toda feliz. Cass amou-a ainda mais intensamente porque ela não percebia como interpretava mal, e era quase nem atenta para o homem com quem contenciosamente na sua ansia de voltar ao lar para assistir o primeiro ensaio, a realizar-se nos vastos porões de Bergheim. Ele chegou para ver Fred Nimbus, o genio do rádio e astrô-

do grupo teatral, "ensaiando" uma cena com Jinny. Fred beijava-a lentamente, apertando-a muito contra si, quando Cass falou: — Nimbus! Você para com isso, agora! — Nimbus parou. E Cass dirigiu-se a Rice Helix, o diretor: — Não é necessário que esse camarada, num simples ensaio, se emocione desta maneira. Agora contínuem, e você comporte-se, Nimbus! Vou lá para clamar um pouco.

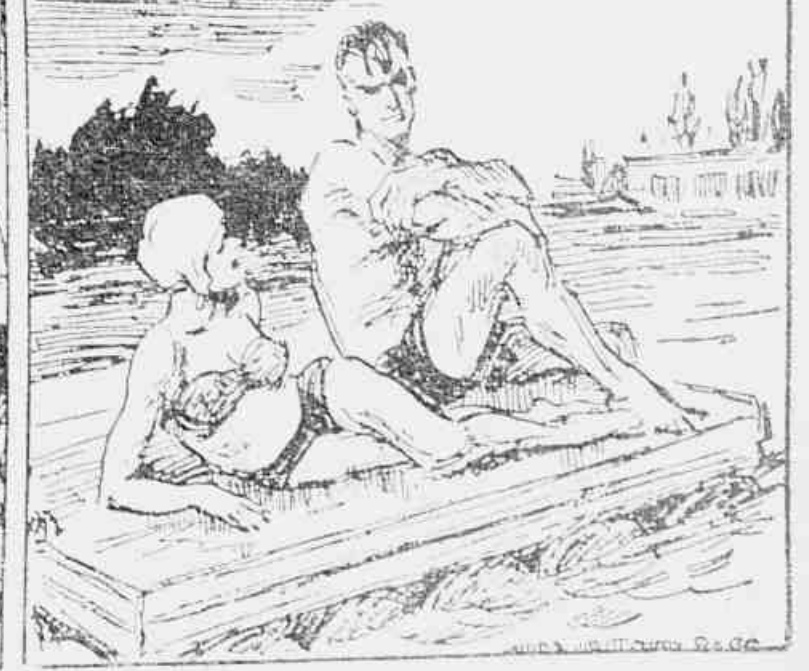
Quando Jinny subiu mais tarde, após o ensaio, entrou falando: — Bem, que ne... — E Cass cortou logo: — Chega, Jinny. Eu conheço o refrão... marido chumbado interferindo na arte. E não quero saber disso. — Cass viu. — Fiz barulho, concedo, mas você dois estavam mesmo pedindo barulho. E agora... beije-me. — Ela resmungou um pouco e o beijou com surpreendente desvio. Mas ele sabia que aquilo não havia de durar muito.



Cass amava os momentos em que remavam no lago.



Prezava olhar para trás, vigiando...



— Querida, não estou com ciúmes de Jay, mas...

Uma vez resolvido o caso de Fred Nimbus, Cass notou que era com o galante Jay Laverick que Jinny ria pelos cantos, e, nos intervalos das cenas, dançava rumba. Laverick era o palhaço e o bêbado da cidade, um viúvo rico de quarenta, pálido e pervertido. Cass ficou novamente perturbado... já cansado daquilo!

Quando finalmente a peça foi encenada no palco da escola, fez muito sucesso e foi considerada como acontecimento social.

Para o verão, Cass e Jinny alugaram uma cabana à margem do lago Dead Squaw. E Cass adorava momentos como aquele, em que ele e Jinny remavam mansamente pelas águas debruadas de árvores, sob um amplo céu de sol que os fazia baixar a voz de tanta solidão. O refúgio dos Timberlane, no entanto, era próximo ao da-

queles solteiros profissionais, Bradd Criley e Jay. A calma colônia de verão reunia quase todos os seus amigos, mas, para tristeza de Cass, era Jay quem Jinny achava mais divertido. E numa tarde de domingo eles estavam passeando. Cass na frente com Roy Drover e Jinny atrás com Jay. Cass não podia deixar de olhar para trás, de vez em quando, espionando a dupla. Iam os dois de braços dados. Ele viu Jay acariciar a mão de Jinny, que a retirou logo, mas não com a rapidez necessária. — Cass pensou: "Querida Jinny, não seia tola. Você assim acabará numa situação bem desagradável." Mais tarde, depois da partida de Roy e Jay, Cass e Jinny nadaram até o futuro. Lá, foi mais fácil para ele desabafar. — O'ha, meu bem, eu não estou com ciúmes de Jay, mas ele tem andado demais por aqui. E ele sem-

pre insiste até que alguém o repita. Você não quer fazer isso para mim?

— Oh, francamente! Apenas porque gosto de jogar tênis com ele e acho a prosa dele engraçada.

— Eu conheço todas as virtudes dele muito melhor que você. Mas você sabe, como eu sei, a espécie de homem que ele é. E quero que você mesma diga a ele que pare de bancar o Casanova por aqui!

— Oh, querido, é claro que o farei, uma vez que você o deseja; mas acho que ele não tem essas intenções para cima de mim. — Mais tarde, ela acrescentou: — Você tem razão. Vemha simples e objetivamente. — Naquela noite Cass dormiu calmo e descansado, curtindo o vento que açoitava os pinheiros, lá longe, ao norte do lago.

"CASS TIMBERLANE"

Este folhetim continua
na próxima semana,
nestas mesmas páginas.

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate
Tradução de JORGE A. FORTES



Jinny e Cleo desceram da árvore...



— Não me largue um só instante!



Bradd recuou. — Não foi a sério...

Jinny despachou Laverick com tremenda eficiência no baile do Iate Clube, quando disse em voz alta: — Ora sr. La-ve-ri-ck, então o senhor está tentando me cortejar? Volte ao seu lugar, seu tipo ordinário. — Laverick foi diretamente para o bar. Cass ficou satisfeito. Ele disse a Bradd: — Gostaria que você falasse com Jay. Ele anda muito à volta de Jinny.

— Claro que o farei, — asseverou Bradd. — Sempre gostei de Jinny como um tio, e também quero protegê-la. E foi pouco depois que Cass ficou rico... para ele, pelo menos. Voltou um dia da cidade e entrou berrando por Jinny, que se despençou com Cleo de uma árvore. Ele então perguntou: — Você acha que 110 mil dólares é dinheiro? — Jinny achava. E Cass lhe disse que tinha aquela quantia, resultante da venda de algumas coisas deixadas por seu pai. Mas aquela riqueza inesperada

teve seus máus resultados, também. Cass relutou em abandonar Berghelm, para comprar uma casa nova e moderna. E enquanto a nova moradia estava sendo feita, ele levou Jinny para o seu primeiro passeio a Nova York. Saltaram muito excitados e confusos na grande Estação Central. Jinny agarrou-se ao braço dele e ficou bestificada. — Veja! Lá em cima! Deve ser o Edifício Empire State, ou o Wrigley, ou outro qualquer! Oh, como são altos! Nunca me senti tão pequena. Não me largue, sim, Cass?

Mas em poucos dias já Nova York não se apresentava tão agradável. O ritmo da cidade os alucinava... as vistas rígidas, o ruído intenso... Os inúmeros criados enfarpelados. Aos poucos eles desanimavam. E então, uma tarde Cass atendeu o telefone e logo gritou para Jinny: — Jinny! E' Bradd Criley! Está na cidade e vem

para cá! Ela cantarolou: — E' a melhor coisa que já aconteceu na minha vida!

E Bradd chegou como uma brisa fresca. E Bradd se encarregou de tudo. E veio um ropídio louco de teatros, night-clubs e festas... a última delas num apartamento maravilhoso... e quando Jinny saiu para o terraço, afim de ver Nova York ao alvorecer, Bradd falou-lhe no ouvido: — Nova York pode ser bela...

— E', e eu não sabia, até que você mostrou-me essa beleza. — Bradd beijou-a, e, grata, ela correspondeu sufregamente. E ele recuou: — Isto não foi a sério, hein, Jinny? Sou apenas como um irmão para você, não é?

— E'! — Quando Cass saiu para o terraço ficou satisfeito por vê-los tão felizes...



— Nunca pensamos que a morte nos possa atingir...



— Cass, estou muito doente!



— Agora, conte-me tudo direitinho...

De regresso a Grand Republic eles mudaram-se para a casa que era muito alegre, confortável e moderna. Estavam casados há exatamente um ano e quando souberam que Jinny ia ter uma criança, ela disse: — Se for menino quero que se chame Owen, por causa de seu pai. E se for menina... eu tive uma tia Emily... muito boa, mas terrivelmente ranzinza. — Jinny estava calma e Cass feliz. Bradd Criley um dia disse a Cass, na presença de Jinny: — A nossa pequena está mais linda que nunca. Como eu invejo vocês dois!

Os três se encontravam com muita frequência. Após o jantar de Natal dos Timberlane, sentaram-se os três nas poltronas, bem servidos de peru e clarete. E o locutor do rádio anunciou: — Um dos nossos melhores rapazes, Eino Roskinen, foi morto no Pacífico...

Cass procurou consolar Jinny, que se lamentava: —

Nós nunca pensamos que a morte nos possa atingir...

— E então, no silêncio, Cleo tropeçou na mesinha e derrubou a pequena Isis. Quebrou-se uma das pernas da pequena mascote e Jinny mostrou-a a Cass, chorando mais ainda. Quando a vida do lar voltou à rotina, Cass deu para pedir aos amigos que aparecessem, para distrair Jinny. E Bradd foi um dos mais atenciosos... um amigo fiel, alegre e prestativo.

Naquela tarde de março Cass chegou em casa antes de Jinny. Ouvindo-a na porta, levantou-se para vê-la entre os portais, amparando-se, a indecisão na face, não uma jovem esposa mas simplesmente uma mulher alarmada. — Cass! Estou doente, estou muito mal; e não é só pelo bebê que posso morrer... O dr. Drover explicou ela, descobrira que ela estava com diabetes. Mas não era coisa séria. Por enquanto, pelo menos, ela não

necessitava de insulina. Mas Jinny estava furiosa por

idéia de ser tratada como inválida. Cass ficou intimamente aterrorizado. Gritou para a sra. Higbee que trouxesse um pouco a fanta e trouxesse dois martinis, depressa. Deitou Jinny num divã e implorou: — Agora conte-me tudo direitinho...

— Talvez não seja tão grave, — disse ela. — Talvez eu viva até os noventa. Mas por que não posso morrer de alguma coisa romântica, como as heroínas de histórias? — Cass jurou que cuidaria dela, que responderia: — Sim, eu vou chorar o tempo todo e preciso do seu amor! — Mas, Jinny estava em pânico. E ele concentrou-se no temor dela, sem querer pensar no seu próprio. Enquanto ela viesse a morrer, matando a sua vida com a dela...



— Nossa obrigação é mantê-la alegre...



Era tudo uma fantasia...



Muito depois, Jinny ainda chorava...

Jinny se acalmou um pouco durante o jantar e depois Cass mandou chamar Bradd, sempre tão útil nestas situações. E o velho amigo nunca foi tão admirável do que quando sentou-se perto da cama e cuidou daquele duplo terror. — Não há razão para tanto medo, — disse ele. — Nosso único trabalho, Jinny, é mantê-la alegre como um passarinho... — Jinny recusou-se a ter enfermeira, e nas semanas seguintes resolveu, com falhas, "tomar conta de si mesma". Cass no entanto, estava preocupado, com um medo horrível que ela viesse a morrer. As vezes Jinny estava triste, temerosa, agarrando-se com ele. Outras estava irritada, não conformada com a doença e saltava ferozmente sobre Cass, que procurava acalmá-la. Cass começava a temer que eles só pudessem ter paz com a presença de Bradd, mas assim mesmo mandava chamá-lo. E foi numa noite de Junho que um gemido vindo do quarto dela o despertou

em sobressalto. Ela sorriu e pediu: — Quer telefonar para o doutor? Que horas são?

— Agora mesma... Dezesete para as três...

— Emily é uma menina tão sem consideração...

Nada era real, era tudo uma fantasia na friagem da noite. Cass envolveu-a num cobertor e levou-a nos braços para o carro. E naquele instante ele a amava tanto que não podia de modo algum expressá-lo.

Em poucos minutos estavam no hospital, já sob os cuidados de Roy Drover. E amanhecia quando Roy aceitou para a enfermeira: — Leve-a para dentro, agora. — Ele nem mesmo olhou para Cass, que marchava no corredor, para cima e para baixo.

Cass não ouviu choro de recém-nascido, não ouviu palmas, nada do tradicional movimento de um parto feliz. Roy saiu na frente e Jinny passou na maca. — Menina, — disse Roy, — Não está respirando da ma-

neira que eu gosto. Talvez precise operar.

— Como está Jinny? Como está ela? Como está ela?

— Oh, ela ficou boa. — E estavam os dois ao lado da cama, quando Jinny perguntou: — Onde está minha menina, Roy?

— Num minutinho você vai vê-la, meu bem.

— Emily, minha querida filhinha. Agora sim, vou viver realmente.

A enfermeira entrou sem ruído e segredou qualquer coisa para Roy. Ele saiu com Cass. — Filho, — disse ele. — Você precisa ter coragem. Por ela. A criança está morta. — Por quatro horas fizeram Jinny esperar. Então Roy foi forçado a contar-lhe tudo. Ela arregalou os olhos, depois começou a chorar, baixinho. E muito depois da saída do médico ela ainda chorava, inconsolável como uma criança assustada...



SALA DE JANTAR

O modelo que acima estampamos deverá ser confeccionado em madeira imbuia encerada, cor natural. As cadeiras têm o ferro e couro verde. Paredes de cor branca com lambris e vitrais também em imbuia. Forração com passadeira de lã bege, tapete também de lã em cor verde, e completando a decoração, cortinas em voile de seda creme.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

7 QUALIDADES QUE JUSTIFICAM A SUA PREFERÊNCIA...



MIDO MULTIFORT, algo de mágico em um presente de festas... O relógio revolucionário, planejado para o homem de acção e a mulher moderna. Cada uma de suas 7 qualidades extraordinárias representa mais um motivo de vaidade para quem o recebe e aviva a recordação de quem o oferece.

- ★ 100% IMPERMEÁVEL
- ★ SUPER-AUTOMÁTICO
- ★ PARA-CHOQUES
- ★ PRECISO
- ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL
- ★ ANTI-MAGNÉTICO

Mido
MULTIFORT

RELÓGIO SUÍÇO COM 17 RUBIS



Limitada quantidade
de relógios a venda.